UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E BIOCIÊNCIAS - PPGENFBIO

FRANCIANE DANTAS DE LIMA

O COMPARTILHAMENTO E O REÚSO DE DADOS DOS PESQUISADORES DE GRUPOS DE PESQUISA NA ÁREA DE ENFERMAGEM DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO
2025

FRANCIANE DANTAS DE LIMA

O COMPARTILHAMENTO E O REÚSO DE DADOS DOS PESQUISADORES DE GRUPOS DE PESQUISA NA ÁREA DE ENFERMAGEM DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de Concentração: Enfermagem, Biociências, Saúde, Ambiente e Cuidado.

Orientador: Profª. Drª. Maria Simone de Menezes Alencar

RIO DE JANEIRO
2025

Lima, Franciane Dantas de
L732 O compartilhamento e reúso de dados dos pesquisadores de grupos de pesquisa na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro / Franciane Dantas de Lima. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2025.
199f

Orientadora: Maria Simone de Menezes Alencar.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências, 2025.

1. Compartilhamento de dados. 2. Reúso de dados. 3. Dados de pesquisa. I. Alencar, Maria Simone de Menezes, orient. II. Título.

FRANCIANE DANTAS DE LIMA

O COMPARTILHAMENTO E O REÚSO DE DADOS DOS PESQUISADORES DE GRUPOS DE PESQUISA NA ÁREA DE ENFERMAGEM DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de concentração: Enfermagem, Biociências, Saúde, Ambiente e Cuidado.

Aprovada em: ___ / ___ / _____.

Banca Examinadora

gov.br
Documento assinado digitalmente
MARIA SIMONE DE MENEZES ALENCAR
Data: 30/03/2025 17:13:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Profª. Drª. Maria Simone de Menezes Alencar (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

_____
Profª. Drª. Luana Farias Sales Marques - 1ª. Examinadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

_____
Profª. Drª. Cintia Silva Fassarella- 2º. Examinadora
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

_____
Profª. Drª. Sônia Regina de Souza - 3º. Examinador
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

_____
Profª. Drª. Inês Maria Meneses dos Santos - 4ª. Examinadora
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

_____
Prof. Dr. Luís Fernando Sayão - 1º. Suplente Externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

_____
Prof. Dr. Carlos Roberto Lyra da Silva - 1º. Suplente Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Lúcia, que mesmo com todas as dificuldades e com seu jeito simples, ainda está ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por não me deixar desistir e me guiar sempre pelo caminho do bem.

À Professora Simone Alencar, que aceitou o desafio de me orientar e acreditou no meu potencial para escrever este estudo.

Aos colegas do LAbINOVA, por me darem a oportunidade de explorar conhecimentos além da enfermagem.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que com competência e dedicação conduziram o curso de doutorado.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

À equipe da UTI-Neonatal do HUGG por me ajudarem nos diversos momentos que precisei.

Aos meus amigos Márcia e André (*in memorian*) que sempre estiveram comigo apoiando as minhas decisões.

Muito obrigada!

"É preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê...".

Los Hermanos

RESUMO

A produção de conhecimento científico tem passado por transformações significativas ao longo do tempo, acompanhando mudanças tecnológicas e sociais que intensificaram a geração de dados. Na área de Enfermagem, essas mudanças têm impulsionado avanços relacionados ao cuidado, ao ensino e às demandas de pesquisa, refletindo tendências globais. Nesse cenário, torna-se essencial que profissionais de Enfermagem reconheçam a importância do compartilhamento e do reúso de dados, sempre acompanhados de boas práticas éticas. A aceleração do processo de investigação científica e a maior velocidade do fluxo de informações evidenciam a relevância do compartilhamento de dados de pesquisa como uma competência fundamental do pesquisador, o que motiva estudos sobre como grupos de pesquisa em Enfermagem realizam ou planejam essa prática, incluindo o reúso de dados de outras investigações ou mesmo de suas próprias. A escolha de grupos de pesquisa como fonte de coleta de dados justifica-se por seu papel no fortalecimento da pesquisa e na formação de pesquisadores. Diante disso, este estudo tem como objetivo refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa adotadas por pesquisadores da área de Enfermagem no Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, realizada de acordo com as diretrizes do COREQ. A coleta de dados foi realizada nos meses de março e abril de 2024, por meio de entrevistas baseadas em um roteiro de 11 perguntas abertas, direcionadas a líderes e vice-líderes de grupos de pesquisa em Enfermagem no Estado do Rio de Janeiro. A amostra compreendeu 14 pesquisadores, entrevistados presencialmente ou on-line. As respostas foram analisadas pelo software Iramuteq, que evidenciou principalmente as palavras “dados” e “pesquisa”. Além disso, foram identificadas cinco classes de análise, às quais se atribuiu um nome específico no contexto desta pesquisa: Publicação e disseminação de pesquisas; A prática de compartilhamento de dados; Transparência e produção do conhecimento científico; Metodologia de coleta e reúso de dados; e Questões humanas e sociais na saúde. Os resultados indicam que, embora os líderes e vice-líderes desses grupos de pesquisa reconheçam dificuldades para adotar o compartilhamento e o reúso de dados de forma rotineira, é possível superar tais obstáculos com capacitação. Recomenda-se, portanto, o desenvolvimento contínuo de materiais educacionais que demonstrem onde e como os dados podem ser compartilhados de maneira eficiente e organizada, viabilizando, portanto, seu reúso.

Palavras-chave: Compartilhamento de dados. Reúso de dados. Dados de pesquisa. Enfermagem.

ABSTRACT

The production of scientific knowledge has undergone significant transformations over time, accompanying technological and social changes that have intensified data generation. In nursing, these changes have driven advances in care, teaching and research demands, reflecting global trends. In this scenario, it is essential that nursing professionals recognize the importance of sharing and reusing data, always followed by good ethical practices. The acceleration of the scientific research process and the faster flow of information highlight the relevance of sharing research data as a fundamental competence of researchers, which motivates studies on how nursing research groups carry out or plan this practice, including the reuse of data from other investigations or even their own. The choice of research groups as a source of data collection is justified by their role in strengthening research and training researchers. Thus, the aim of this study is to reflect upon the research data sharing and reuse practices adopted by nursing researchers in the state of Rio de Janeiro. This is a qualitative, exploratory and descriptive study carried out in accordance with the COREQ guidelines. Data was collected in March and April 2024, through interviews based on a script of 11 open questions, directed at leaders and vice-leaders of nursing research groups in the state of Rio de Janeiro. The sample comprised 14 researchers, interviewed in person or online. The answers were analyzed using Iramuteq software, which mainly highlighted the words “data” and “research”. In addition, five classes of analysis were identified, to which a specific name was given in the context of this research: Publication and dissemination of research; The practice of sharing data; Transparency and the production of scientific knowledge; Methodology for collecting and reusing data; and Human and social issues in health. The results indicate that, although the leaders and deputy leaders of these research groups recognize difficulties in adopting data sharing and reuse on a routine basis, it is possible to overcome these obstacles with training. We therefore recommend the continued development of educational materials that demonstrate where and how data can be shared in an efficient and organized manner, therefore enabling its reuse.
Keywords: Data Sharing. Data Reuse. Research Data. Nursing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A distribuição da geração de dados de pesquisa 30

Figura 2 - Taxonomia dos dados de pesquisa 35

Figura 3 - Diagrama das causas da mortalidade no exército do Oriente 47

Figura 4 - Tela de consulta ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq 54

Figura 5 - Tela de consulta ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq - filtros 55

Figura 6 - Exemplo de espelho de grupo de pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq 56

Figura 7 - Exemplo do corpus 65

Figura 8 - Seleção dos nomes e e-mails respectivos dos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa em Enfermagem localizados no RJ 74

Figura 9 - Principais resultados da CHD 79

Figura 10 - Perfil das 5 classes 80

Figura 11 - Análise de Similitude com círculos de agrupamentos 81

Figura 12 - Análise de Similitude com grupo de palavras mais relacionadas 82

Figura 13 - Dendrograma da classificação (CHD) do corpus 84

Figura 14 - Dendrograma com a divisão das classes 85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alguns marcos da Ciência Aberta 33

Quadro 2 - Autores e razões para o compartilhamento de dados na área da saúde 39

Quadro 3 - Autores e Razões para não compartilhar dados na área da saúde 42

Quadro 4 - Compreensão dos autores em relação ao reúso de dados 45

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Grupos de Pesquisa na área de enfermagem no Estado do RJ 70

Gráfico 2 - Ano de formação dos Grupos de Pesquisa na área de enfermagem 71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos participantes de acordo com o tempo de atuação na pesquisa 76

Tabela 2 - Distribuição dos participantes de acordo com a disciplina principal baseada na pesquisa atual do pesquisador 77

Tabela 3 - Distribuição conforme a instituição vinculada 77

Tabela 4 - Distribuição de acordo com o financiador da pesquisa 78

Tabela 5 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 4 86

Tabela 6 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 3 87

Tabela 7 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 1 88

Tabela 8 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 5 89

Tabela 9 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 2 90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

AFC - Análise Fatorial de Correspondência

APC - Article Processing Charge

APQ 1 - Auxílio à Pesquisa

arXiv - Repositório de arquivos eletrônicos

BOAI - Budapest Open Access Initiative

BVS - Biblioteca Virtual em Saúde

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

CENSA - Centro Educacional Nossa Senhora Aparecida

CHD - Classificação Hierárquica Descendente

CIPE - Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNS - Conselho Nacional de Saúde

COFEN - Conselho Federal de Enfermagem

COREQ - Critérios Consolidados para Relatos de Pesquisa Qualitativa

DeC - Descritores em Ciências da Saúde

DGP - Diretório de Grupos de Pesquisa

DNA - Ácido desoxirribonucleico

DOI - *Digital Object Identifier*

EEAP - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto

ESTÁCIO - Universidade Estácio de Sá

FAIR - *Findable, Accessible, Interoperable, Reusable*

FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

GNU GPL - *General Public License*

HCE - Hospital Central do Exército

HSE - Hospital Servidores do Estado

INTO - Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia

LabINOVA - Laboratório de Ciência Aberta e Dados de Pesquisa para apoio à Inovação

LGPD - Lei Geral de Proteção de Dados

MeSH - *Medical Subject Headings*

NANDA - *North American Nursing Diagnosis Association International*

NBR - Norma Brasileira

NIC - Classificação de Intervenções de Enfermagem

NOC - Classificação de Resultados de Enfermagem

OA - Open Access

PGD - Plano de Gestão de Dados

PPGENF - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

PPGENFBIO - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências

PPGSTEH - Programa de Pós-Graduação em Saúde e Tecnologia no Espaço Hospitalar

Scielo - *Science Electronic Library Online*

ST - Segmentos de Texto

SUS - Sistema Único de Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCE - Unidades de Contextos Elementares

UCI - Unidade de Contexto Inicial

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNIVASSOURAS - Universidade de Vassouras

UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira

USU - Universidade Santa Úrsula

UVA - Universidade Veiga de Almeida

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	16
2	**JUSTIFICATIVA / RELEVÂNCIA**	20
3	**OBJETIVOS**	23
4	**REVISÃO DA LITERATURA**	24
4.1	PARADIGMAS DA CIÊNCIA	24
4.2	EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA: *E-SCIENCE*, *BIG SCIENCE* E *SMALL SCIENCE*	26
4.3	CIÊNCIA ABERTA	31
4.4	DADOS DE PESQUISA ABERTOS	34
4.4.1	**Compartilhamento e reúso de dados**	38
4.4.2	**Dados de pesquisa e a enfermagem**	46
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
5.1	ELABORAÇÃO DO PLANO DE GESTÃO DE DADOS	51
5.2	REVISÃO DE LITERATURA	51
5.3	MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA	52
5.4	PESQUISA DE CAMPO	57
5.4.1	**Tipo de estudo**	57
5.4.2	**Elaboração do roteiro de entrevistas**	58
5.4.3	**Submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unirio**	59
5.4.4	**Testes e ajustes do roteiro de entrevista**	60
5.4.5	**Tamanho da amostra**	60
5.4.6	**Convite para participar da pesquisa**	61
5.4.7	**Agendamento da entrevista**	61
5.4.8	**Critérios de inclusão e exclusão do participante**	62
5.4.9	**Aplicação das entrevistas**	62
5.5	ANÁLISE DE DADOS	63
5.5.1	**O preparo do corpus textual**	63
5.5.2	**A análise lexical**	65
5.5.3	**Método de Reinert ou Classificação Hierárquica Descendente (CHD)**	65
5.5.4	**Análise de Similitude**	67
6	**RESULTADOS E DISCUSSÃO**	68
6.1	PLANO DE GESTÃO DE DADOS	68

6.2	REVISÃO DE LITERATURA	68
6.3	CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA	69
6.4	ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DA ENTREVISTA	72
6.4.1	**Mapeamento dos grupos de pesquisa em Enfermagem no Estado do Rio de Janeiro**	72
6.5	AMOSTRA DA PESQUISA	73
6.5.1	**Caracterização da amostra**	75
6.6	ANÁLISE DOS DADOS	79
6.6.1	**Análise de Similitude**	80
6.6.2	**Classificação Hierárquica Descendente (CHD)**	83
6.6.3	**Classe 4 - Publicação e disseminação de pesquisa**	90
6.6.4	**Classe 3 - A prática de compartilhamento de dados**	97
6.6.5	**Classe 1 - Transparência e produção de conhecimento científico**	104
6.6.6	**Classe 5 - Metodologia de coleta e reúso de dados**	112
6.6.7	**Classe 2 - Questões humanas e sociais na saúde**	118
7	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	126
	REFERÊNCIAS	131
	Apêndice A - Plano de Gestão de Dados	151
	Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o Entrevistado	157
	Apêndice C - Convite para Ajuste do Roteiro de Entrevista para Avaliadores	159
	Apêndice D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para Avaliador	160
	Apêndice E - Avaliação do Roteiro de Entrevista	162
	Apêndice F - Convite para Participação do Pesquisador	185
	Apêndice G - Perfil do Entrevistado	186
	Apêndice H - Roteiro de Entrevista da Pesquisa	192
	Anexo A - Check-list dos critérios consolidados para relatos de pesquisa qualitativa (COREQ)	194
	Anexo B - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	196

1 **INTRODUÇÃO**

Durante a trajetória do conhecimento científico várias perspectivas foram utilizadas para compreender a ciência pelas sociedades, assim como o modo de fazê-la tem proporcionado várias mudanças significativas no decorrer dos anos. O avanço da Ciência não ocorre de forma linear e é preciso estar acessível para aceitar que uma hipótese possa ser alterada ou descartada ou até mesmo que as observações não foram suficientes para comprovar sua teoria. Chalmers (1993) aborda a evolução destes conceitos, mostrando que a Ciência avança ao passo que falhas e limitações são identificadas. Apesar de toda a dificuldade em construir modelos de teorias que expliquem os fenômenos observados, a pesquisa no decorrer dos séculos possibilitou a existência da tecnologia que pode ser observada nos dias atuais.

Sob esse ponto de vista, o avanço da Ciência faz com que a pesquisa científica acompanhe essa trajetória tornando-se mais intensiva na produção de seus dados. E como expõe Jiménez (2020) que dentre as características deste novo momento pelo qual a ciência passa, destaca-se a abertura dos processos investigativos pela comunidade acadêmica, como um passo fundamental à universalização, avanço e democratização da ciência.

Partindo desse entendimento, na vida moderna, grandes quantidades de dados também surgem diariamente das novas técnicas de pesquisa, dos equipamentos digitais e das tecnologias de informação. Em outras palavras, todo esse processo pode ser chamado de *Big Data*, onde esses grandes volumes de dados são os que atraem a atenção de grandes corporações, agências de fomento, formuladores de políticas científicas, das instituições de pesquisa e da sociedade em geral.

Nesta instância *Big Data* compreende a geração, tratamento e análise de grandes volumes de dados que excedem as capacidades convencionais de processamento, e vem sendo explorado também por empresas, governos e outros segmentos interessados em extrair informações a partir de grandes quantidades de dados não estruturados (Albagli; Appel; Maciel, 2014). Porém, no contexto da ciência, destaca-se a *big science*[1], a qual é orientada por dados, sendo caracterizada pela composição de um pequeno número de grandes projetos científicos que geram muitos dados e podem exigir altos custos, grandes instrumentos, longa duração, muitos colaboradores e se encontram muito bem estruturados, em grandes servidores, bem organizados no mundo da ciência.

[1] Optou-se por manter os termos *big science* e *small science*, grande ciência e pequena ciência, respectivamente considerando que são mais utilizados em inglês na literatura científica sobre o tema.

Por outro lado, quando se olha para as pesquisas construídas nos Grupos de Pesquisa na área de Enfermagem, a maioria dos projetos científicos geram pequenos volumes de dados, que podem ser de baixo custo, curta duração, pequenas equipes e utilizam-se de pequenos instrumentos e em geral são orientadas por hipóteses. Esses dados são característica da *Small Science* e em geral não estão publicados e nem armazenados. É um território com altos coeficientes de autonomia, que favorece a inovação e a geração de conhecimentos multi e interdisciplinares (Sayão; Sales, 2019, p. 42). É nesse universo que se encontra a presente pesquisa.

Esse fenômeno é chamado de "cauda longa da pesquisa":

> ...na cauda longa está identificada uma grande quantidade de projetos liderados por cientistas individualmente ou por pequenas equipes e por laboratórios independentes que desenvolvem um grande número de projetos científicos em várias e diferentes universidades e institutos de pesquisa, e em diversos domínios disciplinares (Sales; Sayão, 2019a, p. 155).

Quando se traz a Ciência sob a ótica da enfermagem, as suas mudanças no transcorrer dos anos surtiram efeito na progressão do conhecimento na área, acompanhando o rumo global repercutindo nos progressos fundamentais associados ao cuidado, ao ensino e, em sequência, às requisições de pesquisa na área de Enfermagem.

Com o rápido aumento na capacidade de capturar e armazenar dados, novas oportunidades são expostas para pesquisadores, sendo o foco nesta pesquisa aqueles de enfermagem. A área de pesquisa em Enfermagem está em constante transformação e já em 2014, Castral, Daré e Scochi afirmavam que "a produção de conhecimento da Enfermagem brasileira está em franco desenvolvimento, articulada ao crescimento da pós-graduação na área, com repercussões na sua visibilidade nacional e internacional".

Guimarães, Gontijo e Rodrigues (2019), acrescentam que essa expansão é constatada pelo aumento do número de cursos e programas, de egressos e da produtividade científica em publicação de artigos em periódicos de impacto na área.

A enfermagem tem buscado se qualificar cada vez mais, procurando conduzir seu conhecimento conforme vai absorvendo conteúdos mais abrangentes fazendo mudanças em sua forma de pensar. O relatório do período de 2017-2020 de avaliação quadrienal[2] dos programas de pós-graduação da área de enfermagem (CAPES, 2021) mostra que:

[2]Relatório de avaliação da área de enfermagem pelo CAPES. Endereço:https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/19122022_RelatriodaAvaliaodareaenfermagemfinal.pdf.

> A pós-graduação em enfermagem, por meio dos seus produtos e processos e por sua natureza profissional e objetos de pesquisa, é organicamente conectada ao processo de transferência de conhecimento para a sociedade. [...] espera-se manter o desenvolvimento de pesquisas estratégicas, voltadas ao avanço do conhecimento, com utilização precoce dos resultados (CAPES, 2021, p. 54).

Apesar de a enfermagem possuir suas práticas mais voltadas para o cuidado considerado complexo, a criação do conhecimento é dinâmica, recebida de vários integrantes da equipe de diferentes maneiras. Essa interdisciplinaridade faz com que dialogue o saber com os demais profissionais da área de saúde e afins. O relatório de avaliação quadrienal publicado em 2021 ainda confirma a enfermagem como a maior força de trabalho do Sistema Único de Saúde (SUS[3]) e consolida a produção do conhecimento na área visando fortalecer o cuidado. Sobre a coordenação de Machado (2017), o Cofen[4] junto com a Fiocruz[5] traçaram o perfil da enfermagem brasileira, onde a descreveram como a maior categoria profissional do campo de Saúde no Brasil, sendo uma profissão presente em todos os municípios e fortemente inserida no SUS e com atuação nos setores público, privado, filantrópico e de ensino.

Neste amplo campo de atuação, a enfermagem produz dados em todo o seu processo de trabalho, como por exemplo, os dados em que são extraídos do cuidado e são inseridos nos prontuários que podem ser ricos para serem utilizados como dados secundários auxiliando nos atendimentos baseados em evidências, bem como em atividades de ensino e pesquisa. Então, para os pesquisadores na área, é interessante que eles tenham conhecimento da importância do compartilhamento e reúso dos dados, após o tratamento e descrição com utilização de padrões, não esquecendo das boas práticas em relação à ética. É importante salientar que a enfermagem não produz somente dados inerentes no seu processo de cuidar, mas também no gerenciamento, no ensino, na pesquisa e na extensão.

Cabe ressaltar que a percepção de se compartilhar e reusar dados deve ser apresentada desde a graduação onde o estudante passa a ter seus primeiros contatos com o ato de pesquisar:

> Em decorrência das novas demandas que emergem da sociedade atual, a construção do profissional competente inicia-se na escola de enfermagem e dentro desse ambiente o compartilhamento de conhecimento científico é atribuído aos grupos de pesquisa (Carvalho, Silvino e Souza, 2022, p. 2).

---

[3] Sistema Único de Saúde - um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo de acesso universal. Página: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sus.
[4] Conselho Federal de Enfermagem. Página: http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/index.html.
[5] Fundação Oswaldo Cruz. Página: https://portal.fiocruz.br/.

Seguindo essa premissa, o objeto deste estudo é a perspectiva de compartilhamento e reuso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), um líder de grupo possui liderança acadêmica e intelectual no seu ambiente de pesquisa. É ele quem coordena e realiza planejamentos de trabalhos de pesquisa do grupo e possui a função de reunir esforços dos outros pesquisadores mostrando novas perspectivas e áreas de atuação dos trabalhos. Além do mais, um grupo de pesquisa pode possuir até dois líderes, sendo chamados de 1º líder e 2º líder. Para esta pesquisa, denomina-se de líderes e vice-líderes (CNPq, s.d.).

A possibilidade de compartilhamento e reúso dos dados são um dos pilares da Ciência Aberta, que é retratada por um conceito que representa uma abertura para a democratização do conhecimento. Muitos são os benefícios da ciência aberta a todos os envolvidos, tanto aos pesquisadores e às instituições de pesquisa e fomento, quanto para a sociedade ao promover a qualidade e eficiência da pesquisa e produção de novos conhecimentos (Lecardelli; Lucas, 2019).

Anglada e Abadal (2018) acrescentam ainda que a ciência aberta é isto: uma mudança de paradigma na forma de fazer ciência. Não muda substancialmente em relação às suas motivações e objetivos, mas muda significativamente em termos de seus métodos. A mudança não está no que é feito, mas em como é feito.

2 **JUSTIFICATIVA / RELEVÂNCIA**

A promoção do acesso ao conhecimento é uma das bases de uma sociedade mais justa, visto que a ciência deve ser feita de acordo com as demandas da coletividade. Conhecimento científico é um patrimônio da humanidade, devido a sua importância no desenvolvimento socioeconômico dos países, a demanda pelo compartilhamento de informações científicas de forma livre nunca foi tão necessária como nos últimos anos (Monteiro; Lucas, 2019).

É inegável que nas últimas décadas houve um processo de transformação e inovação tecnológica, principalmente na área de saúde. Isso acelerou o processo de investigação científica, aumentou a velocidade do fluxo de informações encontrando na ciência aberta um modelo que potencializa a transparência, colaboração e democratização do conhecimento científico.

A Ciência Aberta traz consigo todo um novo conceito em fazer ciência que está em constante evolução abordando diversas áreas de conhecimento fazendo com que pesquisadores procurem se adequar ao novo modo de processo científico. Também em constante evolução está a pesquisa em Enfermagem.

A enfermagem é uma profissão fundamental da saúde, ela tem um peso importantíssimo a qual está presente em várias estruturas organizacionais. Tem progredido ao longo dos anos, flutuando sobre assuntos que vão desde a prática assistencial até o conhecimento científico especializado, provocando a consolidação e fortalecimento da área.

É também considerada um campo de conhecimento científico, tecnológico e de inovação e uma prática social comprometida com as políticas públicas de atenção à saúde. Como ciência, ela faz conexões com diversos campos do saber, visando às potencialidades para a (re)construção de conhecimentos para atender as diversidades que permeiam o saber e as práticas da profissão (Mendonça *et al.*, 2018).

Ainda assim, a produção de conhecimento da área de Enfermagem pode encontrar dificuldades na organização estrutural dos dados gerados durante a pesquisa, pois cada pesquisador pode lançar mão de múltiplas estratégias que julgar adequadas durante a produção do conhecimento. É uma extensa área de atuação e pesquisa. Em consequência, para analisar esses dados gerados durante a pesquisa é preciso conhecer todos os processos envolvidos desde a sua coleta até o compartilhamento e reuso dos dados de pesquisa de enfermagem. A isto pode-se complementar que o conhecimento, as habilidades e atitudes podem repercutir na produção de melhores resultados organizacionais.

Houtkoop *et al.* (2018) descrevem que o processo de compartilhamento de dados pode-se tornar mais eficiente e menos demorado partindo-se do princípio de como saber exatamente onde e como compartilhar. Além do mais, Winkler e Berenbon (2021) alegam que quando se compartilha os dados, outros pesquisadores podem abordá-los com uma perspectiva teórica ou uma técnica analítica diferente e podem produzir achados que não seriam possíveis sem essa colaboração.

Os conjuntos de dados gerados pelas pesquisas de enfermagem possuem uma variedade imensa e que podem atender a várias aplicações. Conjuntos de dados que incluem diversos tipos de dados, formas incompatíveis e tempo de coleta desequilibrado exigem alternativos métodos de organização, integração e análise para ganhar significado (Docherty *et al.*, 2017, p. 115). Desta forma, as diversas áreas de atuação da enfermagem podem dispor de padrões irregulares de dados e formas diferentes de compartilhamento. Para tanto, é necessário alcançar modelos que sejam universalmente aceitos para a partilha desses dados, já que é uma das partes mais dispendiosas na curadoria dos dados.

Para a área da enfermagem, o compartilhamento dos dados de pesquisa pode contribuir muito com uma troca favorável de experiências, novos saberes e auxiliando também na prática assistencial, além de contribuir para a formação do enfermeiro.

Há um consenso por parte das comunidades científicas mais experientes de que todo o conjunto de práticas que viabilizam o acesso a dados contribui essencialmente ao exercício e progresso da ciência (Jiménez, 2020).

A prática de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa tem sido desenvolvida como uma práxis vigente nos processos de investigação nos países desenvolvidos, que na época atual é observado como um componente indispensável na tarefa do pesquisador. Os países associados à União Europeia, os Estados Unidos, dentre outros - que se destacam pelo seu contínuo progresso científico e tecnológico - são considerados hoje referências em nível mundial em iniciativas que possibilitam o uso e reúso de dados de pesquisa (Dias; Anjos; Rodrigues, 2019).

À vista disso, nota-se que o compartilhamento de dados de pesquisa no ambiente acadêmico é uma prática relevante no desenvolvimento de pesquisas científicas (Carvalho, Leite e Bertin, 2021). Atualmente tem sido um grande desafio para a enfermagem estabelecer a sua base de conhecimento com uma estrutura organizada de informações utilizando as metodologias disponíveis para o fortalecimento do pensamento crítico na área. Cada vez mais o compartilhamento de dados de pesquisa, no contexto científico, tem se tornado uma prática essencial, reconhecida como uma competência fundamental do pesquisador.

Não se pode deixar de citar que com a pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, trouxe, além de dúvidas e anseios para a comunidade científica e a população, a importância da abertura e compartilhamento de dados na área da saúde. Sendo assim, é primordial o interesse em entender como os grupos de pesquisa na área de enfermagem têm procurado realizar o compartilhamento dos seus dados gerados em suas pesquisas e se reutilizam dados de outras pesquisas ou até mesmo de suas próprias.

Todo grupo de pesquisa possui o líder e vice-líder que são responsáveis por organizar e idealizar trabalhos de pesquisa com os demais componentes conduzindo as pesquisas para direções promissoras e novas esferas de atuação de trabalhos. A escolha de grupo de pesquisa como fonte de coleta de dados se deu por ser uma organização de pessoas, ou seja, pesquisadores e acadêmicos, que pretendem realizar uma pesquisa num determinado assunto (Neves Guimarães de Carvalho *et al.*, 2022). E tem contribuído para o fortalecimento da pesquisa, bem como para a melhoria da formação de pesquisadores e a ampliação de intercâmbios e parcerias com grupos e pesquisadores nacionais e estrangeiros (Mainardes, 2021).

Configurando a hipótese dessa pesquisa, líderes e vice-líderes de grupos de pesquisa em enfermagem possuem perspectivas reduzidas sobre o compartilhamento e o reúso de dados de pesquisa.

Nessa perspectiva, reconhecer as práticas de como os líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa na área de enfermagem têm procurado compartilhar e reutilizar os dados de pesquisa é demasiadamente relevante, uma vez que a contar dos resultados será capaz de esclarecer possíveis etapas que sustentam a construção do acesso aberto a dados de pesquisa.

3 **OBJETIVOS**

O seguinte questionamento surgiu para direcionar esta pesquisa: quais são as perspectivas dos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa na área de enfermagem do Rio de Janeiro a respeito do compartilhamento e reúso de dados de pesquisa?

Dessa forma, para responder este questionamento, esta pesquisa tem como objetivo geral: *refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro.*

Visando desenvolver essa proposta de modo mais específico, a pesquisa busca:

- Identificar por meio das entrevistas, as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa dos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro;
- Analisar as práticas dos pesquisadores dos grupos de pesquisa na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro sobre o compartilhamento e reúso de dados de pesquisa.

4 **REVISÃO DA LITERATURA**

A ciência contemporânea está amparada na intensa produção de dados e na tecnologia, porém, é preciso entender como se alcançou esse status, sendo assim, neste capítulo foram abordados os Paradigmas da Ciência, Evolução da Ciência: e-Science, *Big Science* e *Small Science*, Ciência Aberta, Dados de pesquisa abertos, Compartilhamento e reúso de dados e por fim os Dados de pesquisa e a enfermagem.

4.1 PARADIGMAS DA CIÊNCIA

No transcorrer do tempo, a Ciência tem procurado explicar a atuação dos eventos químicos, físicos e biológicos da natureza. Seu primórdio se deu ainda na idade moderna, mais precisamente no século XVII com a revolução científica. Schleder e Fazzio (2021) explicam que ao longo da história, por conta das variáveis tangíveis, a física e a química tiveram um desenvolvimento mais rápido se comparado com o campo da biologia.

Em meados dos séculos XVI e XVII, com o advento da revolução científica, capitaneada por figuras importantes como Copérnico, Bacon, Galileu, Descartes, foi que a ciência de fato reivindicou o seu lugar e galgou ao patamar de um ramo próprio de investigação (Rodrigues; Neto, 2022, p. 132).

As revoluções científicas marcam o progresso da ciência onde as práticas possibilitam a mudança da metodologia e conjuntura do fazer científico. Entende-se como revolução científica como “ao abandono de um paradigma e adoção de um novo, não por um único cientista somente, mas pela comunidade científica relevante como um todo” (Chalmers, 1993, p. 120).

Para Thomas Kuhn, físico norte americano, as revoluções científicas são caracterizadas por mudanças radicais na forma como os cientistas entendem e explicam os fenômenos naturais. Durante esses períodos de crise, as teorias antigas são abaladas e as novas teorias são desenvolvidas para substituí-las. Essas novas teorias são chamadas de paradigmas, e elas são aceitas como a explicação correta da natureza até que elas também sejam abaladas por novos fatos e teorias.

Entretanto, Chalmers (1993, p. 125) descreve que um paradigma é composto de suposições teóricas gerais e de leis e técnicas para a sua aplicação adotadas por uma comunidade científica específica. Já Kuhn (2013, p. 40) entende como “as realizações

científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência".

A evolução do trajeto da ciência percorreu diversas formas, desde o conhecimento mitológico ao religioso e do filosófico ao científico, ou seja, passou por diversas etapas. Para que a ciência evolua, é necessário a mudança de paradigma que permite ao cientista explorar e desenvolver novas teorias, testá-las e então estabelecer novas práticas e padrões para a ciência.

A trajetória da Ciência ao longo do tempo mostra sua passagem por quatro revoluções históricas, onde a primeira era empírica, os filósofos e estudiosos tentavam descrever o que ocorria nos fenômenos naturais e como eles se relacionavam. "Há milhares de anos, o processo de descoberta era feito somente a partir de experimentos. Todo o conhecimento acerca dos fenômenos naturais era baseado e adquirido unicamente por meio do que se podia apreender pelos sentidos" (Cordeiro *et al*., 2013, p. 75).

Já o segundo paradigma da Ciência se amparou na ciência teórica onde houve o desenvolvimento de leis físicas e modelos teóricos e mudou a forma de se fazer ciência. Ao invés de se usar a filosofia e a religião para explicar os fenômenos como no primeiro paradigma, passa-se a usar experimentos para testar hipóteses e encontrar respostas. Nomes como Nicolau Copérnico, Galileu Galilei e Isaac Newton marcaram esse era e a forma como a ciência e o universo eram entendidos.

O terceiro paradigma envolve a ciência computacional onde há simulações de fenômenos complexos como os atômicos e moleculares. Ferreira (2018) descreve que a era computacional passou a estabelecer as regras seguintes e passou a conduzir de forma consistente os rumos da ciência.

Atualmente vive-se uma transição para uma ciência dirigida por dados. No terceiro paradigma houve uma grande quantidade de dados gerados e coletados. Então, é preciso trabalhar intensivamente com esses dados, onde se tem muita informação que pode ser utilizada e retrabalhada. E sempre se está gerando novos dados e esses dados não são totalmente explorados, caracterizando assim, o quarto paradigma.

Vale ressaltar que o quarto paradigma não está baseado na concepção de Kuhn, haja visto que Wilbanks (2011) descreve que:

> "...esta não é uma mudança de paradigma no sentido kuhniano. Os dados não estão varrendo para o lixo a velha realidade. Os dados estão simplesmente estabelecendo um conjunto de ônus nas metodologias e nos hábitos sociais que adquirimos para administrar e comunicar nosso empirismo e nossa teoria, na robustez e

> complexidade de nossas simulações e na maneira como expostas, transmitimos e integramos nosso conhecimento (Wilbanks, 2011, p. 218)."

O quarto paradigma introduz na ciência novos desafios e abordagens metodológicas que, até então, não estavam claramente presentes na investigação computacional. Esse novo enfoque não afeta apenas as técnicas de investigação, mas também a cultura de pesquisa, valorizando o compartilhamento e o reúso de dados em plataformas abertas.

É inegável que o quarto paradigma emerge do terceiro; ele não rompe totalmente com o anterior, mas acrescenta uma nova camada, apoiando-se tanto na infraestrutura de computação quanto na integração de grandes volumes de dados gerados atualmente, algo que não era o foco principal no terceiro paradigma.

Considerado ainda em desenvolvimento, o quarto paradigma tem interferido predominantemente no progresso da pesquisa contemporânea. Desta forma, o quarto paradigma muda a forma como as pessoas veem o mundo, modificando o modo como se estuda, como se interpretam os dados e a forma de conclusão das pesquisas. O paradigma é a base de toda a ciência e, portanto, quando se altera, muda a forma como a ciência é desenvolvida e interpretada.

4.2 EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA: *E-SCIENCE*, *BIG SCIENCE* E *SMALL SCIENCE*

O desenvolvimento da Internet modificou a transferência de informação e conhecimento de uma forma que proporciona acesso imediato a novas informações para outros cientistas e o público (Clarke; Garcia, 2015, tradução nossa).

O universo científico sofreu transformações e a internet também participa desse processo. Tolle, Tansley e Hey (2011) descreveu a seguinte passagem baseados em uma transcrição de texto de Jim Gray:

> "Mas a internet pode fazer mais do que simplesmente disponibilizar o texto completo de artigos de pesquisa. Em princípio, ela pode unificar todos os dados científicos e toda literatura para criar um mundo em que os dados e a literatura possam interagir. Você pode ler o artigo de alguém e, em seguida, verificar os dados originais. Pode até refazer a análise do autor. Ou pode examinar alguns dados e, em seguida, descobrir toda a literatura que existe sobre esses dados. Essa capacidade aumentará a velocidade de informação das ciências e melhorará a produtividade científica dos pesquisadores (Tolle; Tansley; Hey, 2011, p. 29)."

Seguindo esse pensamento, toda a população, não somente a científica, tem sido beneficiada com a democratização do conhecimento e informação através da internet. Mas, para a comunidade científica, esse benefício tem sido mais significativo devido ao surgimento e progresso do quarto paradigma.

Na última palestra de Jim Gray para o Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos e para o Conselho de Telecomunicações e Ciências da Computação dos Estados Unidos, em 2007, ele foi pioneiro em trazer a sua perspectiva sobre o Quarto Paradigma de pesquisa científica:

> "Eu queria demonstrar que quase tudo está mudando em ciência por causa da tecnologia da informação. As ciências experimentais, teóricas e computacionais são todas afetadas pelo dilúvio de dados, e começa a emergir um Quarto Paradigma da ciência, o paradigma do uso intensivo de dados. O objetivo é chegar a um mundo em que toda literatura científica esteja *online* e todos os dados científicos também, de forma que possam ser interoperáveis. Para que isso ocorra, muitas novas ferramentas são necessárias (Tolle; Tansley; Hey, 2011, p. 29)."

Além do mais, uma característica peculiar da pesquisa contemporânea é a habilidade de produzir e guardar dados numa grandiosidade nunca antes vista, superando a capacidade de análise do ser humano. Nessa conjuntura, o Quarto Paradigma Científico também é chamado de *e-Science* por alguns autores e é "caracterizado pela produção e uso intensivo de dados e pelo compartilhamento e colaboração baseados em redes de computadores de alto desempenho" (Sales e Sayão, 2015, p. 30).

Por ser considerada como um novo modelo para o desenvolvimento da pesquisa baseada no empoderamento das tecnologias onde há conexão entre os computadores e a grandeza dos dados, em outras palavras, a *e-Science* tem como característica o uso excessivo de dados gerados pelas tecnologias da atualidade.

Entretanto, Silva e Dufloth (2018) explicam que na e-Science há a concepção de que:

> "cientistas da computação se unem a pesquisadores de diferentes domínios para o desenvolvimento de novos conceitos e teorias a partir de grandes massas de dados, em um trabalho que envolve hardware, software e processos que possibilitem a captura, armazenamento, análise e visualização dos dados (Silva; Dufloth, 2018, p. 6).

Sendo assim é inegável que os recursos tecnológicos vêm simplificando práticas e viabilizando a coleta de dados pelos pesquisadores, como é pontuado por Ferreira (2018, p. 20) onde "a *e-Science* agrega-se à infraestrutura, a qual fornece aos cientistas ferramentas que apresentam um escopo para coletar, armazenar, interpretar e analisar a rede de dados produzida e disseminá-la para outros grupos de trabalho".

De forma sucinta, a *e-Science* é a estrutura tecnológica que auxilia o pesquisador na sua investigação e de acordo com o volume de dados se divide em *Big Science* e *Small Science.*

O método tradicionalmente utilizado na obtenção de conhecimento baseado na formulação de uma hipótese a partir de uma experiência com análise de resultados e reformulação da hipótese vem sendo questionado há séculos (Francisco; Silva; Martinez, 2019, p. 224).

Atualmente, a aquisição de conhecimento pode advir da abordagem computacional para a compreensão de fenômenos complexos, resultando numa grande quantidade de dados que demandam uma infraestrutura tecnológica para sua gestão, marcando, desta forma, o progresso do conceito de *Big Data*. Segundo Brennan e Bakken (2015):

> *Big Data* surgiu ao longo da última década para englobar o fenômeno de grandes quantidades de dados. (...) grandes dados são, antes de tudo, uma métrica de tamanho, refletindo inicialmente a ideia de que conjuntos de dados muito superiores aos comumente encontrados em pesquisas ou práticas comerciais estão agora disponíveis e exigem novas formas de gerenciamento e novos métodos de análise. (...) os dados são "grandes" não apenas por causa do tamanho (o volume dos dados), mas também devido a outras características (Brennan; Bakken, 2015, p. 479, tradução nossa).

O tratamento dos dados demanda técnicas mais avançadas do que as utilizadas anteriormente. Atualmente, essas técnicas, que possibilitam uma capacidade computacional elevada, estão ao nosso alcance. Convém destacar que a inteligência artificial é um dos meios para processar dados, assim como o aprendizado de máquina é comumente usado na análise de dados para extrair e processar dados para encontrar padrões usando algoritmos para obter modelos preditivos (Carrodano Tarantino, 2022, p. 5, tradução nossa).

Então, o *Big Data* tem como características o que é chamado de 5 Vs: grande Volume, gerados em grande Velocidade, em uma Variedade de formatos, grau de Veracidade muito grande (frequentemente gerados de uma forma automatizada) e tem grande Valor.

Após 2010, se tornou claro para muitas empresas que o tópico da *Big Data* não era um capricho e que existiam importantes tecnologias e lições desse movimento para serem adotadas (Davenport; Harris, 2020).

Davenport e Harris (2020) descreveram sobre empresas líderes da indústria online (Google[6], eBay[7], Paypal[8], LinkedIn[9], Yahoo![10] dentre outras) que precisariam de novas

[6] Empresa multinacional americana online e de software, cuja missão é organizar as informações do mundo para que sejam universalmente acessíveis. Disponível em: https://www.google.com/.

tecnologias para analisar, armazenar e agir diante da grande quantidade de dados provenientes da sequência de cliques que seus clientes estavam produzindo.

Embora o *Big Data* aborde todas as características descritas anteriormente, no cenário científico contemporâneo ele interliga-se com a big science desempenhando papéis cruciais no avanço do conhecimento e da pesquisa em várias disciplinas. A big science segundo Araújo e Rosa (2022, p. 81) refere-se à investigação científica em grande escala, com orçamentos importantes, equipes numerosas, instrumentos e laboratórios de grandes dimensões, com produção de uma enorme quantidade de dados.

A combinação de *big data* com *big science* é notório em projetos como o Projeto Genoma Humano (onde há a sequenciação massiva de DNA gerando uma quantidade exorbitante de dados que só podem ser analisados e explorados através de técnicas avançadas de *big data*) e no campo da astrofísica onde os telescópios e equipamentos modernos geram dados em larga quantidade que necessitam ser interpretados por equipes multidisciplinares de cientistas. Desta forma, essa combinação busca alcançar um crescimento científico onde toda a sociedade mundial aproveite os produtos gerados por ela.

Toda essa inovação tecnológica digital repercute de forma diferenciada nas práticas acadêmicas transformando o modo de fazer ciência. Quando pesquisas científicas são conduzidas por pessoas ou equipes menores e com recursos mais limitados é chamada de *Small Science*. Essas pesquisas podem estar focadas em áreas mais específicas e possuem um impacto relevante dentro de seus campos de estudo:

> Na pequena ciência, por sua autonomia e potencial disruptivo, é onde ocorrem as inovações, as pesquisas interdisciplinares, as bases para a maioria dos artigos científicos e a conexão com os setores produtivos. Porém, grande parte desse estoque informacional não está disponível para o acesso, compartilhamento e reuso, pois, via de regra, permanecem armazenados nos computadores pessoais dos seus criadores, sem nenhuma gestão que os tornem visíveis (Sales; Sayão, 2019a, p. 152).

A grande maioria de pesquisadores ou pequenos grupos de pesquisa produzem dados de pesquisa que muitas vezes não se encontram disponíveis no mundo digital. No entanto, as pesquisas realizadas por esses pesquisadores/grupos geram pequenos volumes de dados podendo ser definido como a cauda longa da ciência (Figura 1). Ou seja, é caracterizada por "um grande número de pequenas equipes de pesquisadores e laboratórios independentes que

---

[7] Site de comércio eletrônico que negocia inúmeros produtos no Brasil e no mundo. Disponível em: https://www.ebay.com/.

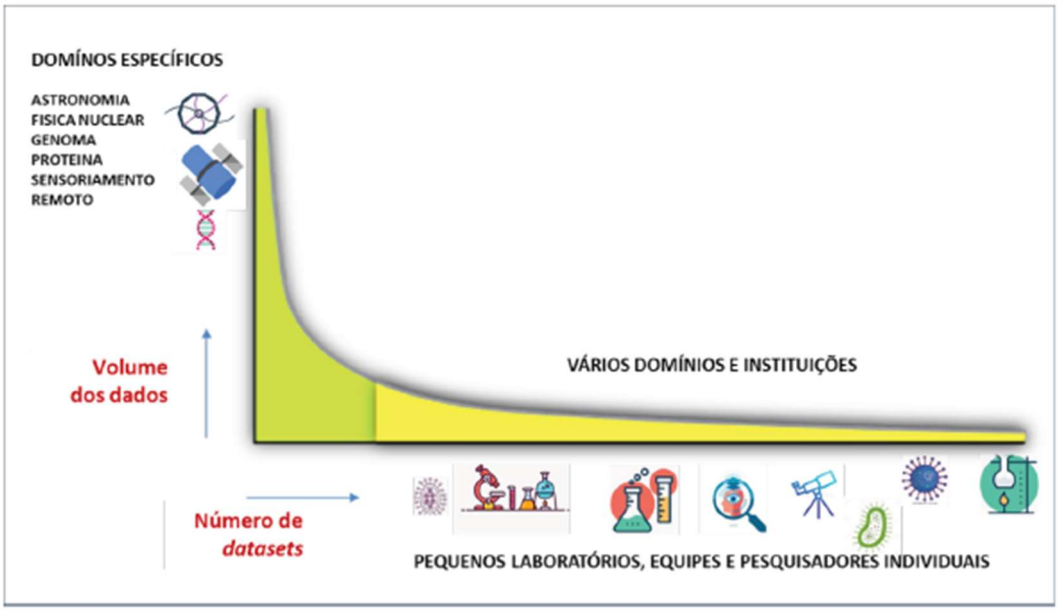
[8] Plataforma de compras na internet funciona como uma carteira digital. Disponível em: https://www.paypal.com/.

[9] Rede social profissional. Disponível em: https://br.linkedin.com/.

[10] Empresa multinacional que opera variados serviços na internet. Disponível em: https://br.yahoo.com/.

gera, em seu dia a dia de pesquisas, uma ampla variedade de coleções de dados" (Sayão; Sales, 2019).

Figura 1 - A distribuição da geração de dados de pesquisa



Fonte: Sales e Sayão (2019a).

Quando esses dados produzidos pelas pesquisas são publicados conquistam condições, utilidades e reutilização não somente por aqueles que produzem como também por outros pesquisadores. Ao invés de ficarem armazenados em arquivos particulares (cauda longa), por vezes inacessíveis após a pesquisa, passam a ser visíveis e conhecidos pela comunidade científica, quando publicados (Pinto, 2022).

A visibilidade dessas pequenas coleções de dados pode influir diretamente nos pesquisadores para que estes possam reaproveitá-las oferecendo uma nova forma de utilidade na pesquisa científica.

Os dados da cauda longa representam a maior parcela de dados produzida pela ciência e constituem um território de constante criatividade e inovação que precisam ser revelados, integrados e compartilhados (Sayão; Sales, 2019).

Os dados que se encontram na cauda longa não possuem a estrutura dos dados da Big Science. Há alguns obstáculos que podem surgir na cauda longa, podendo interferir que esses dados fiquem conectados a outros dados e até mesmo no compartilhamento e reúso deles. Os autores Sayão e Sales (2019) apresentam alguns desses obstáculos:

> "[...] a falta de infraestruturas tecnológicas e gerenciais e de políticas institucionais que assegurem a estabilidade, a persistência e a interoperabilidade dos dados; o controle de qualidade e a padronização, porque a natureza heterogênea e fragmentada dessas coleções exige estratégias diversificadas para sua gestão; políticas voltadas para a publicação de dados, a ausência de esquemas de reconhecimento da autoria e políticas de recompensa pela organização e pela disseminação dos dados e a falta de interesse dos pesquisadores em divulgar dados além dos limites profissionais mais próximos, dados sobre hipóteses não confirmadas e resultados negativos e dados considerados auxiliares de estudos publicados em artigos." (Sayão; Sales, 2019, p. 34).

Contudo, a busca de ferramentas que ajudem na melhor utilização dos dados, sejam eles na própria pesquisa ou para compartilhar, se faz necessário desde o início da pesquisa. Neste contexto, Tenopir *et al.* (2011) descrevem que as práticas de dados dos pesquisadores devem ser estudadas desde a sua descoberta, reutilização, preservação, principalmente, no compartilhamento de dados.

Portanto, nesse novo cenário de maior disponibilidade e acesso ao conhecimento, a Ciência Aberta se destaca ao propor a abertura integral do método científico.

4.3 CIÊNCIA ABERTA

No decorrer dos anos, muitos conceitos foram elaborados para descrever a Ciência Aberta, porém, sempre na esfera regional, nacional ou institucional. Em novembro de 2021, a UNESCO publicou um documento com recomendações, aceito universalmente por 193 países participantes da Conferência Geral da UNESCO, sendo um marco de ação internacional sobre o assunto.

A definição da UNESCO[11] diz que:

> [...] a ciência aberta é definida como um construto inclusivo que combina vários movimentos e práticas que têm o objetivo de disponibilizar abertamente conhecimento científico multilíngue, torná-lo acessível e reutilizável para todos, aumentar as colaborações científicas e o compartilhamento de informações para o benefício da ciência e da sociedade, e abrir os processos de criação, avaliação e comunicação do conhecimento científico a atores da sociedade, além da comunidade científica tradicional. Abrange todas as disciplinas científicas e todos os aspectos das práticas acadêmicas, incluindo ciências básicas e aplicadas, ciências naturais, sociais e humanas, e se baseia nos seguintes pilares-chave: conhecimento científico aberto, infraestrutura científica aberta, comunicação científica, envolvimento aberto dos atores sociais e diálogo aberto com outros sistemas de conhecimento. (UNESCO, 2022, p. 7).

[11] A citação se refere à versão em português das Recomendações, que foi publicada em 2022.

Assim, surge uma referência global para as políticas e práticas da Ciência Aberta após as recomendações da UNESCO. O documento traz uma organização universalizada em relação às suas práticas e políticas e contempla áreas e ações para a divulgação de uma compreensão universal sobre a Ciência Aberta, bem como os seus benefícios e desafios; o desenvolvimento de um ambiente político; o investimento de infraestrutura para a Ciência Aberta; incentivo à cultura para a Ciência Aberta; a promoção da cooperação internacional.

O marco inicial da Ciência Aberta surge no movimento de acesso aberto à informação científica. A necessidade de promover um acesso mais justo e visando o compartilhamento gratuito universal das publicações científicas deu origem ao movimento *Open Access*, também conhecido em português como Acesso Aberto ou Acesso Livre, que surge da necessidade de livre acesso às informações científicas, sem custos e/ou limitações. Tem seu marco inicial em 1991, quando Paul Ginsparg criou o arXiv, um repositório especializado cujo objetivo era o compartilhamento de pesquisas em fase de pré-publicação (Alvarez; Caregnato, 2017; Martins; Perlin, 2020). Em 1999 foi renomeado como ArXiv.org[12] e continua online, contando hoje com mais de 2 milhões de documentos. No Brasil, o marco foi o lançamento do Scielo[13] em 1997, que pioneiramente seguiu como um local de comunicação científica em acesso aberto na *web*.

A primeira declaração a definir o conceito de Acesso Aberto e estabelecer seus princípios básicos foi a Declaração de Budapeste (*Budapest Open Access Initiative* - BOAI) em 2002. Esse importante documento estimulou uma campanha junto à comunidade científica a fim de propiciar uma mudança mundial para fortalecer o Movimento do Acesso Aberto aos resultados de pesquisas científicas e disponibilizar, de forma livre, o acesso aos documentos científicos por meio da internet.

Em 2003, a Declaração de Bethesda (*Bethesda Statement on Open Access Publishing*) aprofundou as ideias introduzidas em Budapeste, focando em definições práticas e no suporte às publicações de acesso aberto.

A terceira declaração que auxiliou no movimento do Acesso Aberto foi a Declaração de Berlim (*Berlin Declaration on Open Access to Knowledge in the Sciences and Humanities*), em 2003, que buscou ampliar o objetivo do acesso aberto, incluindo não apenas

[12] Serviço de distribuição gratuita e arquivo de acesso aberto de artigos acadêmicos nas áreas de física, matemática, ciência da computação, biologia quantitativa, finanças quantitativas, estatística, engenharia elétrica e ciência de sistemas e economia. Os materiais no site não são revisados por pares. Site: https://arxiv.org/.

[13] Science Electronic Library Online (SciELO) consiste numa biblioteca digital de acesso livre e portal eletrônico cooperativo de periódicos científicos fruto de um projeto de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP) em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme). Conta também com o suporte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Site: https://scielo.org/pt.

publicações científicas, mas também dados e recursos educacionais. Com isto houve uma gradativa reflexão no que diz respeito à comunicação e à prática científica.

O quadro 1 apresenta as principais iniciativas adotadas no decorrer dos anos para o avanço da implementação da Ciência Aberta.

Quadro 1 - Alguns marcos da Ciência Aberta

1990	Primeira página da WEB.
1991	Fundação do um repositório online de preprints eletrônicos (e-prints) de artigos científicos é fundado pelo físico americano Paul Ginsparg. Renomeado para ArXiv.org em 1999.
1993	Criação do Open Society Institute (renomeado Open Society Foundation [OSF] desde 2001) por George Soros, cujo objetivo é promover justiça, educação, saúde pública e mídia independente.
1997	Lançamento do SciELO no Brasil
1998	Fundação do Public Knowledge Project (PKP). A PKP criou o Open Conference Systems (2000), Open Journal Systems (2001), Open Harvester Systems (2002) e o Open Monograph Press (2013).
2000	Fundação da BioMed Central e da PubMed Central.
2001	Fundação da Public Library of Science (PLOS).
2002	Iniciativa de Acesso Aberto de Budapest (BOAI).
2003	Declaração de Bethesda sobre Publicação de Acesso Aberto. Declaração de Berlim sobre o Acesso Aberto ao Conhecimento nas Ciências e Humanidades.
2004	Criação da Creative Commons.
2008	Política de Acesso Público dos Institutos Nacionais de Saúde (NIH).
2009	Fair Copyright in Research Works Act.
2012	Primavera Acadêmica – campanha Custo do Conhecimento que visava especificamente a Elsevier. Início da campanha Acess2Research. Lançamento do PeerJ (periódico de acesso aberto que cobra taxas de publicação por meio de associações de pesquisadores, não por artigo).
2013	Berlin 11 Satellite Conference (engajamento do Acesso Aberto à pesquisa científica e acadêmica). Lançamento do Research Data Alliance (RDA) - Organização criada para promover o compartilhamento e a interoperabilidade de dados de pesquisa globalmente.
2014	Primeiro OpenCon em Washington DC (conferência anual para estudantes e pesquisadores em início de carreira sobre Acesso Aberto, Dados Abertos e Recursos Educacionais Abertos). Horizonte 2020 (incorporação do acesso aberto no programa).
2015	Adoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) - Os ODS reforçaram a importância do acesso aberto para alcançar metas globais de desenvolvimento, como educação de qualidade e redução das desigualdades.
2016	Movimento FAIR para Dados de Pesquisa. Diretiva Europeia sobre Ciência Aberta - Lançamento da European Open Science Cloud (EOSC), uma infraestrutura para compartilhar dados de pesquisa em toda a União Europeia.
2017	Botão Unpaywall lançado.
2018	A COAlition-S publicou o Plano S (conjunto de princípios com o objetivo de tomar todas as pesquisas disponíveis de forma livre e aberta.
2019	Ciência Aberta na América Latina e Caribe (LAC-Open Science).
2020	COVID-19 Rapid Review Interview (maximizar a eficiência da revisão por pares da pesquisa COVID-19).
2021	Recomendações da Ciência Aberta pela UNESCO. Política Nacional de Ciência Aberta no Brasil - Adoção de diretrizes nacionais para alinhar práticas científicas brasileiras aos princípios da ciência aberta.
2022	A eLife passa a publicar cada artigo submetido como pré print após revisão por pares.
2023	Nature expandiu políticas de isenção de acesso aberto e incluiu revistas como Nature Biotechnology, Nature Climate, Nature Medicine, Nature Sustainability e Nature Water na iniciativa. Estratégia conjunta (OpenAIRGEGenericName, BAST, SPARC Europa e COAR) para proteger a Rede Européia de Repositórios.

Fonte: A autora (2024).

Entretanto, a ciência aberta é sustentada por pilares e um dos principais é o conhecimento científico aberto que engloba publicações científicas, dados de pesquisa, recursos educacionais, software de código aberto e o envolvimento de múltiplos atores sociais, incluindo comunidades e cidadãos.

Ademais, a UNESCO (2022) acrescenta que o conhecimento científico possibilita tornar acessíveis as metodologias de pesquisa e os processos de avaliação e desta forma os usuários podem acessar livremente as publicações científicas, os recursos educacionais abertos, os softwares e códigos-fonte abertos, hardware aberto e os dados de pesquisa abertos.

4.4 DADOS DE PESQUISA ABERTOS

Com as tecnologias atuais é possível acompanhar a economia global em tempo real onde as informações são acessíveis para qualquer cidadão. Os fluxos de dados são contínuos e podem revelar como uma população se manifesta em relação ao consumo, podem divulgar as rotas de navios, aviões, trens, caminhões, etc, assim como se encontra o fluxo de energia e dinheiro. Não é diferente na ciência quando as informações são fornecidas em pouco tempo, reformulando a forma de fazer da pesquisa científica, uma vez que há um aumento crescente do fluxo de dados que podem interferir para a descoberta de novos conhecimentos. Para Semeler e Pinto (2020) os dados são gerados durante quase todas as atividades humanas ligadas à tecnologia digital. Na ciência segue o mesmo pensamento, como definem os autores:

> O conceito de dados depende do contexto, do pesquisador e da área do conhecimento em que a pesquisa é conduzida e depende de como os dados são gerados e em que estágio do ciclo de vida dos dados as informações estarão presentes (Semeler; Pinto, 2020, tradução nossa).

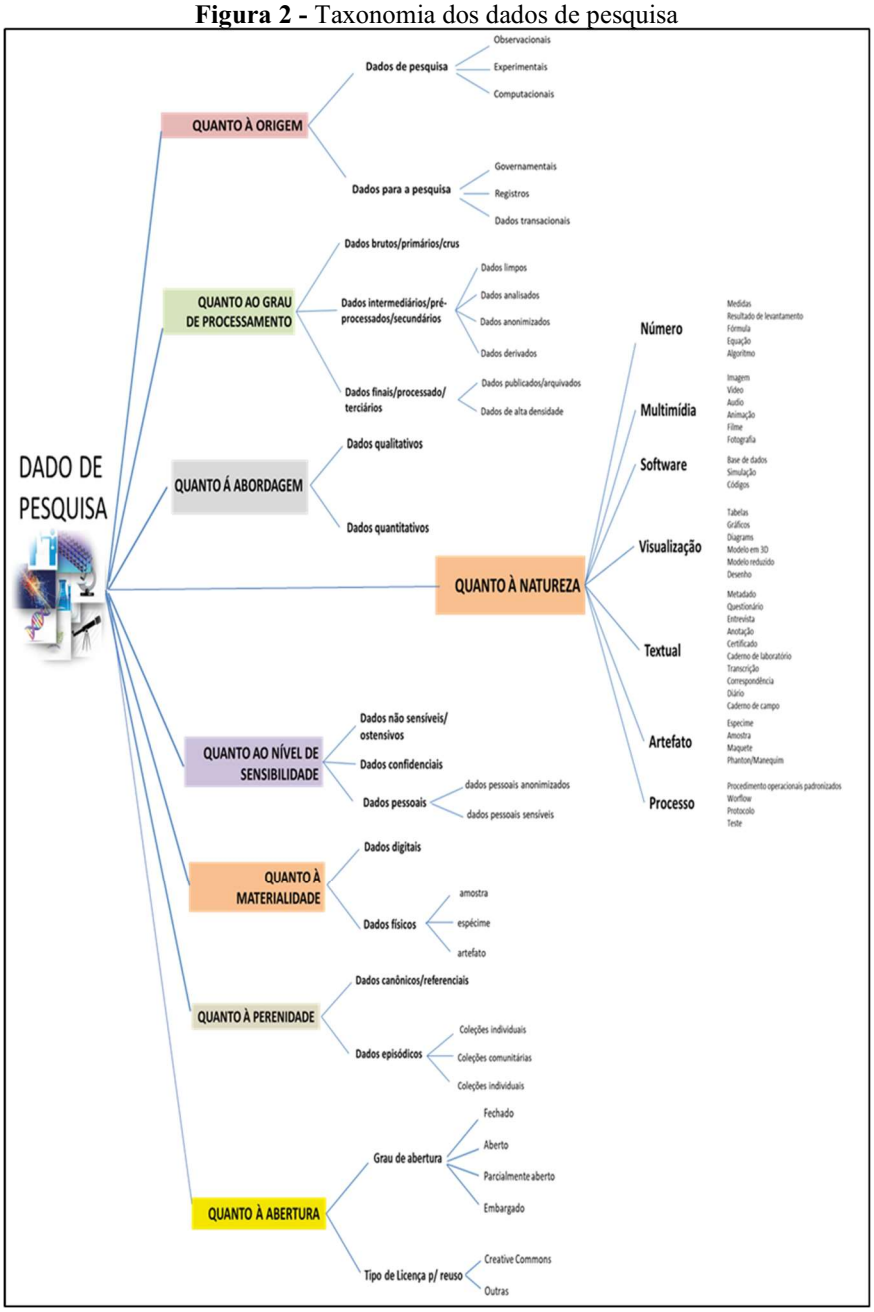
A palavra “dado” é o plural do *latim datum*, que significa dádiva, oferta ou algo reconhecido e usado como base para cálculos, é o vínculo primordial com os fenômenos de amplo espectro em que estamos imersos (Sayão; Sales, 2020, p. 32).

Os dados no ambiente científico são relevantes, suas particularidades, origem, essência, a intenção de sua criação pode auxiliar a forma com que irão ser tratados. Portanto, os dados são concebidos no contexto da pesquisa como aqueles recursos científicos que são gerados ou coletados no processo de investigação e que são necessários para servirem como base da evidência sobre a qual os pesquisadores vão construir o novo conhecimento (Jiménez, 2020).

Todavia, o cuidado com os dados deve ser feito de forma segura e para que isso ocorra, eles precisam ser gerenciados de forma eficaz. Além do mais, os dados de pesquisa possuem tipologias e padrões documentais pré-determinados e são capazes de apresentar formatos, extensões e classificações próprias. Jorge e Albagli (2018, p. 417) explicam que, em alguns casos, os dados são criados para atender a uma finalidade específica (administrativa, por exemplo) e tornam-se dados de pesquisa científica de acordo com seu uso.

A fim de classificar os tipos de dados existentes, Sales e Sayão (2019b) propõem uma sistematização visando a gestão e curadoria dos mesmos. Sendo assim a figura 2 mostra a taxonomia sugerida para a caracterização dos dados de pesquisa:

Figura 2 - Taxonomia dos dados de pesquisa



Fonte: Sales e Sayão (2019b, p. 42).

De fato, o termo “dado de pesquisa” tem uma amplitude de significados que vão se transformando de acordo com domínios científicos específicos, objetos de pesquisas, metodologias de geração e coleta de dados e muitas outras variáveis (Sayão; Sales, 2020).

Sendo assim, a relevância dos dados no contexto científico está intrinsecamente ligada à sua heterogeneidade e as suas propriedades possibilitam descobrir como devem ser tratados para que seu potencial possa ser alcançado. Com isso, os dados de pesquisa têm capacidade de alcançar valor no decorrer dos anos, portanto, a preservação, manutenção, tratamento e gestão são etapas de grande valor.

Entretanto, ao abrir os dados de pesquisa, questões éticas, legais e econômicas podem dificultar o processo. A UNESCO (2022) define diretrizes para a ciência aberta incluindo aí a abertura dos dados de pesquisa respeitando questões éticas, legais, devendo seguir os princípios FAIR[14].

As questões éticas envolvem a privacidade como McCoy *et al*. (2023) afirmam que a abertura dos dados pode comprometer a privacidade principalmente se os dados não forem anonimizados adequadamente. Além do mais, o consentimento, transparência e confiança são importantes para que não causem desconfiança dos participantes nas pesquisas.

Já as questões legais possuem relação direta com as leis e no Brasil, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), Lei n° 13.709/2018**,** tem o intuito de regular o uso de dados pessoais e estabelecer diretrizes para sua proteção.

Em relação a questões econômicas, a abertura de dados pode impactar nos negócios, afetando a competitividade de empresas e inovação (Aldboush; Ferdous, 2023).

Sendo assim, as questões apresentadas aqui devem ser levadas em consideração pelo pesquisador ao conduzir seu estudo, uma vez que os dados de pesquisa constituem o alicerce das descobertas científicas e progressos tecnológicos. A fim de assegurar que esses dados sejam confiáveis, acessíveis e reutilizáveis, é imperativo implementar práticas eficazes de gestão de dados.

Desta forma, a elaboração de um plano de gestão de dados é essencial no auxílio da promoção da transparência, democratização do conhecimento científico, garantindo a qualidade e confiabilidade dos dados gerados na pesquisa.

Portanto, a gestão de dados assegura que os dados sejam organizados de maneira eficiente. É um processo que abarca várias etapas que vão desde o planejamento, a coleta dos dados, onde será o armazenamento, como documentar, como será a preservação e o

[14] Um acrônimo para *Findable* (Encontráveis), *Accessible* (Acessíveis), *Interoperable* (Interoperáveis) e *Reusable* (Reutilizáveis).

compartilhamento. Gerenciar os dados proporciona segurança ao pesquisador, pois se integra às boas práticas científicas.

Além do mais, a quantidade de dados de pesquisa provenientes do mundo científico globalizado tem sido intensificada nos dias atuais fazendo com que haja um verdadeiro fluxo amplificado de dados de pesquisa. Desta forma, há a importância de planificar esses dados para facilitar não somente o seu uso como ajudar que esses dados atinjam cada vez mais outros pesquisadores. Assim, os pesquisadores perceberam que devem organizar seus dados de pesquisa, não apenas para atender às demandas das agências de fomento, mas também para aumentar o reuso e a exposição de seus próprios dados (Henning *et al.*, 2021).

Neste contexto se encontra o Plano de Gestão de Dados (PGD) que atua como um instrumento estratégico essencial, especificando as ações e métodos que serão implementados para garantir a integridade, a acessibilidade e a reutilização dos dados durante todas as fases do projeto. Ao traçar com clareza as orientações para o manejo dos dados, o PGD torna mais simples a execução de uma gestão eficaz dos dados, incentivando a transparência, a reprodutibilidade e o cumprimento de normas éticas e legais, além de satisfazer os requisitos de agências de fomento e instituições de pesquisa.

A organização, validação, integração e análise dos dados são questões práticas que estão envolvidas no compartilhamento e reuso de dados. Ao se decidir compartilhar os dados, o pesquisador precisa primeiramente fazer um planejamento discriminando quais dados serão compartilhados, onde, como, com quem e a forma que será compartilhado. Gilmore, Kennedy e Adolph (2018) explicam que esse planejamento antecipado para compartilhamento dos dados pode ajudar a distribuir os custos por toda a trajetória de um estudo, maximizando a visibilidade e o potencial de reutilização.

Entretanto, nem todos os dados são passíveis de compartilhamento e reutilização. É preciso que esses dados sejam curados e possuam um gerenciamento adequado, pois, a falta de procedimentos claros de organização, documentação e garantia de qualidade pode acarretar riscos de inconsistências, comprometimento da privacidade e até inviabilizar interpretações confiáveis. Portanto, o estabelecimento de diretrizes e curadorias vigorosas dos dados irá contribuir para a conformidade das análises, confiabilidade e reprodutibilidade das pesquisas.

4.4.1 **Compartilhamento e reúso de dados**

O compartilhamento e reúso são etapas da gestão de dados e partes importantes no auxílio de boas práticas. Visam promover a disponibilidade livre e completa dos dados utilizados em pesquisas científicas. Torino *et al.* (2022) descrevem que a necessidade de gestão e disponibilização de dados de pesquisa pode se constituir em uma das respostas às demandas sociais aplicadas à ciência e aos dados de pesquisa, sua transparência, reúso, validação e replicação. Coelho (2022) destaca também a importância do compartilhamento e divulgação dos resultados de pesquisa, com o intuito de fomentar uma cultura diferenciada de uso e reuso de dados.

O modo de compartilhamento de dados depende da propriedade, confidencialidade e complexidade do conjunto de dados. Os pesquisadores devem estar familiarizados com as políticas relacionadas ao compartilhamento de dados (Lin, 2009, p. 136, tradução nossa)[15].

Houtkoop *et al.* (2018) recomendam que o compartilhamento obrigatório de dados seja combinado com o desenvolvimento de materiais educacionais que demonstrem onde e como os dados podem ser compartilhados de forma eficaz e sistemática.

Em 2021, Campos e Alencar descrevem as primeiras aproximações sobre as práticas e percepções dos pesquisadores de enfermagem do Brasil no que se refere ao compartilhamento de dados de pesquisa. Muitas incertezas foram geradas pelo desconhecimento no que diz respeito às práticas para o compartilhamento, desde a forma de organização, armazenamento e disponibilização em rede. Porém, já existem apontamentos positivos quanto aos benefícios ocasionados pelo compartilhamento de dados.

Alguns estudos (Mozersky *et al.* 2021; Perrier; Blondal; MacDonald, 2020) citam o fornecimento de infraestrutura como um aspecto técnico para o êxito do compartilhamento de dados. Enquanto Powell, Deroche e Alexander (2021) acrescentam que a interoperabilidade auxilia no acesso aos dados clínicos quando se fala sobre o compartilhamento de dados na área da saúde.

Muitas são as razões para o compartilhamento dos dados pelos pesquisadores, principalmente os da área da saúde. Sendo assim, a literatura retrata as razões e os anseios ao tornar seus dados compartilháveis. O quadro 2 apresenta uma resenha sobre o assunto:

---

[15] The mode of data sharing depends on the ownership, sensitivity, and complexity of the data set. Researchers should be familiar with policies related to data sharing.

Quadro 2 - Autores e razões para o compartilhamento de dados na área da saúde

Referências	**Razões para compartilhar dados**
Boulware *et al.*, 2020	Facilitar a melhoria da saúde da comunidade e da população; democratizar os dados do sistema de saúde; desenvolver e implementar intervenções baseadas na comunidade; oferecer oportunidades para qualquer grupo de partes interessadas ou indivíduo utilizar dados de saúde para suas necessidades.
Demiris *et al.*, 2019	A precisão e a confiabilidade dos dados.
Garcia *et al.*, 2015	Melhorar os cuidados de saúde, confiar nos dados e tomar decisões com base em evidências; para prevenir, diagnosticar, tratar e avaliar condições de saúde.
Karasneh *et al.*, 2019	Facilitar a pesquisa biomédica, epidemiológica e de saúde.
Kim, 2020	Transparência nas pesquisas.
Kim *et al.*, 2020	Aumentar o valor dos dados de pesquisa; melhorar o rigor e a reprodutibilidade da pesquisa e contribuir para os avanços científicos.
Kim, Joseph e Ohno-Machado, 2015	Melhorar a qualidade do atendimento médico e da pesquisa médica.
Lin, 2009	Ajudar os pesquisadores a validar, ampliar e generalizar descobertas; construir novas teorias para avançar o conhecimento e a Ciência.
Meehan, 2019	Melhorar a comunicação; economizar tempo.
Moore *et al.*, 2016	Utilizar elementos de Dados Comuns, que são unidades básicas de informação logicamente estruturadas e pertencentes a um tipo específico de dado, definidos de forma clara e padronizada. Facilitar a descobertas de pesquisa entre diversas populações e intervenções. Reduzir o custo e a complexidade de estudos.
Mozersky *et al.*, 2021	Permitir pesquisas secundárias; aprimorar o treinamento; aumentar a transparência; promover a confiança do público; permitir que usuários secundários explorem novas questões de pesquisa ou coletem descobertas em vários estudos, maximizando o valor dos dados que geralmente são caros e exigem muitos recursos para coletar; reduzir a carga dos participantes, permitindo que os pesquisadores usem os dados existentes em vez de coletar novos dados; oferecer oportunidade para alunos aprenderem como conduzir a análise de dados, examinando questões de pesquisa usando dados reais quando eles não têm financiamento para coletar seus próprios; aumentar o impacto social da pesquisa; aumentar colaborações; ajudar a evitar a duplicação de trabalho; aumento de citações.
Perrier, Blondal, e Macdonald, 2020	Garantir que dados de boa qualidade sejam depositados e disponibilizados; ajudar a promover o progresso científico; abrir novos caminhos de investigação; maior responsabilidade e transparência.
Powell, Deroche e Alexander, 2021	Maior senso de controle; maior compreensão dos problemas médicos; melhor manejo do plano de cuidados; melhor preparação para consultas futuras; melhorias em resultados clínicos importantes; qualidade e eficiência com a interoperabilidade; melhoria da comunicação e melhora do planejamento de cuidados.

Referências	Razões para compartilhar dados
Relf e Overstreet, 2021	Acelerar novas descobertas; evitar ensaios duplicados; estimular novas ideias para pesquisa; permitir o máximo de conhecimento científico e benefícios a serem obtidos com os esforços dos participantes e investigadores de ensaios clínicos; transparência; aumentar a replicabilidade das descobertas; garantir a responsabilidade dos cientistas por métodos rigorosos; aumentar a eficiência; acelerar a construção de evidências ao longo do tempo; prevenir e corrigir dados questionáveis e má conduta científica.
Sensmeier e Carroll, 2021	Demonstrar o valor e as contribuições dos cuidados de enfermagem para melhorar os resultados do paciente; melhorar os cuidados individuais e resultados de saúde por meio de documentação que fornece evidências para avaliações, intervenções e dados de resultados específicos de enfermeiros.
Vest e Issel, 2014	Realizar vigilância de doenças, planejamento comunitário, tomada de decisões organizacionais, prestação de cuidados de saúde e serviços preventivos.

Fonte: A autora (2023).

Ao analisar o quadro 2, pode-se observar conteúdos comuns entre os pesquisadores, participantes e instituições de pesquisa. Os autores destacaram diversas razões, das quais algumas se destacam: 1) Melhoria da comunicação; 2) Descobertas de novas ideias; 3) Melhor planejamento e melhoria dos cuidados; 4) Transparência; 5) Aumento da replicabilidade e rigor das descobertas auxiliando no avanço científico; 6) Evitar duplicações desnecessárias; 7) Aumentar a confiabilidade e precisão dos dados; 8) Economia de tempo; 9) Permitir pesquisas secundárias; 10) Alunos terem a possibilidade de aprender a analisar dados; 11) Democratizar dados (Boulware *et al.*, 2020; Demiris *et al*., 2019; Garcia *et al*., 2015; Kim *et al*., 2020; Kim; Joseph; Ohno-Machado, 2015; Meehan, 2019; Perrier; Blondal; Macdonald, 2020; Powell; Deroche; Alexander, 2021; Relf; Overstreet, 2021; Sensmeier; Carroll, 2021; Vest; Issel, 2014.).

Quando os autores Meehan (2019) e Powell, Deroche e Alexander (2021) descrevem que o compartilhamento de dados melhora a comunicação entre profissionais, estão visando a melhora dos resultados de saúde. Seguindo essa premissa, ao compartilhar os dados de saúde, a comunicação passa a ser mais contínua, onde os profissionais passam a ter acesso a informações relevantes (diagnósticos e tratamentos, por exemplo) resultando em cuidados e tomada de decisões mais eficazes, acuradas e mais embasadas (Garcia *et al*., 2015; Kim *et al*., 2020; Meehan, 2019; Powell; Deroche; Alexander, 2021; Sensmeier; Carroll, 2021; Vest; Issel, 2014).

Além do mais, o compartilhamento de dados facilita a comunicação entre membros de equipe, garante a segurança do paciente, além de promover uma educação contínua. Desta

forma, o compartilhamento de dados contribui para uma comunicação mais fundamentada e colaborativa também na prática clínica.

A descoberta de novas ideias aceleradas pelo compartilhamento de dados é abordada por Relf e Overstreet (2021). Uma nova análise de evidências no mesmo conjunto de dados de pesquisa permite diferentes perspectivas e experimentações propondo novas soluções e ideias inovadoras.

Em relação a transparência dos dados o compartilhamento vai contribuir para a replicação de experimentos e verificação de eventualidades (Kim, 2020; Mozersky *et al*., 2021; Perrier; Blondal; Macdonald, 2020; Relf; Overstreet, 2021). Além do mais, o aspecto de transparência no compartilhamento de dados contribui para construir confiança, credibilidade e responsabilidade promovendo a confiança do público (Mozersky, *et al*., 2021).

Os pesquisadores investem tempo, esforço e recursos consideráveis na coleta de dados primários. Por essa razão, há muito a ser ganho quando os pesquisadores compartilham seus conjuntos de dados para que outros realizem suas próprias análises adicionais (Winkler; Berenbon, 2020). Sendo assim o compartilhamento de dados pode permitir pesquisas secundárias aperfeiçoando o treinamento de alunos (Mozersky *et al.*, 2021), otimizando o tempo gasto pelo pesquisador (Meehan, 2019; Relf; Overstreet, 2021) e maximizando o valor dos dados (Kim *et al*., 2020; Mozersky *et al.*, 2021; Sensmeier; Carroll, 2021).

Embora a aceitação progressiva das práticas abertas tenha sido otimista, o tema ainda tem causado hesitações e inseguranças por conta dos efeitos decorrentes da transformação que a ciência tem passado. Um desafio real pode ser motivar os proprietários de dados a compartilharem seus dados de pesquisa, e a falta de incentivos claros para o compartilhamento de dados está se tornando um desafio não trivial a ser superado (Kim *et al.*, 2017).

Contudo, cada vez mais o contexto científico atual está trabalhando em prol do compartilhamento e reúso de dados de pesquisa de modo que se torne uma prática natural e inerente ao ofício do pesquisador (Jiménez, 2020). Embora os benefícios do compartilhamento de dados sejam claros, existem inúmeras fronteiras técnicas e regulamentares que tornam o compartilhamento difícil e, para muitos pesquisadores, clínicos e instituições, ainda não é uma prática padrão (Courbier; Dimond; Bros-Face, 2019).

Tan *et al.* (2021) descrevem como principais barreiras para o compartilhamento dos dados a falta de consentimento, a proteção da confidencialidade dos participantes e prevenção de interpretações errôneas de dados ou análises secundárias fictícias.

O quadro 3 apresenta uma resenha sobre as razões para não compartilhar.

Quadro 3 - Autores e Razões para não compartilhar dados na área da saúde

Referências	**Razões para não compartilhar dados**
Karasneh *et al.*, 2019	Possíveis violações de confidencialidade; divulgação de dados não autorizados; medo da violação da Lei de Proteção de Dados; não proteção da privacidade e confidencialidade.
Kim, Joseph e Ohno-Machado, 2015	Privacidade e segurança;
Lin, 2009	Não se sentem confortáveis em compartilhar, não têm conhecimento sobre como e com quem podem compartilhar seus dados.
Meehan, 2019	O risco de uso não autorizado; acesso e divulgação de informações.
Mozersky *et al*., 2021	Preocupações sobre o consentimento informado; proteção da confidencialidade; manter a confiança e os relacionamentos; os participantes podem consentir que seus dados sejam interpretados para um propósito, não para fins secundários por um pesquisador diferente; perda do controle de quem acessa os dados; falhas tecnológicas dos repositórios; anonimação inadequada; falta de permissão dos participantes da pesquisa para compartilhar dados; sensibilidade dos dados de pesquisa; medo de perder o controle sobre quem tem acesso aos dados; tempo e o esforço para prepará-los para depósito; potencial de má interpretação dos dados por outros pesquisadores; custo financeiro para preparar para depósito; problemas com permissões legais; potencial para falha de tecnologia de repositório; falta de conhecimento sobre repositórios e compartilhamento de dados em geral pelo pesquisador; outros não merecem usar os dados coletados; medo de julgamento ao trabalho.
Perrier, Blondal, e Macdonald, 2020	Recusam-se a compartilhar; uso indevido de dados; proteção do próprio trabalho/propriedade intelectual; privacidade/confidencialidade/ética; controle de dados e cultura de trabalho; falta de tempo para organizar a documentação necessária; desafios com interfaces de repositório; falta de recursos; deficiências na infraestrutura; falta de incentivos para que os pesquisadores compartilhem seus dados no que diz respeito à nomeação acadêmica, promoção, reconhecimento e recompensas.
Powell, Deroche e Alexander, 2021	Privacidade; preocupações com segurança, transparência e controle; medo de ações judiciais; fatores organizacionais; manutenção do controle dos dados de saúde; o custo e o tempo associados ao compartilhamento de dados; falta de infraestrutura.
Raszewski *et al*., 2021	Desconhecimento das políticas ou suporte em relação à preservação e armazenamento de dados; anonimização de dados; a falta de soluções de armazenamento.
Vest e Issel, 2014	Formato não interoperável (por exemplo, registros em papel); sistema informacional inadequado.

Fonte: A autora (2023).

Alguns fatos causam preocupações e determinam razões para o não interesse em efetuar o compartilhamento dos dados como: 1) a privacidade, segurança e confiabilidade dos dados; 2) demanda de tempo de preparo dos dados para compartilhamento; 3) a falta de infraestrutura adequada; 4) período de embargo dos dados por solicitação de alguma

instituição ou de editoras científicas; 5) falta de conhecimento de como compartilhar os dados, falta de treinamento e diretrizes; 6) risco de uso inadequado dos dados (Karasneh *et al*., 2019; Kim; Joseph; Ohno-Machado, 2015; Lin, 2009; Meehan, 2019; Mozersky *et al*., 2021; Perrier; Blondal; Macdonald, 2020; Powell; Deroche; Alexander, 2021; Raszewski *et al*., 2021; Vest; Issel, 2014).

Sendo assim, muitas são as razões que os pesquisadores demonstram para não compartilhar seus dados, como a dificuldade em disponibilizar tempo para preparo e organização, o que muitas vezes pode acontecer por falta de recursos técnicos e financeiros. Acreditam que dispensar um tempo extra para compartilhar seus dados acaba sendo uma sobrecarga de trabalho. Ao invés de perceber o compartilhamento de dados como algo que projeta sua produção trazendo benefícios, eles percebem o depósito como algo negativo em sua rotina (Veiga; Silva; Borges, 2021, p. 170).

É notório que a importância dos dados reside dentro de um contexto e precisam estar registrados por meio de sua preservação e gestão. O que requer uma infraestrutura adequada com capacidade humana, tecnológica, organizacional, relacional dentre outras (Araújo; Dias; Autran, 2021, p. 118).

Além do mais, algumas instituições ou editoras científicas podem contribuir para o não compartilhamento imediato dos dados quando solicitam o embargo dos mesmos causando limitações transitórias na acessibilidade dos dados para outros pesquisadores. Conforme Guanaes (2020, p. 38) confirma que há vários editores que exigem um período de embargo antes que o depósito em repositórios públicos seja permitido.

Muitos pesquisadores podem desconhecer como realizar o compartilhamento de dados de forma eficaz por falta de treinamentos e diretrizes compreensíveis além de não possuírem familiaridade com as políticas ou suporte em relação à preservação e armazenamento dos dados. Veiga *et al.*, 2019 descrevem que em uma pesquisa realizada com pesquisadores da Fiocruz, a desinformação sobre as formas e normas de citação de dados e do uso dos identificadores persistentes[16] (que facilitam a citação dos dados) também afasta o pesquisador do compartilhamento de dados (Veiga *et al.*, 2019, p. 237).

[16]A CAPES (2024) descreve que no caso de pessoas, como professores, pesquisadores e pós-graduandos, os identificadores persistentes incluem o CPF, ID Lattes, ORCID, ID Scopus e ID Web of Science, entre outros. Para instituições, são utilizados o ISNI (International Standard Name Identifier) e o ROR (Research Organization Registry). Para itens bibliográficos, como livros, artigos e periódicos, são considerados o ISBN (International Standard Book Number), o DOI (Digital Object Identifier) e o ISSN (International Standard Serial Number).(https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-orienta-sobre-registro-de-identificadores-persistentes)

A preocupação sobre a privacidade dos dados coletados na pesquisa pode resultar em uma indecisão em compartilhar dados sensíveis ou identificáveis que possam afetar a privacidade dos participantes. Ademais, ainda persistem fatores em torno dos dados que limitam a maior desenvoltura da ciência aberta no meio científico, tais como a proteção da privacidade de indivíduos e o direito autoral (Guanaes, 2020, p. 29).

O receio por parte de outros pesquisadores fazerem uso inadequado dos dados, interpretação de forma indesejada, a perda do poder sobre seus dados e uma potencial deturpação das suas ideias originais podem levar o pesquisador em hesitar a compartilhar seus dados de pesquisa. Além do informado, muitos pesquisadores demonstram receio das opiniões e argumentações de seus pares. Há também aqueles que temem perder os direitos autorais dos dados em possibilidades futuras.

Essas razões descritas que impedem o compartilhamento dos dados por parte dos pesquisadores instiga a necessidade de estratégias que possibilitem promover um ambiente favorável, transparente e colaborativo para os dados de pesquisa.

Desta forma, Jorge e Albagli (2018) citam que as possibilidades aumentam em relação a:

> [...]reuso de dados em novas pesquisas, de reprodutibilidade de experimentos, de verificação e validação da qualidade dos resultados da pesquisa científica, facilitando também a colaboração entre pesquisadores de diferentes partes do mundo (Jorge; Albagli, 2018, p. 2).

E também a importância da gestão de dados para o reúso do próprio pesquisador, que muitas vezes tem dificuldades em localizar seus próprios dados de forma organizada e útil.

Muitos anseios são trazidos pelos pesquisadores em relação ao compartilhamento e reúso de dados, mas, que não podem ser ofuscados pelos benefícios. Em uma era em que os dados desempenham um papel cada vez mais crucial na busca por conhecimento, o acesso a esses dados torna-se ainda mais fundamental para o avanço da ciência. À medida que a pressão por dados abertos aumenta, seja por editores ou por agências de fomento à pesquisa, o licenciamento para (re)utilização de dados de pesquisa ganha importância e precisa oferecer termos de uso claramente definidos (Guanaes; Albagli, 2022). O reúso de dados de pesquisa é uma característica inerente da Ciência Aberta, pois garante a retroalimentação científica (Santarem Segundo, 2020).

O quadro 4 mostra como alguns autores compreendem o reuso.

Quadro 4 - Compreensão dos autores em relação ao reúso de dados

Referências	**Reúso de dados**
Relf e Overstreet, 2021	Permite análises adicionais; reprodução de descobertas publicadas; fortalecimento da base de evidências para decisões regulatórias e clínicas; aumento do conhecimento científico obtido com investimentos dos financiadores de ensaios clínicos.
Raszewski *et al*., 2021	A reutilização de dados envolve a realização de análises de dados secundários em conjuntos de dados existentes.
Kim, 2020	Para replicar um trabalho e para que seja útil para análises posteriores é necessário que o relato de pesquisa possua informações suficientes sobre como os experimentos foram realizados.
Perrier, Blondal, e Macdonald, 2020	Exigir que mais pesquisadores compartilhem seus dados e os disponibilizem para reutilização. Dados de acesso aberto proporcionam a chance de que terceiros possam reutilizar contribuindo para a pesquisa se tornar mais facilmente reproduzível. Uso mais eficiente de recursos públicos. Ampliação da capacidade de combinar diferentes conjuntos de dados potencializando a força estatística e a criação de novos conhecimentos.

Fonte: A autora (2024).

Ao analisar o quadro 4, pode-se observar como os autores compreendem o reúso de dados em várias perspectivas diferentes: 1) permite análises adicionais; 2) permite reproduzir o estudo; 3) fortalece as evidências; 4) colabora com o conhecimento científico; 5) permite novas análises; 6) permite reaplicação; 7) é necessário que se tenha um rigor metodológico para poder reutilizar os dados; 8) uso de dados abertos contribui na reutilização; 9) eficiência de recursos públicos; 10) capacidade de combinar diferentes conjuntos de dados na criação de novos conhecimentos.

Desta forma, os dados abertos são essenciais no avanço da ciência aberta impactando diretamente na pesquisa em enfermagem. Dados de pesquisa em enfermagem quando disponibilizados de maneira acessível, interoperável e reutilizável, auxiliam na colaboração interdisciplinar, na validação de estudos e colaboram para o desenvolvimento de novas práticas voltadas para o cuidado em enfermagem. A conexão entre compartilhamento de dados abertos e a pesquisa em enfermagem fortalece a transparência, eficiência e o impacto social de descobertas na área.

4.4.2 **Dados de pesquisa e a enfermagem**

A enfermagem possui diversas áreas de atuação e para Frota *et al.* (2020) é exigido que o enfermeiro seja capaz de liderar equipes que possuem múltiplos saberes e práticas, visão global e interconectada com avanços tecnológicos e culturais. Os enfermeiros devem estar preparados para serem gestores, pesquisadores, educadores e prestadores de assistência, pois são estes pilares que constroem o processo de trabalho da enfermagem (Silva *et al.*, 2020).

Na prática assistencial, o cuidado de enfermagem é complexo e a criação do conhecimento é dinâmica, pois é recebido de vários integrantes da equipe e de diferentes maneiras. Durante a sua prática, o enfermeiro produz dados que não são para pesquisa e sim para os cuidados. Esses dados servem como subsídios para o Processo de Enfermagem, o qual Chanes (2018) descreve como uma ação contínua e dinâmica das ações em benefício de um resultado que é encontrado no meio de um diagnóstico de enfermagem, fruto da adequada coleta de dados. Além disso, o Processo de Enfermagem faz parte da Sistematização da Assistência de Enfermagem que auxilia o planejamento do trabalho do profissional durante a sua jornada.

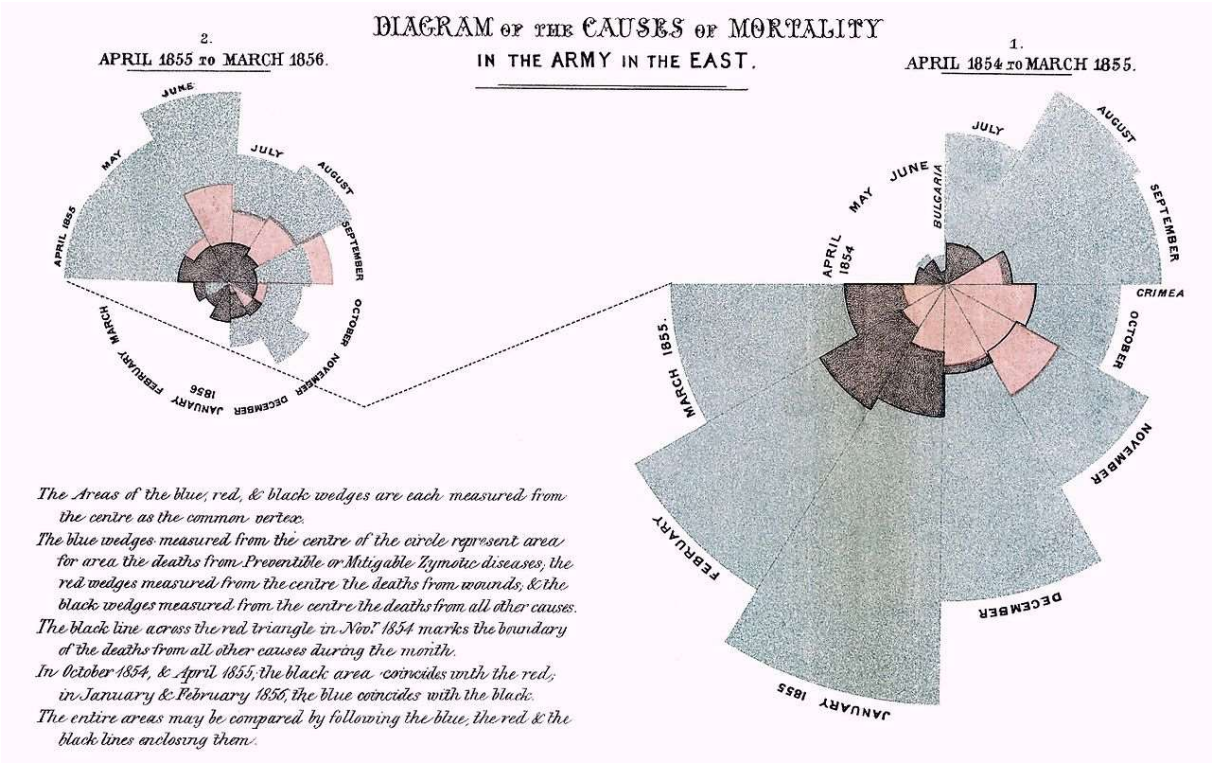
De acordo com Marques *et al.* (2014), Florence Nightingale foi a primeira enfermeira a reconhecer a importância dos dados relativos aos cuidados de saúde e a formalizar um processo de coleta para reconhecer a frequência das doenças e danos à saúde. Mas não só os dados de enfermagem produzidos durante as diversas etapas da assistência, como aqueles gerados dos serviços ou ensino profissional e que se forem bem organizados e padronizados podem ser utilizados para pesquisas específicas na área de enfermagem.

Não se pode deixar de destacar as análises de dados dos cartões de anotações por Florence Nightingale sobre o cuidado e os resultados dos soldados durante a Guerra da Criméia. Ela utilizou um grande conjunto de dados coletados nos anos de 1854 e 1855 que trouxe uma mudança na forma de higienização dos hospitais contribuindo para a história sanitária. O estudo, conhecido como Diagrama das causas da mortalidade no exército do Oriente, embora antigo, nunca deixou de ser atual, como mostrado na figura 3. Além do reúso de dados, o trabalho de Nightingale também foi inovador por fazer representação gráfica de dados estatísticos em 1859.

Mesmo com recursos limitados na sua época, Nightingale contribuiu muito para a saúde e epidemiologia na enfermagem, sendo precursora na ciência de dados em saúde e nas políticas públicas baseadas em dados. Esse pioneirismo ocorreu, segundo Pinto (2023, p. 12),

“devido a sua formação em matemática, que antecedeu a Enfermagem, deixou um legado amplamente reconhecido em todo o domínio da saúde, principalmente no que se refere à sistematização dos dados observados e produzidos na prática da Enfermagem.”

Figura 3 - Diagrama das causas da mortalidade no exército do Oriente



Fonte: Pet Estatística (s.d.).

A autora Pinto (2022) descreve sua opinião a respeito de dados do sistema de saúde, onde se encontra a enfermagem:

> Paralelo à produção de dados oriundo de pesquisas, estão os dados produzidos no âmbito dos sistemas de saúde. Estes, embora não tenham sido gerados com um propósito investigativo, podem vir a ser um fecundo campo de pesquisa para a área em questão e áreas afins, configurando-se como um rico universo de dados a ser explorado (Pinto, 2022, p. 71).

Os dados oriundos de sistemas de saúde já são amplamente utilizados, porém a gestão desses dados visando sua integração e interoperabilidade ainda é uma questão em desenvolvimento.

Já em 2015, Westra *et al.* alertavam que com a implementação e inclusão de dados nos registros eletrônicos de saúde e a integração em repositórios de dados clínicos, grandes quantidades de dados clínicos estariam disponíveis e seriam importantes para a área. Os dados

oriundos dos registros eletrônicos podem incentivar o rápido crescimento da ciência de dados na Saúde e trazê-los para o cuidado assistencial da enfermagem. Nesse contexto, para a *American Nurse Association* (2014), os cuidados de enfermagem baseados em evidências é uma integração de dados, informações, conhecimento e sabedoria.

A enfermagem e seus atores beneficiam-se da aplicação dos métodos da ciência dos dados à enorme quantidade de dados que agora emergem dos sensores ambientais, avaliações clínicas, e estudos de imagem e laboratoriais (Brennan; Bakken, 2015).

Mas nem só dados provenientes do cuidado assistencial são gerados pela enfermagem; os dados podem ser extraídos de pesquisas e da docência na área. A análise de dados, para Pruinelli (2021), quando conduzidos por enfermeiros e líderes de enfermagem, necessitam de conhecimentos mais abrangentes e habilidades aprimoradas em ciência de dados. Quando esses dados de pesquisa são devidamente tratados, preservados e gerenciados eles podem ser uma excelente fonte de informações para pesquisa científica e para o ensino da ciência.

O cuidado na forma de como os dados de pesquisa irão ser produzidos, documentados e gerenciados tem sido muito discutido atualmente (Almeida, 2019; Henninger *et al.,* 2019; Leonelli, 2022). Tais dados saem de suas planilhas e documentos invisibilizados e ganham espaços apropriados para fins de preservação e comunicação científica (Pinto, 2022). Sendo assim, uma pesquisa de qualidade precisa ter uma excelente gestão de seus dados para que, futuramente, o compartilhamento desses dados seja facilitado.

Lucena e Barros (2005) relatam que o século XXI e sua revolução tecnológica levou a enfermagem a se preocupar, criando maneiras de registrar e documentar o seu fazer a fim de organizar os bancos de dados para a geração de conhecimento e informação. Acrescentam ainda que foi a partir daí que a enfermagem iniciou o desenvolvimento de sistemas de classificação para a prática e adoção de padronização de linguagem e desta forma possa descrever o seu fazer e contribuir para o avanço do conhecimento.

A adoção de sistemas de classificação padronizados na enfermagem, na prática, coopera para uma comunicação eficaz, auxilia na documentação dos cuidados a fim da promoção da segurança do paciente. Os sistemas de classificação mais comumente utilizados são:

- CIPE[17] - Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem - desenvolvida pelo Conselho Internacional de Enfermeiros, que oferece uma terminologia padronizada para descrever práticas de enfermagem em diferentes contextos

[17] Disponível no endereço eletrônico: https://www.icn.ch/what-we-do/projects/ehealth-icnp.

- NANDA[18] - North American Nursing Diagnosis Association International - padroniza os diagnósticos de enfermagem e facilita a identificação de problemas de saúde.
- NIC/NOC[19] - Classificação de Intervenções de Enfermagem/Classificação de Resultados de Enfermagem - que fornecem uma linguagem comum para descrever os resultados esperados e as intervenções realizadas pelos enfermeiros

As pesquisas no campo da Enfermagem geram dados de natureza quantitativa e qualitativa, provenientes de investigações observacionais, experimentais, de campo, entre outras abordagens (Pinto, 2022).

Quando esses dados são disponibilizados de forma aberta e acessível, favorecem a visibilidade científica e podem aumentar o impacto acadêmico por meio de citações. O nível de visibilidade que os dados de pesquisa trazem para a ciência fortalece a importância da gerência e preservação dos mesmos, seja para uso iminente ou a longo prazo. Desta forma, Barrozo e Almeida (2021) relatam que a crescente relevância da gestão e preservação de dados são fundamentais no tratamento e na disseminação do conhecimento científico.

[18] Disponível no endereço eletrônico: https://nanda.org.

[19] Disponível no endereço eletrônico: https://nursing.uiowa.edu/cncce/nursing-interventions-classification-overview.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para Minayo (2014, p. 47), a pesquisa é uma atividade básica das Ciências na sua indagação e construção da realidade. Constitui uma atitude e uma prática teórica de constante busca que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados, pensamento e ação.

A pesquisa é a atividade concreta no processo de constituição e desenvolvimento científico "(...) pauta-se fundamentalmente na exigência da escolha intencional dos métodos disponíveis, que conduzirão o desenvolvimento ideal para a compreensão do objeto analisado, também nomeável de realidade" (Mussi *et al*., 2020, p. 416).

E para responder o objetivo dessa pesquisa foi definido a realização de um estudo com uma abordagem qualitativa.

Segundo Minayo (2014), o uso do método qualitativo possui:

> …fundamento teórico, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação (Minayo, 2014, p. 57).

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (Minayo, 2014, p. 57).

Este estudo tem uma natureza exploratória descritiva que no contexto da enfermagem, as pesquisas podem revelar fatores que podem incentivar o desenvolvimento de novas pesquisas.

É importante ressaltar que este estudo foi realizado de acordo com as diretrizes dos Critérios Consolidados para Relatos de Pesquisa Qualitativa (COREQ) (Souza *et al.*, 2021; Tong; Sainsbury; Craig, 2007). O *Checklist* (Anexo A) abrange itens importantes que auxiliam uma investigação qualitativa assessorando no planejamento do estudo e na análise dos dados.

O COREQ traz credibilidade ao estudo, oferecendo oportunidade de o leitor avaliar fatores que possam ter influenciado nas observações e interpretações:

> Os critérios incluídos no COREQ, uma lista de verificação de 32 itens, podem ajudar os pesquisadores a relatar aspectos importantes da equipe de pesquisa, métodos de estudo, contexto do estudo, descobertas, análises e interpretações (Tong; Sainsbury; Craig, 2007, p. 349, tradução nossa).

Dito isto, o uso do COREQ traz um melhor rigor científico e particularidades envolvidas no processo da pesquisa, auxiliando na reprodutibilidade e confiabilidade dos resultados.

5.1 ELABORAÇÃO DO PLANO DE GESTÃO DE DADOS

O planejamento dos dados gerados pela pesquisa tem sido uma realidade atual para o pesquisador, em muitas das vezes, por exigência das agências de fomento. As boas práticas na gestão de dados geram mais qualidade na pesquisa facilitando o uso e reúso dos dados. A gestão de dados tem como desafio final a otimização do reúso desses dados por seus próprios criadores, por seus pares e ainda por pesquisadores de outras áreas, catalisando a pesquisa transversal e interdisciplinar - que é onde acontece a inovação (Sayão; Sales, 2022).

Portanto, é extremamente relevante a organização dos dados para o seu **compartilhamento** e para aumentar a probabilidade de reúso nas futuras pesquisas. Consequentemente, visando as boas práticas para compartilhar e reutilizar os dados ao término desta pesquisa foi revisado e consolidado o plano de gestão de dados, que se encontra no Apêndice A.

Para fins de pesquisa, foi escolhido o *DMPTOOL*[20] que é uma ferramenta gratuita que auxilia os pesquisadores a fazer seus planos de gestão de dados.

5.2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura adotada foi do tipo narrativa. Conhecida como revisão de literatura tradicional, visa buscar entender alguma temática de uma forma mais ampla, sem a necessidade de seguir protocolos específicos, como as demais revisões (Botelho, Cunha e Macedo, 2011).

Nessa pesquisa foram realizadas duas revisões, onde foram utilizadas as seguintes fontes informacionais: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)[21], *Scientific Electronic Library Online* (SciELO)[22], Scopus[23], Pubmed[24], *Web of Science* (WoS)[25].

[20] Disponível no endereço eletrônico: https://dmptool.org/.
[21] Disponível no endereço eletrônico: https://bvsalud.org/.
[22] Disponível no endereço eletrônico: https://scielo.org/.

A primeira busca teve como objetivo identificar a literatura para fomentar a organização da entrevista. Está descrita no artigo intitulado "Compartilhamento e reúso de dados de pesquisa em enfermagem: Perguntas necessárias na elaboração de um instrumento de entrevista" (Lima; Alencar, 2023).

Para se identificar na literatura pertinente ao compartilhamento e reúso de dados de pesquisa em enfermagem, foi realizada uma busca estruturada em março de 2023 nas bases de dados científicas com combinação de palavras-chaves e operadores booleanos. Como critérios de inclusão somente artigos de periódicos disponíveis no meio eletrônico nos últimos dez anos.

A estratégia de busca utilizada nas bases de dados foi dos termos controlados encontrados no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e *Medical Subject Headings* (MeSH). Os termos utilizados foram: "*data shar**" e "*nursing*". Os termos foram traduzidos de acordo com o idioma das bases de dados pesquisadas. Os campos utilizados na busca foram título, resumo e palavras-chave, e o universo temporal foi o período de 10 anos. Foram introduzidos ainda novos estudos de temas correlatos a partir das referências dos artigos previamente encontrados.

Em ambas as pesquisas, os estudos foram organizados em uma planilha no Google Sheets com as variáveis Digital Object Identifier (DOI), nome do autor(es), título do estudo, resumo, palavras-chave, idioma, tipo do documento, ano de publicação, volume, número, página e link de acesso. Essa organização permitiu excluir os artigos que estavam presentes em mais de uma base de dados.

5.3 MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISA

Os grupos de pesquisa do CNPq[26] se caracterizam como um conjunto de pesquisadores que compartilham equipamentos e interesse em torno de um tema de pesquisa, se constituindo em um espaço de produção de saberes. Assim, na área de Enfermagem, seus Grupos de Pesquisa ajudam a dispersão do conhecimento científico produzido. Portanto, a escolha de entrevistar os pesquisadores que participam de grupos de pesquisa da área de enfermagem

[23] Disponível no endereço eletrônico: https://www.scopus.com.
[24] Disponível no endereço eletrônico: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov.
[25] Disponível no endereço eletrônico: https://www.webofscience.com/.
[26] Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível no endereço eletrônico: https://www.gov.br/cnpq/pt-br.

permite compreender como estão gerenciando seus dados, tanto na questão do compartilhamento como de reúso.

A seleção focada no Estado do Rio de Janeiro se deve para um aprofundamento do entendimento dessas práticas no Estado, de forma a contribuir para o desenvolvimento de ações nesse contexto. A pesquisa foi um dos objetivos do projeto financiado através do Edital FAPERJ APQ-1 2019: Promoção da gestão, compartilhamento e reuso dos dados de pesquisa em Enfermagem, alinhados aos princípios FAIR e também desenvolvida no Laboratório de Ciência Aberta e Dados de Pesquisa para apoio à Inovação - LabINOVA, estrutura localizada na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - EEAP, criada também com financiamento FAPERJ.

Já a escolha de pesquisadores na área de enfermagem acontece devido que em 2020 a Rede GO FAIR Brasil Saúde Enfermagem foi lançada como marco comemorativo internacional dos profissionais de enfermagem. Esta rede está vinculada a REDE GO FAIR Brasil Saúde e possui como objetivo compartilhar dados de pesquisa em enfermagem, apoiado aos princípios FAIR, visando o reúso de dados.

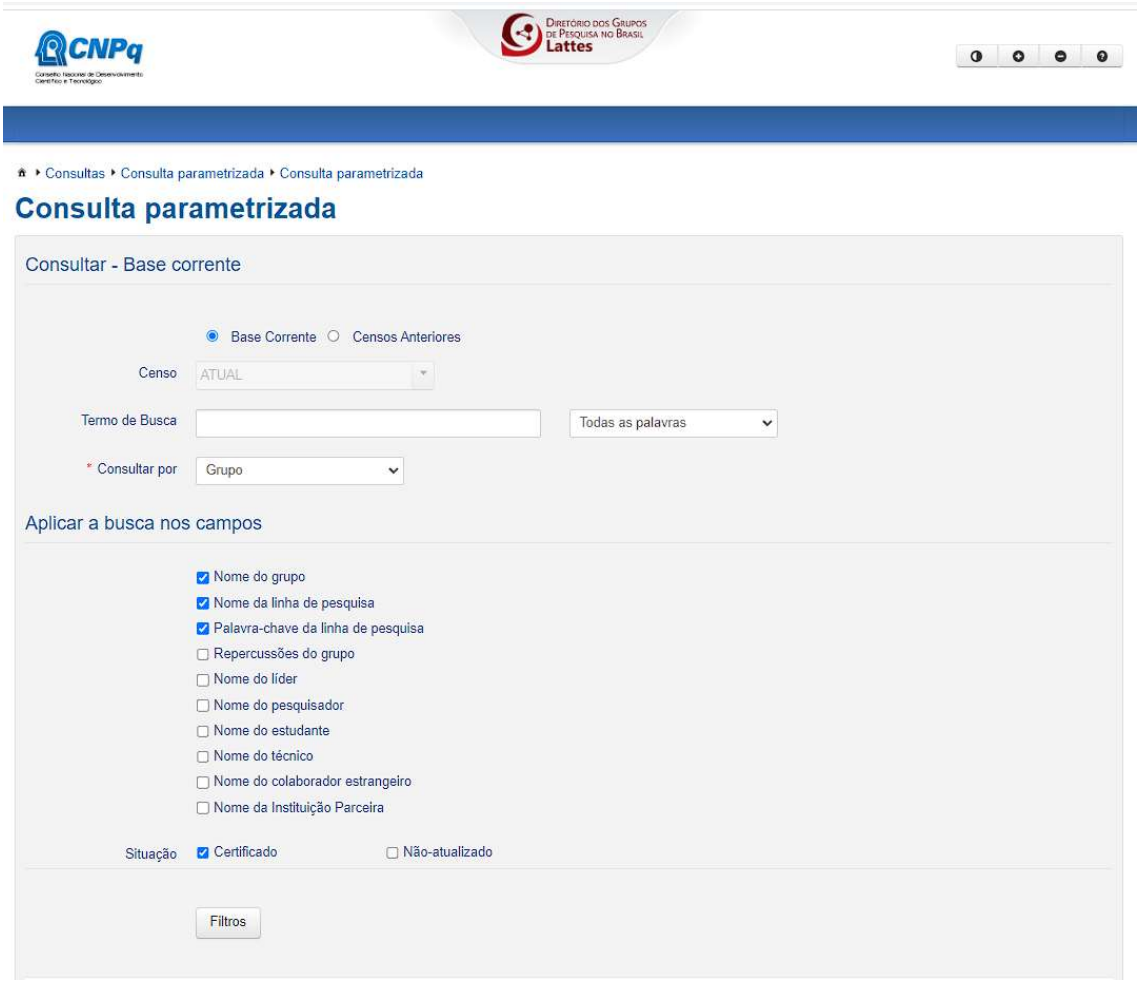
A coordenação do Go FAIR Enfermagem está a cargo do Programa de Pós-graduação em Saúde e Tecnologia no Espaço Hospitalar (PPGSTEH), em uma gestão colegiada que envolve também a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), o Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Biociências (PPGENFBIO), e o Programa de Pós-graduação em Enfermagem (PPGENF), todos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

É importante ressaltar que para conduzir uma pesquisa científica, a gestão dos dados é essencial, pois, além de facilitar novas investigações, promove também a transparência, a integridade e a confiabilidade da ciência. Sendo assim, a fim de alcançar esses objetivos, a enfermagem está trabalhando no fortalecimento e na disseminação de práticas de gestão de dados alinhadas aos princípios FAIR.

Porém, para identificar os grupos de pesquisa na área de enfermagem no Rio de Janeiro é necessário um mapeamento que pode ser realizado na *Plataforma Lattes*. Essa etapa de mapeamento dos grupos de pesquisa visa caracterizá-los para que os objetivos específicos desta tese sejam alcançados. Além do mais, Christoffel *et al.* (2011) apontam que é necessário conhecer a composição dos grupos de pesquisa assim como sua vinculação institucional, suas linhas de pesquisa, suas potencialidades e limitações para fortalecer a produção científica da enfermagem.

Desta forma, optou-se por fazer o mapeamento por grupos de pesquisa, localizados no Estado do Rio de Janeiro, na área de Enfermagem no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq[27] disponível na Plataforma *Lattes*, e realizar uma consulta parametrizada. A busca foi realizada em janeiro de 2024, na base corrente, sem a inclusão de termos de busca, em grupos certificados e atualizados, conforme mostra a figura 4.

Figura 4 - Tela de consulta ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq



Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (CNPq, s.d.).

Para identificar a área de Enfermagem, é preciso clicar em Filtros. Foram ativados filtros de localização na região Sudeste e unidade federativa do Rio de Janeiro, todas as instituições, Grande área de conhecimento de Ciências da Saúde e área da Enfermagem, conforme ilustrado na figura 5.

[27] Disponível no endereço eletrônico: http://lattes.cnpq.br/web/dgp

Figura 5 - Tela de consulta ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq - filtros



Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (CNPq, s.d.).

A Plataforma disponibiliza a possibilidade de download dos resultados em formato de planilha, esta inclui as informações sobre o nome dos grupos de pesquisa e instituição vinculada, data de criação do grupo, seu líder e vice-líder e a área predominante, que no caso desta pesquisa foi a correspondente a Ciências da Saúde. Foram aplicados critérios de escolha e exclusão dos dados oferecidos pelas plataformas e bases, assim como o detalhamento da pesquisa.

Como os dados de contato não estão disponíveis na planilha, foi necessário entrar nos espelhos de cada grupo de pesquisa, que são de acesso público e coletar os e-mails de contato, que foram acrescentados na planilha, conforme ilustrado na figura 6.

Figura 6 - Exemplo de espelho de grupo de pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq



Identificação
Endereço / Contato
Repercussões
Linhas de pesquisa
Recursos humanos
Instituições parcerias
INCTs parcerias
Indicadores de RH
Equipamentos e Softwares

A trajetória do cuidado de enfermagem em espaços especializados

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0878466378865703

Identificação

Situação do grupo: Certificado
Ano de formação: 2008
Data da Situação: 21/11/2013 11:11
Data do último envio: 25/04/2024 12:41
Líder(es) do grupo: Antonio José de Almeida-Filho
Área predominante: Ciências da Saúde; Enfermagem
Instituição do grupo: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Unidade: Departamento de Enfermagem Fundamental

Endereço / Contato

Endereço

Logradouro: Rua Afonso Cavalcanti
Número: nº 275
Complemento:
Bairro: Cidade Nova
UF: RJ
Localidade: Rio de Janeiro
CEP: 20211110
Caixa Postal:

Localização geográfica

Latitude: -22.9104957
Longitude: -43.20462999999995

Contato do grupo

Telefone: (21) 22938048
Fax: (21) 22938999
Contato do grupo: ajafilhos@gmail.com
Website:

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (CNPq, s.d.).

Foram encontrados 104 grupos de pesquisa no Estado do Rio de Janeiro na área de Enfermagem, entre instituições públicas e privadas. Entre líder e vice-líder totaliza 183 nomes com e-mail.

5.4 PESQUISA DE CAMPO

Aqui é abordado o planejamento do estudo de forma cuidadosa e estruturada. As etapas incluem o tipo de estudo, a elaboração do roteiro das entrevistas, a submissão ao comitê de ética em pesquisa, os testes e ajustes do roteiro das entrevistas, a definição do tamanho da amostra, o convite para participar da pesquisa, o agendamento das entrevistas, quais os critérios de inclusão e exclusão do participante e a aplicação das entrevistas.

5.4.1 **Tipo de estudo**

O estudo se caracteriza como um estudo descritivo norteado pela análise de conteúdo que Bardin (2016) descreve como:

> Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (Bardin, 2016, p. 15).

Essas primeiras leituras das narrativas se enquadram na análise de enunciação, que para Bardin "cada entrevista é estudada em si mesmo como uma totalidade organizada e singular. Trata-se do estudo dos casos. A dinâmica própria de cada produção é analisada e os diferentes indicadores adaptam-se à irredutibilidade de cada locutor" (Bardin, 2016, p. 223).

Ainda em consonância com essa autora, na organização da análise de conteúdo foram considerados três polos cronológicos: a pré-análise (primeiro polo); a exploração do material (segundo polo) e o tratamento, a inferência e a interpretação dos resultados (terceiro polo).

A pré-análise é o primeiro polo cronológico da Análise de Conteúdo, é o momento da organização do material sobre o qual o pesquisador irá sistematizar as ideias preliminares, é um momento de "intuições" (Bardin, 2016, p. 125). Esse primeiro contato tem como intuito permitir ao pesquisador extrair informações que sejam relevantes para seu estudo mantendo a lógica da pesquisa. Tem como propósito "tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais" como ressalta Bardin (2016, p. 125).

Nessa fase se faz primordial uma leitura exploratória dos materiais disponíveis a fim de extrair as informações léxicas e os significados mais importantes dos documentos que disponibilizam as maiores contribuições. Para este estudo foi realizada uma leitura exaustiva

dos textos transcritos, sem interpretação, a fim de organizar o corpus textual. O detalhamento desta fase encontra-se no item 5.5.1.

O segundo polo cronológico diz respeito à exploração do material, quando este é codificado. Segundo Bardin (2016), é o processo onde há a transformação dos dados brutos, como textos, imagens ou áudios em unidades de análise expressivas para a pesquisa, podendo ser palavras, frases ou segmentos do texto que contenham informação pertinente com o assunto a ser estudado. Dando sequência faz-se a categorização, sendo descrito por Bardin (2016, p. 147) como "uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos".

Esse segundo momento foi realizado no software *IRAMUTEQ*® a indexação do corpus textual em formato .txt, codificação Unicode. utf-8 e idioma na língua portuguesa. Em seguida, o software criou uma janela de descrição do corpus textual com informações detalhadas no item 6.5. Após foi realizado a escolha dos métodos analíticos: método de Reinert ou Classe Hierárquica Descendente (CHD) e análise de Similitude.

E por fim o terceiro polo cronológico destacando-se o tratamento e interpretação dos resultados baseados na inferência que Bardin (2016, p. 165) descreve que há a necessidade de "apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor".

Para este momento, o software *IRAMUTEQ*® gera análises lexicais e classes que foram submetidas ao processo interpretativo da pesquisadora, e então nomeados com base nos segmentos de texto (ST) e no contexto das declarações dos entrevistados.

5.4.2 **Elaboração do roteiro de entrevistas**

Com a finalidade de entender mais profundamente como os pesquisadores em Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro estão compartilhando os seus dados de pesquisa, a entrevista foi a forma escolhida para buscar as necessidades dos mesmos para praticar boas práticas de compartilhamento de dados.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas, mediante conversação, obtenha informações a respeito de determinado assunto. É um procedimento

utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (Lakatos, 2017).

Entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informação sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo (Minayo, 2014).

Minayo (2014) aponta que as perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal, quando o entrevistador introduz o tema, oferecendo liberdade ao entrevistado para discorrer sobre ele. Nesse caso, o pesquisador deve interferir o mínimo possível, assumindo a postura de ouvinte. Apenas em situação de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode-se interromper a fala do informante.

Diante do exposto, no processo de elaboração do roteiro de entrevista foi realizada uma revisão integrativa com uso de artigos recuperados nas bases de dados: BVS, Scopus, Pubmed e WoS. O detalhamento deste trabalho está publicado no artigo intitulado: "Compartilhamento e reúso de dados de pesquisa em enfermagem: Perguntas necessárias na elaboração de um instrumento de entrevista" (Lima; Alencar, 2023).

5.4.3 **Submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unirio**

Quanto aos aspectos éticos do estudo, a pesquisa cumpriu todas as etapas normatizadas, iniciando com o cadastramento da pesquisa na Plataforma Brasil e envio do projeto para Comitê de Ética em Pesquisa da Unirio. Este foi aprovado recebendo o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 69467923.20000.5285 (Anexo B).

Obedecendo as Resoluções CNS nº 466/2012 e CNS nº 510/2016, a participação na pesquisa foi voluntária, com apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B) antes de iniciar a entrevista, com explicação dos objetivos e sobre o compartilhamento dos dados da pesquisa, assim como a garantia da confidencialidade e anonimização dos participantes.

5.4.4 **Testes e ajustes do roteiro de entrevista**

Para o ajuste e teste do roteiro de entrevista foram convidados 3 (três) pesquisadores selecionados, que possuíam o mesmo perfil da amostra utilizada, além de aproximação com a temática deste estudo de forma a obter sugestões de melhoria. O pesquisador recebeu o convite para participar do processo de ajuste do roteiro de entrevista via e-mail (Apêndice C), assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para avaliador (Apêndice D). Após aceitação do TCLE, o avaliador recebeu um link e um prazo de 5 (cinco) dias para as contribuições (Apêndice E).

Após o recebimento das sugestões, os ajustes foram realizados e os e-mails de convite para participar da pesquisa foram enviados para os entrevistados.

5.4.5 **Tamanho da amostra**

Minayo (2017) descreve que a amostra não é um elemento solto no conjunto da proposta qualitativa. As amostras não devem ser pensadas por quantidade e nem precisam ser sistemáticas. Mas a sua construção precisa envolver uma série de decisões sobre não quantos indivíduos serão ouvidos, mas sobre a abrangência dos atores sociais, da seleção dos participantes e das condições desta seleção.

> "[...] os estudos qualitativos não estão focados em um alto grau de generalização e replicação dos resultados objetivos, mas se voltam para a produção de um conhecimento local e significativo para os contextos em que se vive e investiga" (Silva, Marinho e França, 2013, p. 448).

A amostragem da pesquisa qualitativa, envolve aspectos relacionados à compreensão do fato social a ser investigado, não sendo prioridade o critério numérico, assim como não há preocupações com generalizações (Dyniewicz, 2014).

Apesar de que a pesquisa qualitativa não se utilize de quantitativo para justificar seus resultados, a fim de cumprir as exigências do Comitê de ética, a amostra foi composta dos grupos de pesquisa identificados no item 5.3.4 e aqueles que responderam às entrevistas.

Seu critério principal não é numérico, embora quase sempre precise justificar a delimitação da multiplicidade das pessoas que vai entrevistar e a dimensão e escolha do espaço (Minayo, 2017).

Para esta pesquisa, foi estudado com minúcia a compreensão e o domínio dos pesquisadores e sua visão em relação aos seus dados de pesquisa de forma que os resultados foram analisados e fundamentados por teorias. Salvador *et al.* (2020) referem que o pesquisador que emprega o método qualitativo busca apreender a subjetividade dos indivíduos a partir de seu contexto

Não há um ponto final quando se termina uma pesquisa, Minayo cita Bachelard quando muitas questões podem ficar em aberto. Quem faz pesquisa qualitativa trabalha com a ideia de que ciência se faz por aproximações (Bachelard, 1990 *apud* Minayo, 2017, p. 8) e de que as investigações seguem e se aprofundam no futuro com ele ou com outros pesquisadores (Minayo, 2017, p. 8).

5.4.6 **Convite para participar da pesquisa**

Foram encaminhados e-mails para o líder e vice-líder de cada grupo cadastrado no DGP dos grupos de pesquisa na área de enfermagem do Rio de Janeiro apresentando a pesquisa, a pesquisadora e os convidando para participar como descrito no Apêndice F.

No e-mail com o convite para participar da pesquisa, havia um link em que o participante era encaminhado para responder se concordava em participar ou não. Caso houvesse concordância, ela era encaminhada para página com o TCLE da pesquisa e logo após era dado início a primeira etapa da entrevista em que se traça o perfil do participante no qual ele era encaminhado a responder um formulário. O tempo previsto para todo esse processo foi de 15 minutos.

5.4.7 **Agendamento da entrevista**

Após o término do preenchimento do instrumento, foi fornecido um link para a agenda do Google com horários e dias preestabelecidos para que o participante pudesse escolher a melhor opção para a entrevista virtual agendada para o software ConferênciaWeb - RNP. A marcação foi disponibilizada assim que a coleta de dados foi iniciada conforme estava previsto no cronograma (março de 2024). Porém, houve a necessidade de estender o prazo para abril de 2024 para que fossem captados mais participantes.

5.4.8 **Critérios de inclusão e exclusão do participante**

Em relação aos critérios de inclusão, foram aplicados aos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa na área de enfermagem tanto de instituições públicas como privadas. Quanto aos critérios de exclusão, não eram elegíveis para o estudo aqueles que não aceitaram fazer a entrevista dentro do prazo estabelecido.

5.4.9 **Aplicação das entrevistas**

As entrevistas individuais ocorreram entre março e abril de 2024 e foram conduzidas na grande maioria via internet por ser conveniente e ajudar a cativar àqueles que não se sentem confortáveis durante as entrevistas presenciais. Somando-se a isso, esse meio de comunicação foi feito considerando que os participantes moravam em diversas regiões do Estado do Rio de Janeiro, dificultando a entrevista presencial e para otimizar o tempo de deslocamento. No convite de participação da entrevista, foi elucidado se ele autorizava a gravação durante todo o processo de entrevista.

As entrevistas, a priori, foram realizadas através da ferramenta gratuita ConferênciaWeb - RNP[28] de acordo com o dia e horário previamente escolhido pelo participante na agenda do *Google* disponibilizada pela pesquisadora conforme descrito no item 5.4.7. Não foram realizadas entrevistas repetidas e cada entrevista teve duração média de 60 minutos.

No início de cada entrevista, a pesquisadora que é enfermeira, certificou-se de que o entrevistado estivesse confortável e em um ambiente tranquilo. Foi orientado sobre a possibilidade da entrevista ser interrompida caso necessário por quantas vezes precisasse. A entrevista foi gravada através da ferramenta ConferênciaWeb - RNP e transcrita utilizando-se o processador de texto *Microsoft Word*.

Para dar continuidade ao estudo, foi realizado uma pré-análise das transcrições através de uma leitura flutuante e a seleção dos termos que integrariam o corpus para o processamento no software IRAMUTEQ®.

[28] Disponível no endereço eletrônico: https://conferenciaweb.rnp.br/.

5.5 ANÁLISE DE DADOS

Com o intuito de dar sequência no processamento dos dados, utilizou-se a ferramenta *IRAMUTEQ®*[29] (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), versão 0.7 alpha 2, um software livre, de código aberto e licenciado sob os termos da GNU GPL (v2)[30]. É baseado no software R[31] e na linguagem Python[32] possibilitando uma sintaxe mais voltada para a estatística auxiliando na análise exploratória de dados. Ademais, as possibilidades das análises realizadas pelo software são diversificadas, variando das mais simples como a lexical (que utiliza o cálculo de frequência de palavras) até as análises multivariadas.

Além do mais, o *IRAMUTEQ®* proporciona no *corpus* textual análises dos tipos: 1) estatísticas (análises lexicográficas); 2) especificidades e análise fatorial de correspondência (AFC); 3) classificação - método de Reinert ou classificação hierárquica descendente (CHD); 4) análise de similitude e 5) nuvem de palavras.

Nas análises dos materiais textuais foram empregadas as análises lexicográficas, método de Reinert e de similitude.

5.5.1 **O preparo do corpus textual**

Entende-se como *corpus* textual todo o conjunto de textos que será analisado e construído pelo pesquisador. Porém, o texto depende da natureza da pesquisa e são as unidades de análise e para este estudo, cada entrevista é tratada como um texto. Além disso, os segmentos de texto (ST) são as principais unidades de análise textual do software IRAMUTEQ® e como este estudo está sendo tratado à luz da análise de conteúdo, é importante destacar que esta metodologia "propõe diversas formas de subdividir o objeto analisado, com o intuito de garantir uma melhor observação dos detalhes presentes no escrito" (Melo; Souza, 2023, p. 4891).

Portanto, as entrevistas foram transcritas na íntegra com o recurso Transcrever do software Microsoft 365 Word. A seguir foram revisados os textos, no qual foram removidas

[29]Disponível no endereço eletrônico: http://www.iramuteq.org/.
[30]GNU General Public License destina-se a garantir a liberdade de compartilhar e alterar software livre garantindo que o software seja gratuito para todos os seus usuários. O IRAMUTEQ está sob a versão 2 da GPL. (https://www.gnu.org/licenses/old-licenses/gpl-2.0.html.en).
[31]Disponível no endereço eletrônico: https://www.r-project.org/.
[32] Disponível no endereço eletrônico: http://www.python.org/.

as perguntas, mas seus referentes nas frases foram mantidos para preservar o significado integral. As interferências do pesquisador e vícios de linguagem como “cara”, “né”, “a gente”, “blá” foram suprimidas. Foi utilizado *underline* (_) nas palavras compostas como: “ciência_aberta”,“dados_de_pesquisa”,“mal_intencionada”,“comitê_de_ética_em_pesquisa”, “compartilhar_dados”,“grupo_de_pesquisa”,“banco_de_dados”,“caso_controle”,“acesso_aberto”,“ciências_da_saúde”,“pós_graduação”,“corpus_textual”,“google_forms”,“plano_de_gestão_de_dados”,“dia_a_dia”,“palavras_chave”,“plataforma_Brasil”,“ciência_fast_food”,“currículo_lattes’,“termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido”,“sócio_demográficas”,“sistema_único_de_saúde”,“passo_a_passo”,“Programa_de_Pós_Graduação_em_Saúde_e_Tecnologia_no_Espaço_Hospital”,“Open_Science_Framework”,“Departamento_de_Tecnologia_da_Informação_e_Comunicação”,“Pró_Reitoria_de_Pós_Graduação”,“gestão_de_dados”,“descritores_em_ciências_da_saúde”,“pós_graduando”,“pós_doutorado”,“lato_sensu”,“stricto_sensu”,“latino_americanos”,“pró_reitora_de_pesquisa”,“inteligência_artificial”,“pré_hospitalar”,“recém_nascido” e “COVID_19”.

A utilização de diminutivos foi evitada e as siglas foram escritas por extenso como por exemplo o “SUS” como “sistema único de saúde”, sempre colocando o underline no lugar dos espaços. Os verbos que estavam em ênclise foram transformados em próclise, como “deixa-me” em “me deixa”. Além do mais, sinais ortográficos e de acentuação como reticências (...), apóstrofo (‘), aspas (“), asterisco (*), hífen (-), símbolos de cifrão ($) e porcentagem (%) foram excluídos. Os números foram escritos na forma de algarismos. E finalmente o texto foi colocado no modo alinhado à esquerda e salvo em arquivo .txt com o texto sem formatação e codificação binária (Unicode) UTF-8 no software livre *LibreOffice*.

Finalmente a construção do corpus foi realizada separando em unidade de análise, que como descrito anteriormente, cada entrevista foi tratada como um texto. Para indicar a presença de um texto, foi escrita uma linha de comando com 4 asteriscos (****) seguidos pelos nomes atribuídos às variáveis criadas pela autora: entrevistado e número do participante (por ex. entrevistado_1); idade e variação da faixa de idade (por ex. id_5); sexo; variação da última formação acadêmica e tempo de pesquisa (por ex. pesq_4). Logo abaixo da linha de comando é inserido o texto e sucessivamente repete-se o processo de inserção dos textos até a totalidade do corpus como mostrado na figura 7:

Figura 7 - Exemplo do corpus

```
**** *entrevistado_2 *id_1 *sex_1 *tit_1 *pesq_2
O compartilhar_dados que realizamos no
grupo_de_pesquisa fica restrito ao professor. Temos
3 professores permanentes que participam do
grupo_de_pesquisas, além de alguns professores
convidados. Eu estou vinculada a um professor
permanente. Os dados gerados pelas pesquisas de
doutorandos, mestrandos, bolsistas e residentes
vinculados a esse mesmo professor ficam restritos a
alunos. Não tenho acesso, por exemplo, aos
dados_de_pesquisa do outro professor permanente que
também participa do grupo_de_pesquisa. Portanto, o
```

Fonte: A autora (2024).

5.5.2 **A análise lexical**

A análise lexical se iniciou na identificação e formatação do texto com uma análise mais detalhada da frequência e listas que explicam a estruturação do corpus. Ademais, o programa realiza a quantificação das unidades textuais que segundo Camargo e Justo (2013):

> "…identifica e reformata as unidades de texto, transformando Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE); identifica a quantidade de palavras, frequência média e número de hapax (palavras com frequência um); pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (lematização[33]); cria dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares (Camargo; Justo, 2013, p. 515)".

Desta forma, é possível analisar o corpus textual utilizando uma análise lexical com métodos estatísticos adequados sobre as variáveis qualitativas. As duas análises realizadas são apresentadas a seguir.

5.5.3 **Método de Reinert ou Classificação Hierárquica Descendente (CHD)**

O método de Reinert ou CHD procura identificar os conceitos existentes no texto, juntando os vocabulários baseados na proximidade lexical das palavras e dividindo os conteúdos respaldados na frequência das formas reduzidas onde a unidade de contexto inicial

[33] A lematização é o processo de analisar morfologicamente as palavras para remover apenas as terminações flexionais, retornando-as à sua forma básica ou de dicionário, conhecida como lema. Disponível em: https://www.datacamp.com/pt/tutorial/stemming-lemmatization-python.

(UCI) ou textos foram elaborados considerando cada pergunta feita durante a entrevista. Já as unidades de contextos elementares (UCE) ou segmentos de texto (STs) extraídos a partir das UCI apresentam vocabulário semelhante entre si e diferentes das UCE das outras classes (Camargo; Justo, 2013, p. 516)".

Ou seja, na indexação do corpus ela classifica de forma hierárquica descendente os segmentos do texto identificando os diferentes vocabulários padronizados pelo padrão da língua, neste estudo é utilizada a portuguesa, e a lista de formas simplificadas. A distinção entre as classes é buscada através da lógica de correlação entre as raízes das formas.

Além disso, as palavras foram escolhidas com base em sua frequência e valores de chi-quadrado, que foram os mais altos na classe e, portanto, mais relevantes para a análise. O chi-quadrado no método de Reinert faz o cruzamento entre os STs e as palavras reduzidas para obter uma classificação definitiva no método da CHD. Em seguida, a CHD reagrupa os STs e palavras reduzidas pela semelhança recíproca e divide o corpus em classes de palavras. Sendo assim, cada classe de STs apresenta vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente quando comparado às outras classes.

Todavia, o teste chi-quadrado foi utilizado para identificar a associação dos segmentos de texto com a classe, e a relação mensurada por seu valor e conforme maior o valor, essa relação é mais forte. Camargo e Justo (2013) propõe que seja realizada uma análise concomitante com a CHD a fim de destacar como as palavras são importantes frente a frequência média da palavra de toda a amostra:

> "Para a análise descritiva do vocabulário de cada classe, uma sugere-se utilizar dois critérios simultâneos: 1) reter a atenção nas palavras não instrumentais com frequência maior do que a frequência média do conjunto de palavras da totalidade do corpus (neste exemplo 35.959 ocorrências divididas por 3.377 formas distintas, o que resulta no valor de 10,65) e 2) considerar aquelas palavras com x 2 de associação à classe > 3,84 (pois p < 0,05) (Camargo; Justo, 2013, p. 20)."

A divisão do corpus é exposta numa ilustração denominada dendrograma para descrever a relação entre as classes das palavras. Então, cada classe pode ser descrita pelo vocabulário presente nos STs e pelas variáveis na linha de comando do corpus. É possível identificar o conteúdo lexical de cada classe além de uma representação fatorial da CHD.

Toda informação presente nos STs obtidos através da CHD foi interpretada e analisada baseados nos princípios da análise de conteúdo através de uma exaustiva leitura.

Sendo assim, foi possível estudar as conexões entre os aspectos únicos na execução da Ciência Aberta no que diz respeito às práticas e percepções sobre o compartilhamento de

dados de pesquisa em enfermagem. Os entrevistados puderam contar suas experiências de forma natural sobre o assunto investigado.

5.5.4 **Análise de Similitude**

Na análise de similitude foi possível identificar as organizações centrais existentes nas narrativas proporcionando a otimização do tempo e identificação dos padrões recorrentes no grande volume de dados oriundos das narrativas favorecendo a interpretação mais minuciosa das subcategorias. Além disso, propiciou a visualização da relação entre as palavras.

6 **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A seguir são apresentados os resultados com a discussão, organizados pelas etapas da pesquisa: plano de gestão de dados, revisão de literatura, caracterização dos grupos de pesquisa, elaboração do roteiro de entrevista, amostra da pesquisa, e análise dos dados. Após, são expostos os resultados da análise lexical e finalmente é detalhado a análise de cinco classes, obtidas de uma análise geral, onde são demonstradas as percepções dos pesquisadores no tocante ao compartilhamento e reúso de dados.

6.1 PLANO DE GESTÃO DE DADOS

O plano de gestão de dados foi elaborado no início do projeto com o intuito de facilitar as diretrizes para o tratamento adequado dos dados durante todas as fases da pesquisa, e está no Apêndice A.

Ao término da pesquisa, os dados gerados se encontram disponibilizados no Zenodo (https://doi.org/10.5281/zenodo.15028927).

6.2 REVISÃO DE LITERATURA

Duas revisões foram realizadas nesta pesquisa conforme descrito no item 5.2. Para enriquecimento do texto, também foram consultados artigos relevantes que estavam nas referências.

Os assuntos dos estudos selecionados para esta revisão estão entre a Ciência da Informação e a Enfermagem. Desta forma, os temas discutidos no quarto capítulo desta tese e seus subcapítulos foram fundamentados por:

Schleder e Fazzio (2021) e Rodrigues e Neto (2022) que descrevem o avanço da ciência; Chalmers (1993), Kuhn (2013), que falam sobre as revoluções científicas, Wilbanks (2011), Cordeiro *et al*. (2013), Kuhn (2013) e Ferreira (2018) que descrevem os paradigmas.

Já o capítulo Evolução da Ciência aberta: *e-Science*, *Big Data* e *Small Science* foi embasado por Araújo e Rosa (2022), Brennan e Bakken (2015), Carrodano Tarantino (2022), Clarke e Garcia (2015), Davenport e Harris (2020), Ferreira (2018), Francisco, Silva e

Martinez (2019), Pinto (2022), Sales e Sayão (2015), Sayão e Sayão (2019a), Silva e Dufloth (2018), Tenopir *et al.* (2011) e Tolle, Tansley e Hey (2011).

Sobre a Ciência Aberta, Alvarez e Caregnato, (2017), Anglada e Abadal (2018), Martins; Perlin (2020) e UNESCO (2022), embasam sobre o tema.

Para alicerçar Dados de Pesquisa, foram utilizados os autores: Aldboush e Ferdous (2023), Brasil (2018), Jiménez (2020), Jorge e Albagli (2018), McCoy *et al*. (2023), Sayão e Sales (2020), Sales e Sayão (2019b) e Semeler e Pinto (2020).

No subcapítulo A Gestão de dados de pesquisa e o plano de gestão de dados, os autores Gilmore, Kennedy e Adolph (2018) e Henning *et al.* (2021) orientam sobre o assunto.

No que se refere ao compartilhamento e reúso de dados, destacam-se as leituras de Araújo, Dias e Autran (2021), Boulware *et al.* (2020), Campos e Alencar (2021), Coelho (2022), Courbier, Dimond e Bros-Face (2019), Demiris *et al*. (2019), Garcia *et al.* (2015), Guanaes (2020), Guanaes e Albagli (2022), Houtkoop *et al.* (2018), Jiménez (2020), Jorge e Albagli (2018), Karasneh *et al.* (2019), Kim (2020), Kim *et al.* (2020), Kim, Joseph e Ohno-Machado (2015), Lin (2009), Meehan (2019), Moore *et al*. (2016), Mozersky *et al.* (2021), Perrier, Blondal e MacDonald (2020), Powell, Deroche e Alexander (2021), Raszewski *et al.* (2021), Relf e Overstreet (2021), Santarem Segundo (2020), Sensmeier e Carroll (2021), Tan *et al.* (2021), Torino *et al.* (2022), Veiga *et al.* (2019), Veiga, Silva e Borges (2021), Vest e Issel (2014), Winkler e Berenbon (2020). Quanto aos dados de pesquisa e a enfermagem, destacam-se: Almeida (2019), *American Nurse Association* (2014), Barrozo e Almeida (2021), Brennan e Bakken (2015), Chanes (2018), Frota *et al.* (2020), Henninger *et al.* (2019), Leonelli (2022), Lucena e Barros (2005), Marques *et al.* (2014), Pinto (2022, 2023), Pruinelli (2021), Silva *et al.* (2020), Westra *et al.* (2015).

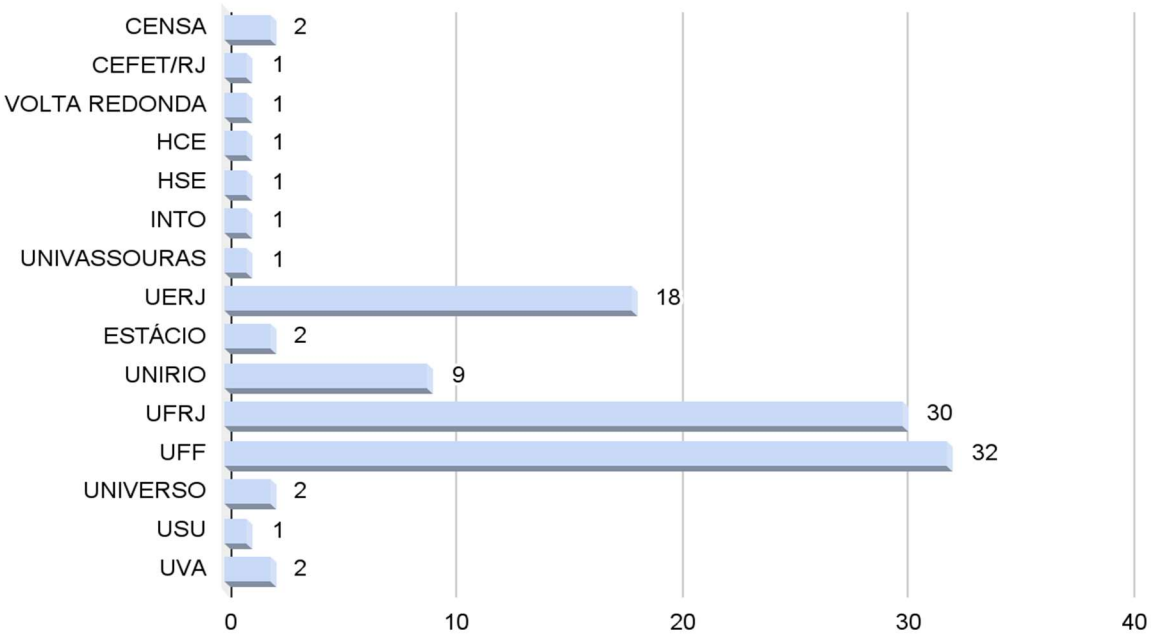
6.3 CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA

Após a aplicação dos filtros no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, disponível na plataforma *Lattes*, foram identificados 104 grupos de pesquisa no Estado do Rio de Janeiro na área de Enfermagem, entre instituições públicas e privadas.

Os grupos quando são descritos de acordo com a instituição de origem, gráfico 1, cabe ressaltar que, entre as instituições identificadas, 07 eram privadas[34], 07 federais[35] e 01 estadual[36].

Em relação às instituições federais listadas, nem todas são universidades. Há um instituto, dois hospitais e um centro de educação tecnológica demonstrando uma heterogeneidade das instituições.

Gráfico 1 - Grupos de Pesquisa na área de enfermagem no Estado do RJ



Fonte: A autora (2024).

Observa-se um grande número de instituições privadas que destacam a importância estratégica da pesquisa acadêmica buscando se consolidar no mercado educacional e melhorar a formação de seus profissionais. É importante salientar que a Plataforma *Lattes* e as diretrizes

[34] Instituições Privadas que possuem Grupo de Pesquisa na área de enfermagem no Estado do RJ: Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora, Centro Universitário de Volta Redonda, Universidade de Vassouras, Universidade Estácio de Sá, Universidade Salgado de Oliveira, Universidade Santa Úrsula e Universidade Veiga de Almeida.

[35] Instituições Federais que possuem Grupo de Pesquisa na área de enfermagem no Estado do RJ: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Hospital Central do Exército, Hospital Federal dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense.

[36] Instituição Estadual que possui Grupo de Pesquisa na área de enfermagem no Estado do RJ: Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

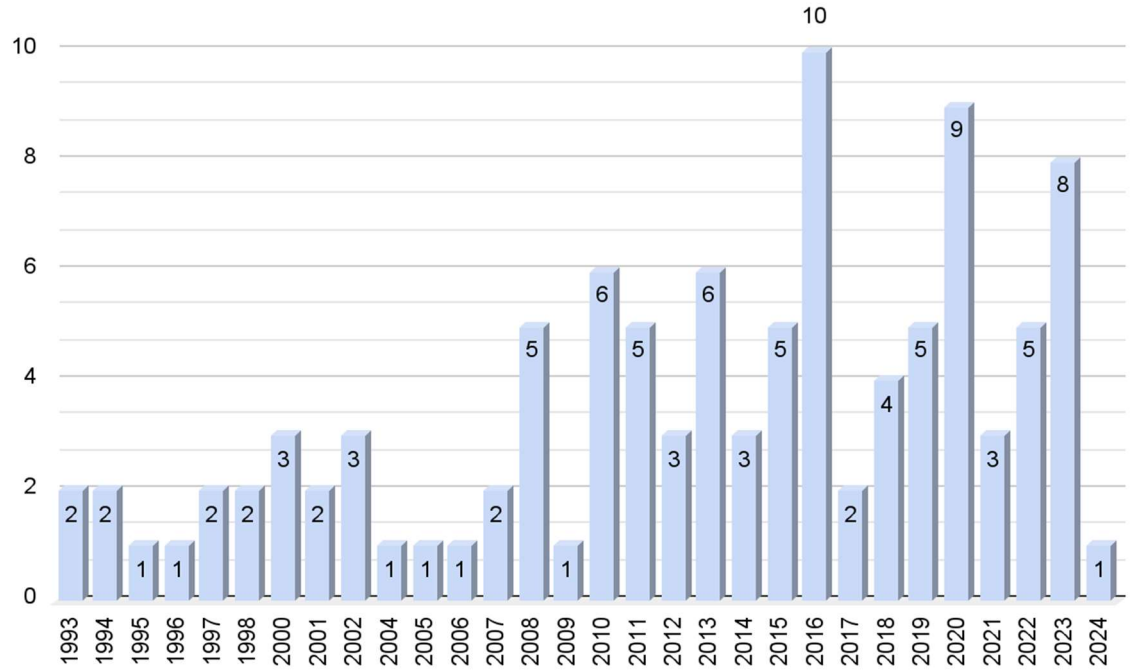
do CNPq monitoram e certificam os grupos de pesquisa, reforçando a relevância das universidades privadas na produção científica.

Embora a quantidade de grupos seja mais perceptível em instituições públicas, Moreira, Moreira e Soares (2018, p. 148) explicam que as universidades federais têm enfrentado grandes desafios no aspecto relacionado aos investimentos por parte do poder público, que não acompanhou a expansão dos últimos anos.

Esses desafios, resultantes da conjuntura política nacional, podem impactar diretamente nos grupos de pesquisa comprometendo as iniciativas de pesquisa, extensão e inovação.

Em relação ao ano de formação dos grupos, dois tiveram início em 1993, marcando a data mais antiga e em 2016 foi o ano que mais teve grupos criados, conforme disposto no gráfico 2.

Gráfico 2 - Ano de formação dos Grupos de Pesquisa na área de enfermagem



Fonte: A autora (2024).

A demanda por formação de profissionais cada vez mais qualificados, incentivos de agências de fomento como a CNPq e esforços dos pesquisadores na área de enfermagem refletem mudanças no cenário educacional e científico do Brasil.

No Brasil, a maior criação de grupos de pesquisa em enfermagem ocorreu principalmente nas décadas de 1990 e 2000. A década de 90 foi marcada pela existência do

único programa de doutorado em enfermagem na América Latina, que impulsionou a formação de grupos de pesquisa (Ailinger *et al*., 2005). Já na década de 2000, se consolidou a criação de novos grupos, o crescimento contínuo e significativo na produção científica.

6.4 ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DA ENTREVISTA

No processo de elaboração do roteiro de entrevista foi realizada uma revisão integrativa, que resultou na publicação do artigo intitulado: "Compartilhamento e reúso de dados de pesquisa em enfermagem: Perguntas necessárias na elaboração de um instrumento de entrevista" (Lima; Alencar, 2023). O artigo descreve a análise de publicações da literatura nacional e internacional sobre instrumentos de entrevistas e questionários a respeito do compartilhamento e reúso de dados de pesquisa. A partir deste trabalho foram observadas quais perguntas poderiam ser adaptadas para a realidade brasileira, servindo como substrato criativo para a elaboração do roteiro de entrevista. Além do mais, com o intuito de estimular a conversa, foi incluída uma pergunta sobre o estudo e os dados do entrevistado para ajudar a iniciar a conversa com mais firmeza.

A fim de conhecer o perfil do entrevistado, dados pessoais foram levantados, como: faixa etária, gênero, graduação, titulação, tempo de atuação em pesquisa atual; instituição vinculada, vínculo institucional e financiador da pesquisa. Essa caracterização do perfil do entrevistado está relacionada ao primeiro bloco da entrevista, que ocorreu através do questionário apresentado no Apêndice G.

Já para os dados relacionados ao compartilhamento e reúso, foram elaboradas perguntas fundamentadas na revisão de literatura realizada sobre questionários, entrevistas, compartilhamento e reúso de dados, foi elaborada a proposta do roteiro a qual está apresentada no Apêndice H.

6.4.1 **Mapeamento dos grupos de pesquisa em Enfermagem no Estado do Rio de Janeiro**

Nessa fase da pesquisa teve como finalidade realizar um mapeamento de grupos de pesquisa em Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro. Como fontes primárias para a coleta

de dados utilizados na atividade de mapeamento, foi utilizado o Diretório de grupos de pesquisa - CNPq[37].

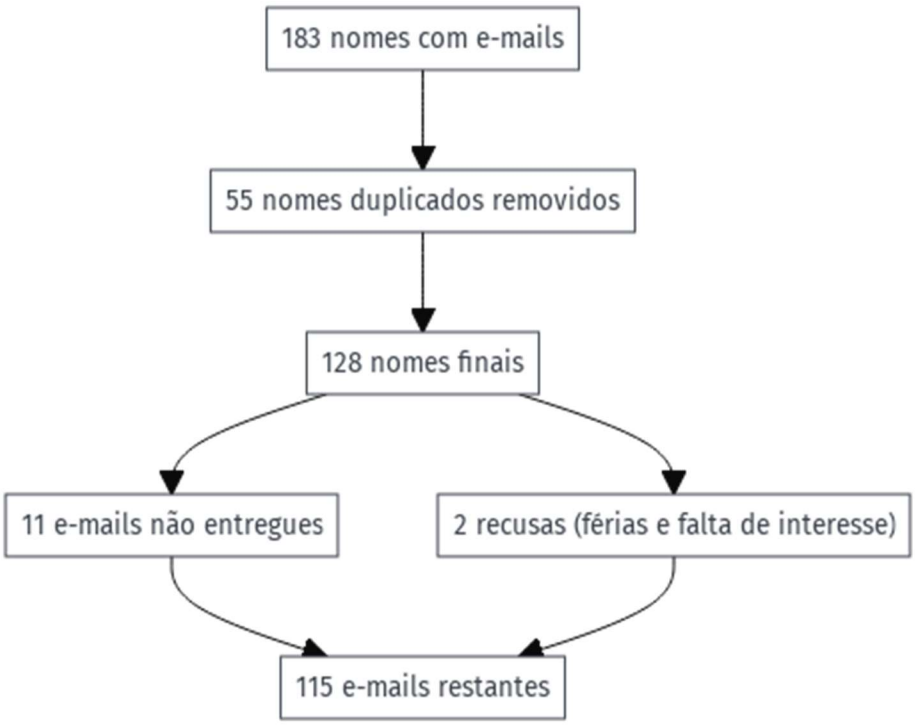
Para a busca foi gerada uma planilha reunindo dados e informações pertinentes para a pesquisa (instituição, nome do grupo, data de criação, nome do 1º e 2º líderes e área de predominância) tal como foram aplicados critérios de escolha e exclusão dos dados oferecidos pelas plataformas e bases, assim como detalhamento do processo da pesquisa. Os e-mails dos líderes dos grupos foram extraídos dos espelhos dos grupos de pesquisa e acrescentados na planilha. Um maior detalhamento do processo está descrito no item 5.3.4.

6.5 AMOSTRA DA PESQUISA

Cada grupo de pesquisa possui líder e vice-líder onde totalizaram 183 nomes com e-mails, pois, nem todo grupo tem vice-líder. Os nomes foram coletados e acrescentados na planilha do *Google* e posteriormente aplicado filtro para retirar os duplicados chegando ao total final de 128 nomes. Na etapa seguinte, os e-mails dos nomes coletados e os convites para participar da pesquisa foram enviados. Dos 128 e-mails, 11 não foram entregues por não existirem e dois pesquisadores responderam de imediato que não poderiam participar da pesquisa, sendo que um estaria de férias durante o processo da coleta e o outro por não ter interesse na temática, finalizando em 115 e-mails. Todo o processo está demonstrado na figura 8.

[37] Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil - Lattes. Disponível no endereço eletrônico: https://lattes.cnpq.br/web/dgpr.

Figura 8 - Seleção dos nomes e emails respectivos dos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa em Enfermagem localizados no RJ



Fonte: A autora (2024).

Dos 115 e-mails encaminhados, vinte e um pesquisadores se mostraram interessados na temática e responderam ao questionário marcando horário na agenda para entrevista. Porém, após um mês, dos 21 que agendaram virtualmente, somente 9 compareceram e realizaram a entrevista através da ConferênciaWeb - RNP.

A fim de conseguir mais depoentes, os e-mails com convites para participação na pesquisa foram reenviados, e aqueles que responderam forneceram seus números de telefone móvel para contato. Com isso, a estratégia foi ajustada: os interessados em participar da pesquisa foram contatados por telefone, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp. Durante esse contato, foram novamente convidados a participar, sendo também enviado o link do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a agenda para a marcação da entrevista.

Dessa forma, foi possível obter a adesão de mais cinco depoentes, totalizando 14 participantes, que atuam como líderes e vice-líderes em grupos de pesquisa na área de enfermagem no Estado do Rio de Janeiro, conforme apresentado no percurso metodológico.

Foi previsto o uso da ConferênciaWeb - RNP, mas por conta da falha de conexão da Internet ou o não comparecimento do entrevistado no dia e hora marcados por este, outras estratégias foram adotadas. Como empecilho para a realização das entrevistas pela ConferênciaWeb - RNP descreve-se a falha de conexão, por conta da Internet ou o não comparecimento do entrevistado no dia e hora marcados por este. Porém, isso não impossibilitou que a entrevista desse continuidade sendo remarcada para outro horário e fosse finalizada.

Devido à dificuldade de alguns pesquisadores em utilizar a plataforma ConferênciaWeb - RNP, três entrevistas foram realizadas presencialmente, sendo gravadas com o celular da pesquisadora e, posteriormente, transcritas da mesma forma que as demais entrevistas. Os outros dois participantes preferiram ser entrevistados por meio do Google Meet, e essas entrevistas também foram devidamente gravadas e transcritas.

6.5.1 **Caracterização da amostra**

A amostra foi composta pelos 14 participantes pesquisadores, de ambos os sexos, líderes e vice-líderes de grupos de pesquisa na área da enfermagem no Estado do Rio de Janeiro. Todos foram informados sobre o objetivo e propósito da pesquisa. A participação foi voluntária, sem ônus e agendada previamente cumprindo data, horário e local conforme programação. Foram excluídos aqueles que não responderam aos e-mails, os que optaram por não participar, os que não compareceram à entrevista no horário agendado e os que não se enquadraram de alguma forma no critério de exclusão conforme descrito no item 5.4.8.

Os participantes são predominantemente do sexo femininos (78,6%), refletindo a realidade do campo da Enfermagem, uma área historicamente composta por maior número de mulheres. Este dado pode ser comparado com os estudos demográficos sobre a força de trabalho em Enfermagem que destacam a predominância feminina na profissão, refletindo também na liderança acadêmica (OPAS, 2020).

Em relação ao tempo de atuação, na tabela 1, os resultados evidenciam que 35,7% possuem entre 15 a 19 anos de experiência em pesquisa, enquanto 28,6% atuam há mais de 20 anos, indicando um grupo com experiência significativa. Além disso, 21,4% têm entre 10 a 14 anos de atuação, e apenas 14,3% estão na faixa de 5 a 9 anos, sem registros de pesquisadores com menos de 5 anos de experiência.

Tabela 1 - Distribuição dos participantes de acordo com o tempo de atuação na pesquisa

Tempo de atuação na pesquisa	n	%
De 15 a 19 anos	5	35,7
Mais de 20 anos	4	28,6
De 10 a 14 anos	3	21,4
Entre 5 a 9 anos	2	14,3
Total	14	100

Fonte: A autora (2024).

O tempo de atuação demonstra que os participantes possuem uma trajetória duradoura na pesquisa, reproduzindo a sensatez acadêmica e competência para liderar grupos de pesquisa. O impacto da experiência acadêmica e a influência da titulação no comportamento de compartilhamento de dados, estão descritos por Tenopir *et al*. (2020), onde pesquisadores mais experientes demonstram uma maior predisposição para o compartilhamento de dados, enquanto os mais jovens, apesar de possuírem atitudes positivas em relação a essa prática, enfrentam uma realidade distinta.

Pesquisadores mais experientes orientam os novos pesquisadores a fomentar colaborações, possuem uma rede de contatos profissionais mais amplos, além de possuírem mais facilidade de obter financiamentos para manter a sustentabilidade das pesquisas. Sendo confirmado por Streeter (2014) que destaca que cientistas com uma rede expandida de contatos têm uma vantagem quando se trata de bolsas, publicações, prêmios, convites para palestras, ofertas de empregos e promoções.

A amostra da pesquisa demonstra uma diversidade nas áreas de atuação dos pesquisadores (Tabela 2). As disciplinas mais representativas da amostra desta pesquisa são a Enfermagem e a Enfermagem na Saúde da Criança e Adolescente, cada uma com 21,5% dos participantes. Essas predominâncias podem ser atribuídas ao interesse dos entrevistados sobre o assunto de compartilhamento e reúso de dados para alinhar às suas práticas de pesquisa.

Tabela 2 - Distribuição dos participantes de acordo com a disciplina principal baseada na pesquisa atual do pesquisador

Disciplina principal baseada na pesquisa atual do pesquisador	n	%
Enfermagem	3	21,5
Enfermagem na Saúde da Criança e Adolescente	3	21,5
História da Enfermagem	2	14,4
Enfermagem em Oncologia	1	7,1
Enfermagem Médico-Cirúrgica	1	7,1
Enfermagem Obstétrica	1	7,1
História da Enfermagem e Enfermagem Psiquiátrica	1	7,1
Enfermagem Forense e Enfermagem em desastres e violências	1	7,1
Enfermagem na Saúde do Recém-nascido	1	7,1
Total	14	100

Fonte: A autora (2024).

Com 14,4%, a História de Enfermagem demonstra a compreensão do desenvolvimento histórico da profissão, contextualizando mudanças, no decorrer do tempo, das práticas de enfermagem e contribuições históricas. As demais especialidades, cada uma com 7,1%, demonstra a diversidade de especializações em diferentes campos de atuação, confirmando a complexidade e abrangência da profissão.

Na tabela 3, a fim de manter o anonimato dos entrevistados evitando a identificação dos mesmos, optou-se em descrever somente quais as instituições os mesmos informaram estarem vinculados no momento da pesquisa, porém, classificando como Universidade Federal, Universidade Estadual, Universidade Privada, Instituto Federal e Hospital Municipal.

Tabela 3 - Distribuição conforme a instituição vinculada

Instituição	n	%
Universidade Federal	8	57,2
Universidade Estadual	2	14,3
Instituto Federal	2	14,3
Universidade Privada	1	7,1
Hospital Municipal	1	7,1
Total	14	100

Fonte: A autora (2024).

Há uma concentração maior nas Universidades Federais com 57,2%, seguida de 14,3% nas Universidade Estadual e 14,3% no Instituto Federal. Esse destaque das instituições públicas, demonstram que essas instituições são como peças principais no desenvolvimento acadêmico e na pesquisa no Brasil. A participação da Universidade Privada (7,1%), embora em menor número na amostra desta pesquisa, também colabora na produção de pesquisa aplicada e inovação.

Nos últimos anos, o Brasil tem passado por diversas mudanças e reformas, resultando em um país mais moderno e com uma economia emergente. No entanto, a desigualdade social tem se intensificado não acompanhando o progresso. Segundo Souza, Filippo e Casado (2018), diversas políticas públicas para promover o crescimento, a qualidade e a internacionalização das universidades tiveram um impacto evidente no sistema científico.

Essas iniciativas, embora tenham promovido avanços acadêmicos, não foram suficientes para amenizar as disparidades socioeconômicas, destacando a necessidade de abordagens mais integradas que considerem tanto o desenvolvimento econômico quanto a inclusão social.

No que concerne ao financiador da pesquisa, observa-se que 64,3% fazem pesquisa sem financiamento da instituição à qual estão vinculados. As dificuldades enfrentadas pelo sistema de fomento à pesquisa no Brasil, onde as principais agências de financiamento como por exemplo a CNPq e CAPES, sofreram cortes orçamentários nos últimos anos, o que impactou diretamente a concessão de bolsas e o apoio a projetos de pesquisa, como relatado por Dudziak em 2018. Entretanto, 21,4% informaram que possuem financiamento de agência de fomento nacional e somente 14,3% são financiados pela própria instituição conforme é descrito na tabela 4.

Tabela 4 - Distribuição de acordo com o financiador da pesquisa

Financiador da pesquisa	**n**	**%**
Sem financiamento	9	64,3
Agência de fomento nacional	3	21,4
A própria instituição	2	14,3
Total	14	100

Fonte: A autora (2024).

Esses dados reforçam a ideia de que a ciência no Brasil enfrenta uma precarização significativa, com muitos pesquisadores tendo que arcar com os custos de suas pesquisas de forma independente ou buscar recursos em fontes alternativas (Dudziak, 2018; Ribeiro *et al*., 2020).

6.6 ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados obtidos através da análise lexical são apresentados neste item conforme descrito na metodologia. O corpus de análise abrangeu 14 entrevistas, obtendo assim 1.082 segmentos de texto nos quais 858 destes foram analisados demonstrados na figura 9.

Figura 9 - Principais resultados da CHD



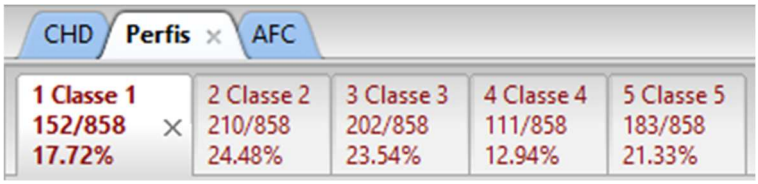
Fonte: A autora (2024).

Ademais, o presente estudo obteve uma pertinência de 79,30% do corpus (1.233 segmentos classificados) para a versão 0.7 alpha 2 do Iramuteq. É importante salientar que as análises do tipo CHD, para serem úteis à classificação de qualquer material textual, requerem uma retenção mínima de 75 % dos segmentos de texto (Camargo; Justo, 2021, p. 33).

Além disso, a análise gerou 4.482 formas com 38.093 ocorrências, a lematização das palavras atingiu um total de 2.708 com 2.419 formas ativas de palavras e 278 suplementares.

Sendo assim, o conteúdo analisado foi categorizado em 5 classes: Classe 1, com 152 ST (17,72%); Classe 2 com 210 ST (24,48%); Classe 3 com 202 ST (23,54%); Classe 4 com 111 ST (12,94%); Classe 5 com 183 ST (21,33%) conforme mostra a figura 10.

Figura 10 - Perfil das 5 classes

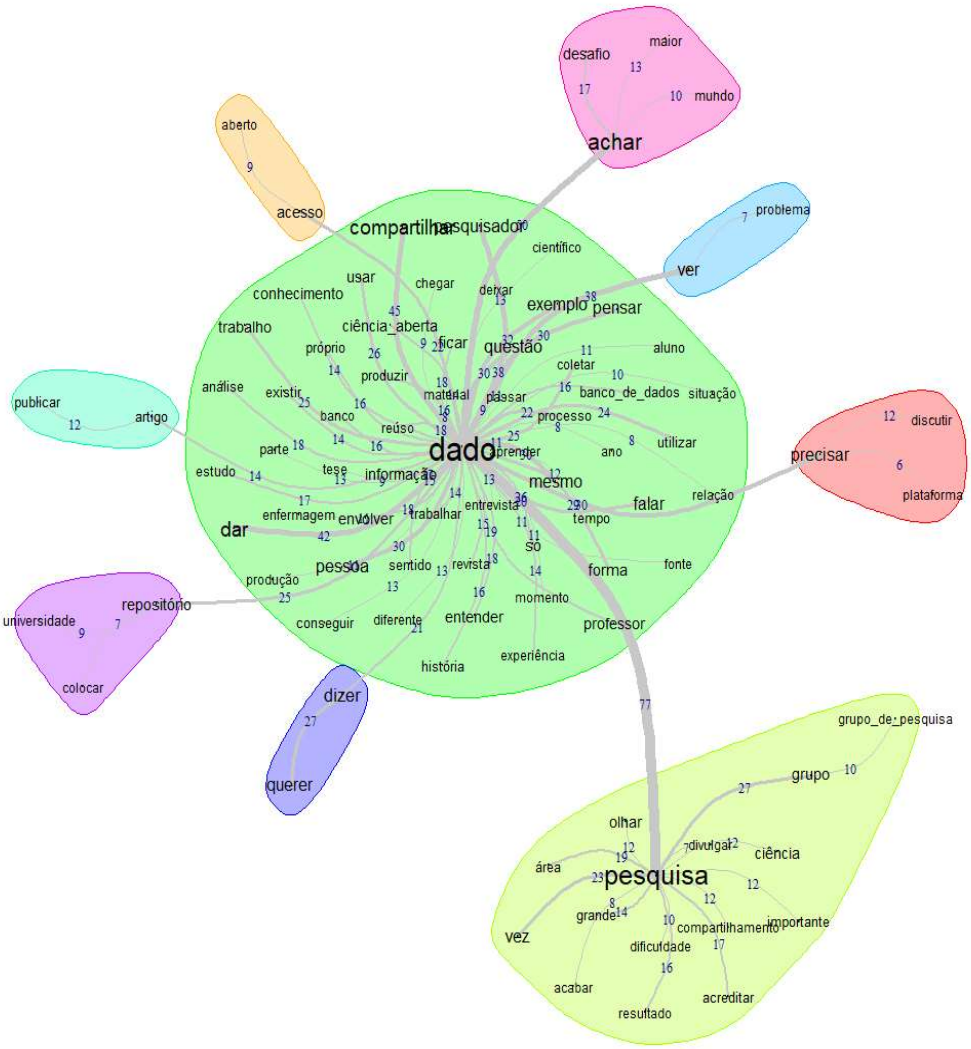


Fonte: A autora (2024).

6.6.1 **Análise de Similitude**

A análise de similitude permitiu destacar os resultados mais relevantes e as relações mais significativas entre as palavras. Nesta etapa, de um total de 2419 palavras analisadas, optou-se por selecionar aquelas com frequência maior ou igual a 30. Na figura 11, uma árvore mostra as conexões representadas pela espessura dos halos e distância. É o resultado obtido da análise da estrutura do corpus textual e as relações existentes entre as palavras e conceitos. Com isso, é possível observar um resumo que relaciona as diversas palavras para descrever a relação dos pesquisadores com o compartilhamento de dados.

Figura 11 - Análise de Similitude com círculos de agrupamentos



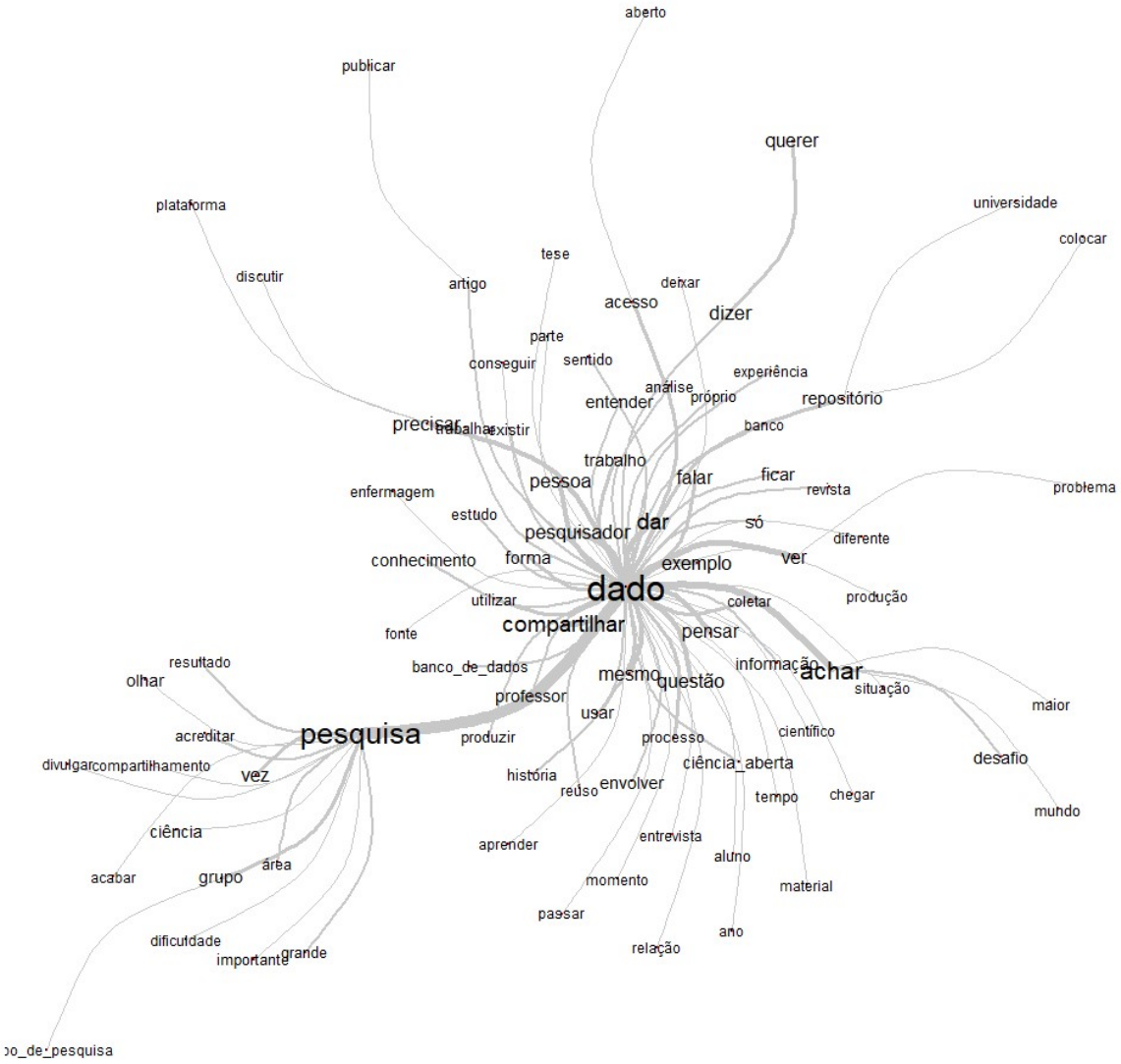
Fonte: A autora (2024).

É possível identificar as ocorrências entre as palavras e entender sua conectividade auxiliando na compreensão da estrutura do conteúdo semântico presente no corpus textual.

Observa-se que há duas palavras que mais se destacam nos discursos: “Dado” e “Pesquisa”. Delas se ramificam outras que apresentam vocábulos significativos como “Compartilhar”, “Achar”, “Dar”, “Pesquisador”, “Exemplo”, “Pensar”, “Questão”, “Precisar”, “Pessoa” e “Vez”.

Já nos extremos das ramificações, atenta-se a relação de “Grupo_de_pesquisa” e “Grupo”, “Plataforma” e “Discutir”, “Publicar” e “Artigo”, “Aberto” e “Acesso”, “Querer” e “Dizer”, “Universidade e Repositório” e por fim “Ver” e “Problema” (Figura 11).

Figura 12 - Análise de Similitude com grupo de palavras mais relacionadas



Fonte: A autora (2024).

Na figura 12, as palavras que estão mais próximas umas das outras estão fortemente relacionadas no contexto da pesquisa e as mais afastadas possuem uma relação mais suave ou muito específica.

A palavra “Dado” está centralizada no gráfico e é a palavra com maior número de conexões. Os termos como “compartilhar”, "pesquisador”, “exemplo”, “achar” e “mesma” estão associados de forma intensa, o que sugere discussões sobre o uso de dados em pesquisa, a importância de compartilhar dados e como os pesquisadores utilizam os dados.

A palavra “Pesquisa” também aparece como uma palavra central, com forte conexão a “Dado” e a outras palavras como “Ciência”, “Grupo”, “Área” e “Compartilhar” indicando discussões sobre a importância dos dados em pesquisa científica, a colaboração em grupos, e o compartilhamento dos resultados de pesquisa.

“Compartilhar” é outra palavra que se destaca e está conectada tanto a “Dado” quanto a “Pesquisa”, o que sugere a importância do compartilhamento de dados na comunidade científica.

Outra palavra que se destaca é “Pesquisador”, também relacionada a “Dado” e “Pesquisa”, mostrando que o papel do pesquisador está diretamente relacionado ao manuseio e compartilhamento de dados.

Já as palavras como “Ciência”, “Banco_de_dados”, “Ciência aberta” e “Plataforma” estão mais afastadas, porém, ainda estão relacionadas, sugerindo que os temas como ciência aberta, infraestrutura para armazenamento dos dados e o papel das plataformas no compartilhamento de dados.

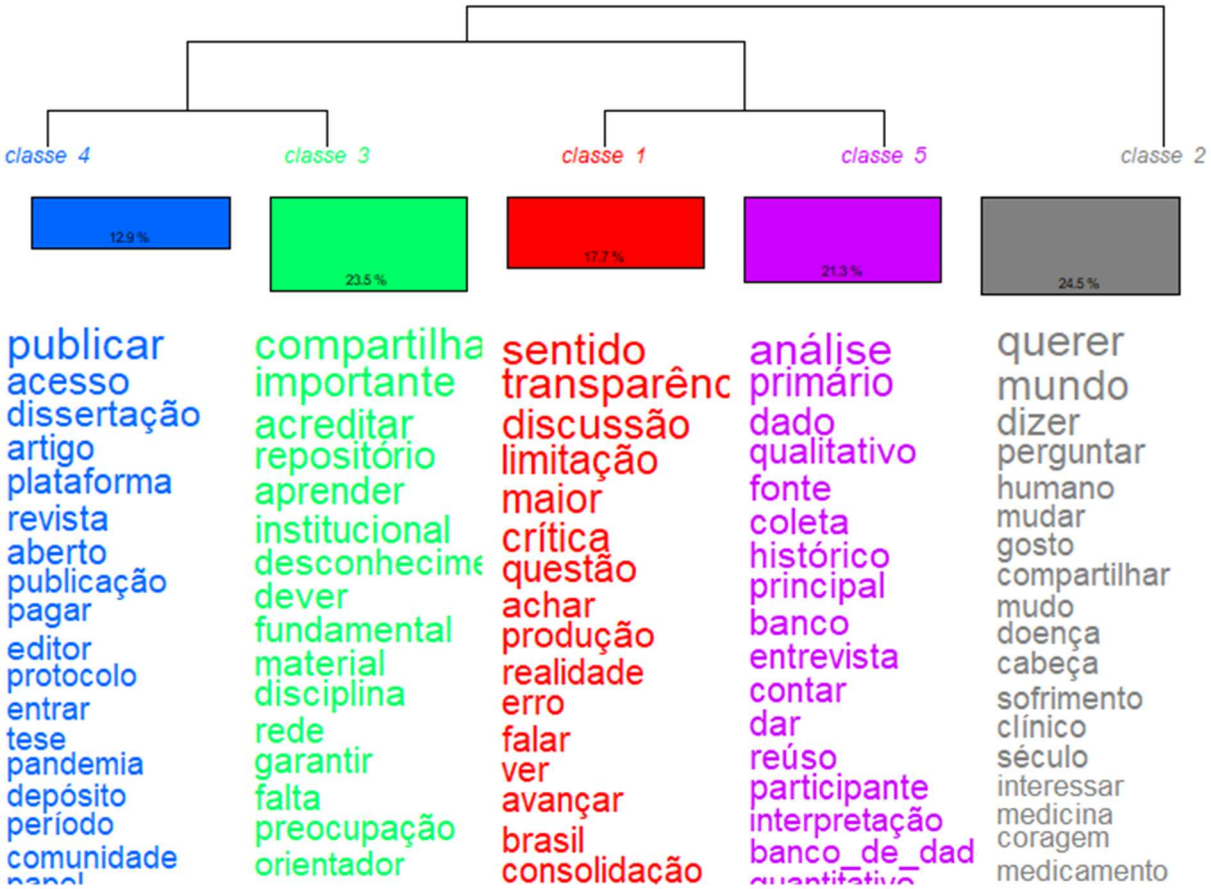
Portanto, a figura 12 demonstra que a palavra “Dado” é parte central para discussões relacionadas à pesquisa quando o contexto é compartilhamento e uso ético dos dados. A relação entre os dados, pesquisadores e o processo de pesquisa científica é interconectada de tal forma que reflete a importância dos dados na produção e disseminação de conhecimento.

Em relação às cinco classes temáticas, foram compostas pelas palavras mais relevantes que serão discutidas neste capítulo.

6.6.2 **Classificação Hierárquica Descendente (CHD)**

A começar da análise do corpus das entrevistas, segmentos dos textos foram dimensionados e classificados. Desse modo, foram formadas classes que são os agrupamentos dos STs com temas semelhantes estabelecendo 5 classes apresentadas na figura 13. No primeiro momento o corpus foi dividido em dois *subcorpora,* separando a classe 2 do restante do material. Em um segundo momento o segundo subcorpora maior foi dividido ocorrendo a 2ª partição. Já no terceiro momento há uma nova partição (a 3ª), gerando as classes 5 e 1. E uma última partição (4ª) gerando as classes 3 e 4.

Figura 13 - Dendrograma da classificação (CHD) do corpus



Fonte: A autora (2024).

A CHD parou em 5 classes por essas mostrarem estáveis por serem “compostas de unidades de segmento de texto com vocabulário semelhante. O número de partições é igual ao número de classes menos um.” (Camargo; Justo, 2021, p. 34).

Na ilustração do dendrograma na figura 13, quando se faz a leitura da esquerda para a direita, uma homogeneidade semântica é revelada em cada classe definindo as palavras que possuem a maior conexão caracterizando a classe. Além disso, mostra a relação entre as classes amparado no objeto do estudo onde, inclusive, indica a proximidade e a distância semântica entre as classes.

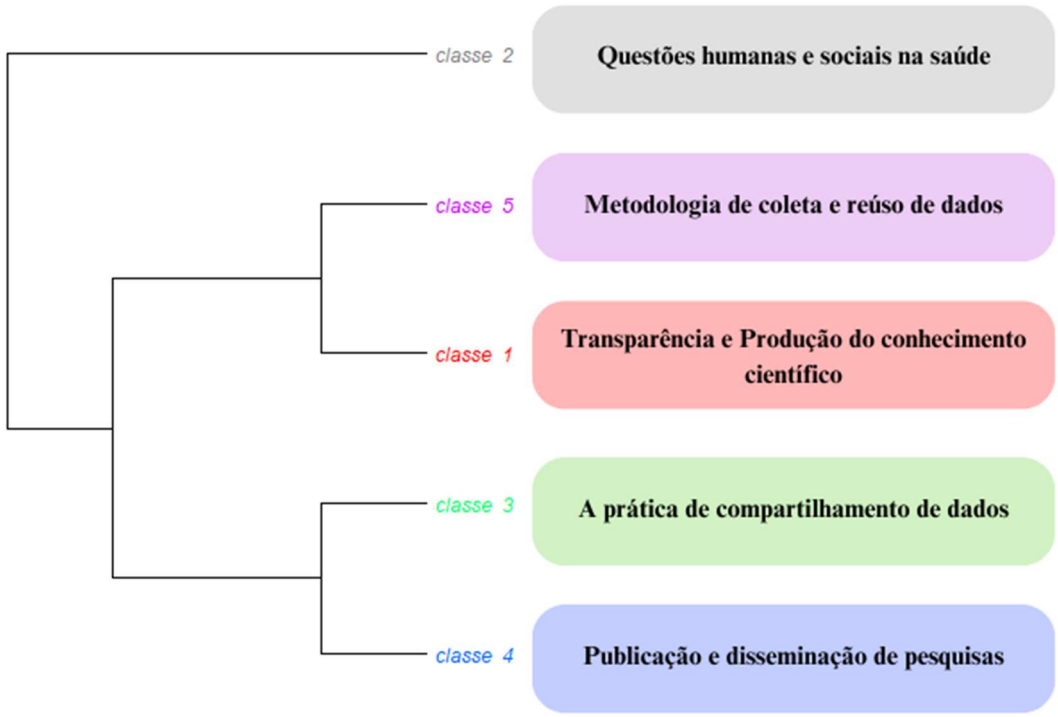
A fim de esclarecer os conteúdos de cada classe, foi atribuído um nome para cada uma delas, baseada no sentido percebido, no contexto dessa pesquisa. Sendo assim se seguirá a mesma sequência da análise de cluster (agrupamento) apresentada pelo software considerando o conjunto semântico na organização específica das divisões finais da análise:

A. Classe 4 - Publicação e disseminação de pesquisas
B. Classe 3 - A prática de compartilhamento de dados

C. Classe 1 - Transparência e Produção do conhecimento científico
D. Classe 5 - Metodologia de coleta e reúso de dados
E. Classe 2 - Questões humanas e sociais na saúde

Baseado no Dendograma da CHD, como demonstrado na figura 13, emergiu com a divisão das classes, figura 14, da qual a leitura segue uma ordem ascendente começando pela Classe 4, sendo possível compreender a conexão de cada classe possibilitando avaliar o grau de importância dessa classe em relação ao objeto de estudo.

Figura 14 - Dendrograma com a divisão das classes



Fonte: A autora (2024).

A seguir, se apresenta a análise para cada uma das classes. Observa-se que a **classe 4** possui 111 STs, que corresponde a 12,94% do corpus total analisado. Dentre as palavras mais relativas para esta classe, foram selecionadas aquelas que têm o chi-quadrado (x^2) entre 138,69 e 27,05, conforme pode ser visto na terceira coluna da tabela 5.

Todas as palavras selecionadas possuem o p-valor <0,0001 e frequência entre 30 e 4. O p-valor identifica a associação do ST contendo a palavra com a classe <0,0001 e o ***eff.st*** identifica o número de ST no corpus que contém a palavra na **classe**, já o ***eff.total*** identifica o

número de ST no **corpus** que contém, ao menos uma vez, a palavra citada conforme descrito por Camargo e Justo (2021).

Dessa forma, na tabela 5 pode-se observar que as palavras estão relacionadas ao processo de publicação, acesso a artigos e a disseminação de resultados de pesquisa, justificando o nome da classe.

Tabela 5 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 4

Classe 4		
Palavras	***eff.st / eff.total***	***x²***
publicar	30 / 41	138,69
acesso	27 / 48	84,69
dissertação	13 / 15	73,68
artigo	20 / 35	63,31
plataforma	16 / 24	63,28
revista	21 / 38	63,24
aberto	15 / 24	53,85
publicação	12 / 19	43,51
pagar	9 / 12	41,62
editor	8 /10	40,4
protocolo	6 / 7	33,19
entrar	10 / 18	29,65
tese	13 / 29	27,1
depósito	4 / 4	27,05
periódico	4 / 4	27,05

Fonte: A autora (2024).

A seguinte é a **classe 3**, com 202 STs e 23,54% do corpus analisado. Portanto, ela é constituída por palavras com x^2 no intervalo entre 43,12 e 21,02; frequência entre 23 e 9, e P-valor <0,0001 de probabilidade de erro com relação à palavra com a classe. Percebe-se que esta classe, a partir das palavras mais significativas da classe (Tabela 6), está relacionada à educação, formação acadêmica e o papel dos repositórios de conhecimento.

Tabela 6 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 3

Classe 3		
Palavras	***eff*.st / *eff*.total**	***x*²**
compartilhamento	23 / 32	43,12
importante	24 / 36	38,82
acreditar	25 / 40	35,37
repositório	31 / 58	30,91
aprender	17 / 24	30,68
institucional	15 / 20	30,12
desconhecimento	10 / 11	28,09
dever	15 / 21	27,42
fundamental	14 / 19	27,14
material	13 / 17	26,99
disciplina	9 / 10	24,83
rede	7 / 7	22,92
garantir	8 / 9	21,58
falta	12 / 17	21,32
preocupação	9 / 11	21,02
orientador	6 / 6	19,62

Fonte: A autora (2024).

Já a tabela 7 demonstra a classe 1 com 152 STs e 17,7% do corpus total analisado. Possui palavras entre 19 e 4 de frequência, e com x^2 entre 44,38 e 18,67. Todas as palavras contêm o P-valor de < 0,0001. Logo, esta classe sugere discussões sobre a transparência na pesquisa, críticas e a produção de conhecimento científico.

Tabela 7 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 1

Classe 1		
Palavras	***eff.st / eff.total***	***x²***
sentido	19 / 30	44,38
transparência	11 / 13	40,52
discussão	15 / 22	39,45
limitação	9 / 10	36,27
maior	19 / 35	33,48
crítica	11 / 15	32,4
questão	35 / 91	30,06
achar	51 / 160	27,05
produção	14 / 25	25,89
realidade	10 / 16	22,43
erro	6 / 7	22,39
fala	29 / 78	22,3
ver	31 / 87	21,32
avançar	7 / 10	18,97
Brasil	9 / 15	18,73
consolidação	4 / 4	18,67

Fonte: A autora (2024).

Contudo, a classe 5 compreende 21,33%, com 183 STs do corpus total analisado. As palavras mais significativas desta classe (Tabela 8) compreendem o intervalo de 71,36 e 21,29 para o x^2, com frequência entre 28 e 10, e P-valor de <0,0001. As palavras desta classe indicam um foco em técnicas de coleta de dados, reúso de informações e aspectos metodológicos das pesquisas.

Tabela 8 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 5

Classe 5		
Palavras	***eff.st / eff.total***	***x²***
análise	28 / 36	71,36
primário	15 / 16	50,96
dado	94 / 263	46,95
qualitativo	15 / 18	42,13
fonte	18 / 25	39,4
coleta	18 / 25	39,4
histórico	14 / 17	38,49
principal	15 / 19	38,44
banco	19 / 28	37,34
entrevista	15 / 21	32,2
contar	12 / 15	31,32
dar	43 / 103	29,08
reúso	16 / 25	27,94
participante	10 / 12	27,88
interpretação	8 / 9	24,74
banco_de_dados	15 / 25	22,95
quantitativo	10 / 14	21,29

Fonte: A autora (2024).

E por fim, a Classe 2 compreendendo 24,48% e 210 STs do corpus total analisado. As palavras mais relevantes e que foram selecionadas para a análise deste estudo (Tabela 9) tem x^2 entre 94,37 e 15,52, possuem frequência entre 52 e 5, e são as que tem P-valor de < 0,0001 que demonstra a forte significância da palavra com a classe. Esta classe sugere discussões sobre aspectos humanos e sociais, incluindo saúde, doenças e experiências humanas.

Tabela 9 - Palavras com maior associação organizadas de acordo com a análise de cluster apresentada pelo IRAMUTEQ® na CHD na Classe 2

Classe 2		
Palavras	***eff.st / eff.total***	***x²***
querer	52 / 73	94,37
mundo	36 / 44	82,5
dizer	49 / 84	57,75
perguntar	15 / 17	38,14
humano	16 / 20	34,15
mudar	12 / 15	25,46
gosto	8 / 8	24,92
compartilhar	47 /109	23,48
mudo	7 / 7	21,78
doença	7 / 7	21,78
cabeça	8 / 9	20,42
sofrimento	6 / 6	18,64
clínico	7 / 8	17,35
século	8 /10	16,87
interessar	5 / 5	15,52
medicina	5 / 5	15,52
coragem	5 / 5	15,52
medicamento	5 / 5	15,52

Fonte: A autora (2024).

6.6.3 **Classe 4 - Publicação e disseminação de pesquisa**

Compreende-se que a Classe 4 está relacionada fortemente ao processo de publicação, acesso a artigos e a disseminação de resultados de pesquisas científicas. Os termos “publicar”, "dissertação”, “artigo” e “acesso” indicam uma preocupação com a acessibilidade e os mecanismos de publicação de pesquisas.

As universidades desempenham um papel essencial na sociedade pois atuam como “fábricas de conhecimento” impulsionando o desenvolvimento científico, tecnológico e intelectual do País (Escobar, 2019).

Os pesquisadores buscam publicar os resultados de suas pesquisas em formato de artigos nos periódicos nacionais e internacionais. Segundo a Capes, um periódico científico é uma “publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, enquadrando-se na norma NBR 6021 da ABNT” (CAPES, 2017).

Porém, o periódico é importante por ser um pilar na comunicação científica e disseminador do conhecimento, além de garantir a qualidade da pesquisa por rigorosos padrões de publicação, dando transparência quando tem revisão por pares, dentre outros.

A publicação em periódicos por parte dos pesquisadores ocorre porque é uma das formas de avaliar a qualidade e produtividade dos programas de pós-graduação pela CAPES para concessão de bolsas de pesquisas e na carreira dos professores pesquisadores. A qualidade do periódico interfere diretamente na avaliação.

O acesso às informações e dados produzidos em âmbito global é indispensável para o progresso contínuo, transparente e equitativo do conhecimento científico. Nas Recomendações da UNESCO sobre Ciência Aberta (2022), o conhecimento científico aberto se refere a publicações científicas, dados de pesquisa, recursos educacionais abertos, dentre outros. Sendo assim, as publicações científicas devem ser:

> "...divulgadas por editores em plataformas de publicação *online* de acesso aberto e/ou depositadas e tornadas imediatamente acessíveis em repositórios *online* abertos no momento da publicação, que são apoiados e mantidos por uma instituição acadêmica, sociedade acadêmica, órgão do governo ou outra organização sem fins lucrativos bem estabelecida e dedicada ao bem comum que permite acesso aberto, distribuição irrestrita, interoperabilidade e preservação e arquivamento digital de longo prazo" (UNESCO, 2022, p. 9).

No processo de publicação, alguns tipos de acesso aberto são disponibilizados para os periódicos como:

- **Acesso Aberto Ouro (Gold OA)**: Os artigos são publicados em revistas de acesso aberto, onde o conteúdo é imediatamente acessível gratuitamente para todos os leitores. Os custos das publicações são cobertos por taxas pagas pelos autores ou financiamentos institucionais ou governamentais (Akterian, 2018; Malicke; Markovac, 2018). Possui como desvantagem o custo das taxas de processamento Article Processing Charge - APC (Akterian, 2018).
- **Acesso Aberto Verde (Green OA):** Os autores depositam uma versão de seus artigos (pré-print ou pós-print_ em repositórios institucionais ou temáticos, tornando-os acessíveis gratuitamente. Não há custo direto para os autores, porém, pode haver um período de embargo imposto pelas revistas antes que os artigos possam ser disponibilizados (Akterian, 2018; Malicke; Markovac, 2018). Possui um menor custo para os autores e um maior controle sobre a disseminação do seu trabalho. Como desvantagem é o embargo e a necessidade de gerenciar depósitos em repositórios (Akterian, 2018).

- **Acesso Aberto Híbrido (Hybrid OA):** As revistas de assinatura permitem que autores paguem uma taxa para tornar seus artigos específicos de acesso aberto. Há a combinação de elementos de acesso aberto e de assinatura (Costello; Farrelly; Murphy, 2020; Sau, 2013). Tem como vantagem a flexibilidade de autores escolherem o acesso aberto para artigos específicos e como desvantagem o custo de assinatura.
- **Acesso Aberto Diamante/Platina (Diamond/Platinum OA):** Os artigos são publicados em revistas de acesso aberto sem custos para os autores ou leitores. O financiamento geralmente vem de instituições, consórcios ou subsídios governamentais (Sau, 2013). Como vantagem é totalmente gratuito para autores e leitores, promovendo a acessibilidade e a desvantagem é que pode ser um desafio à sustentabilidade financeira.
- **Acesso Aberto Delayed (Delayed OA):** Os artigos são disponibilizados gratuitamente após um período de embargo. Em um primeiro momento os artigos são disponibilizados somente para assinantes, mas se tornam de acesso aberto após um determinado tempo (Sau, 2013). Como vantagem é que eventualmente os artigos se tornam acessíveis gratuitamente e a desvantagem é que o acesso imediato é restrito, podendo atrasar na disseminação do conhecimento.

Dito isto, nesta classe, o entrevistado expõe sua percepção em relação a publicação em revistas científica:

> Elas têm adotado um modelo híbrido. Se você deseja trabalhar com Acesso Aberto, precisa pagar. Porém, quando as revistas isentam a taxa, o manuscrito fica disponível apenas para quem tem acesso àquele periódico ou plataforma por meio de assinatura (Entrevistado 2).

Clarke e Garcia (2015, p. 284) descrevem que embora alguns periódicos sejam totalmente de acesso aberto, há modelos híbridos que permitem acesso gratuito a alguns artigos, enquanto outros se encaixam no modelo tradicional de assinatura ou taxas. Portanto, o modelo híbrido é uma combinação de características de periódicos tradicionais com práticas de acesso aberto.

Desta forma, o modelo híbrido permite que a revista mantenha fontes de receita clássicas, como as assinaturas, e ao mesmo tempo em que integra progressivamente práticas da Ciência Aberta. Entretanto, é um modelo transitório para a implementação das práticas de Ciência Aberta nas revistas científicas.

Nas Recomendações da UNESCO sobre Ciência Aberta (2022), são sugeridos valores e princípios importantes que podem ser adotados na publicação científica a fim de alinhar a estrutura com os pilares fundamentais da abertura, equidade e sustentabilidade.

Apesar da ciência aberta ser vista como uma oportunidade para fortalecer a colaboração entre pesquisadores e democratizar o acesso ao conhecimento, dificuldades e a falta de infraestrutura adequada são apontadas como desafios.

Uma visão geral de estudos internacionais mostra que as práticas de ciência aberta estão começando a afetar todo o ciclo de pesquisa, desde o surgimento de ideias até a disseminação e exploração dos resultados da pesquisa (Dezhina; 2023; p. 71; tradução nossa).

Dezhina em 2023 descreve que a necessidade de mudar a cultura de pesquisa para alinhar-se aos valores da ciência aberta é um desafio contínuo. Alguns dos entrevistados sugerem que é necessário um movimento institucional mais forte para incentivar a adoção de práticas de acesso aberto, incluindo políticas claras e apoio financeiro.

> Na universidade 1, o repositório institucional 1 concentra principalmente dissertações e teses, mas os artigos científicos não. Isso pode ser atribuído, em parte, à burocracia envolvida. Algumas plataformas de repositórios acadêmicos solicitam muitas informações, o que pode desencorajar os pesquisadores (Entrevistado 7).

> Está muito incipiente o movimento da universidade para que se deixe de usar papel e passe a ter no arquivo. Não possuímos um repositório que consiga receber esse volume de dados e de qualidade (Entrevistado 6).

Seguindo esta linha de pensamento, Wang, Gainey e Campbell (2022) defendem que a criação de programas que ofereçam ferramentas, treinamento e oportunidades de colaboração pode ser uma abordagem eficaz para apoiar a adoção da ciência aberta. Porém, a implementação de políticas baseadas nas realidades locais e as oportunidades de colaboração podem ajudar a consolidar os esforços em direção à ciência aberta.

Já as publicações de artigos no acesso aberto podem envolver custos e as recomendações da UNESCO em 2022 sobre a Ciência Aberta não restringem o pagamento de APC (*article processing charge*), uma taxa que muitas vezes é cobrada dos autores para que o artigo fique em acesso aberto como no acesso híbrido. Essas taxas foram citadas pelos entrevistados causando uma preocupação na dificuldade em publicar artigos em periódicos de alto impacto:

> Eu não tenho financiamento. Vão pensar, não tenho fomento, mas eu preciso ter 7.000 reais para publicar. Uma boa revista, um score bom. Então acho que essa é uma das dificuldades (Entrevistado 14).

> Nós, enquanto países subdesenvolvidos, temos recursos financeiros limitados para pagar essas taxas. Muitas vezes com recursos próprios. Qual opção escolher? Não pagar a taxa e manter o acesso restrito ou pagar a taxa em prol da ciência e deixar o conteúdo aberto? (Entrevistado 2).

> …eu preciso pagar 7.000 reais para publicar a minha pesquisa. Para mim, enquanto pesquisadora, eu não consigo compreender isso. Então sim, eu acho que começamos a pensar numa ciência que ela não é aberta. Ela é só para os ricos (Entrevistado 14).

O custo para o pesquisador (ou agência de financiamento) que deseja ter seu artigo disponível abertamente pode ser substancial. É provável que as taxas bloqueiem certos pesquisadores e isso continua sendo um problema para exploração posterior (Clarke; Garcia, 2015, p. 284).

Sendo assim, os custos associados à publicação em acesso aberto podem ser elevados, podendo ser transferido o ônus para os autores ou instituições. Os depoimentos acentuam a desigualdade existente na publicação científica, especialmente para pesquisadores em países em desenvolvimento. A necessidade de pagar por acesso ou publicação em revistas internacionais é vista como uma dificuldade ao avanço da Ciência Aberta. Essa desigualdade cria um ciclo onde apenas os pesquisadores com recursos financeiros ou financiamento têm a oportunidade de contribuir e beneficiar-se plenamente do sistema científico global.

O acesso pago é uma barreira financeira citada associada ao acesso aberto e sob a ótica do entrevistado, isso pode impedir o compartilhamento de dados revelando uma limitação estrutural no sistema de publicação científica:

> Algumas dessas revistas sim, dão acesso de forma sem pagar. Mas a grande maioria não. Então eu não tenho diretamente essa experiência de publicar dados da minha pesquisa em locais abertos (Entrevistado 14).

Nas diretrizes publicadas pela UNESCO em 2022, são reconhecidas as diferenças disciplinares e regionais sob a ótica da Ciência Aberta. Consideram a liberdade acadêmica e os desafios enfrentados por cientistas e outros atores envolvidos na produção científica, especialmente em países em desenvolvimento. A diminuição de barreiras digitais, tecnológicas e de conhecimento é o objetivo das diretrizes, além de incentivar a cooperação internacional e multissetorial no cenário científico atual.

É preciso que cada pesquisador se conscientize da importância de fortalecer os periódicos que realmente praticam a verdadeira Ciência Aberta, pois somente assim estes subirão nos rankings de qualidade.

Além do mais, outros contextos foram abordados como desafios e incertezas nas práticas e percepções dos entrevistados em relação ao compartilhamento de dados e publicação em acesso aberto. Embora a conscientização esteja sendo amadurecida sobre a

importância dessas práticas, existem barreiras estruturais, financeiras e culturais para que elas sejam adotadas.

Ainda que os pesquisadores estejam a favor do uso de plataformas de ciência aberta, algumas hesitações surgem como a falta do conhecimento, recursos ou inexperiência dos mesmos, porém, indicam que podem fazer futuramente:

> Então, nessa situação de arquivo suplementar não, eu nunca compartilhei. Eu sempre marco quando público um artigo. Se a revista pergunta se os dados estão disponíveis, você está disposta? Eu sempre respondo que sim, caso solicitem (Entrevistado 1).

> Mas para executar essa divulgação e repositórios, eu ainda não fiz. Acredito que, nesse primeiro momento, vou encontrar dificuldades, mas isso é natural. No entanto, penso em publicar os dados futuramente (Entrevistado 2).

Entrevistados de subáreas da enfermagem possuem percepções diferentes. Como exemplo, na História da Enfermagem, há uma falta de tradição ou infraestrutura para realizar o compartilhamento dos dados nesta área específica:

> São os dados que, a partir da pesquisa, teria para disponibilizar e abrir o acesso. Nas pesquisas de história, especificamente, nunca compartilhei com revistas nem em repositórios (Entrevistado 1).

Uma preocupação com as plataformas de repositórios de dados surgiu devido ao desconhecimento sobre como elas funcionam. Essas falas podem indicar uma falta de comunicação ou treinamento sobre recursos disponíveis, além de uma dependência das exigências editoriais para o compartilhamento de dados. Ademais, há uma confusão sobre a origem e a gestão das plataformas usadas para compartilhar dados, dificultando a adoção amplificada de práticas de compartilhamento de dados:

> Não, eu desconheço assim plataforma, seja da universidade, pode ser que tenha, mas eu não conheço da universidade ou das próprias revistas. Assim sempre nos compromete, acaso seja solicitado pelo editor chefe ou assim pelo parecerista (Entrevistado 9).

> No YouTube também, enfim. Então, porque eu desconheço, eu não sei se essa plataforma é da revista ou se é da instituição, se é do próprio pesquisador, de um grupo de pesquisa (Entrevistado 9).

O desconhecimento sobre o funcionamento e as implicações das plataformas de repositórios de dados demonstra a importância de líderes de grupos de pesquisa em enfermagem estarem bem informados sobre essas ferramentas. Como desempenham o papel

de orientar suas equipes, sua compreensão e atuação proativa são essenciais para identificar necessidades de treinamento de todos os participantes do grupo para que não gere a dificuldade de se compartilhar os dados de pesquisa.

A questão do plágio é levantada em diferentes contextos, especialmente quando se trata de compartilhar dados de pesquisa. Plágio pode ser definido como a prática de tomar trabalho, palavras ou ideias de outra pessoa e apresentá-los como próprios (Mohammed *et al*., 2015). As formas de plágio podem ir desde a cópia literal de texto, apropriação das ideias, autoplágio (reutilização de trabalhos sem citação adequada) e plágio de tradução.

Há uma preocupação com a apropriação indevida de ideias e dados, que pode ocorrer tanto em repositórios abertos quanto em plataformas fechadas. Isso leva a uma reflexão sobre a necessidade de regulamentar o que é considerado plágio no contexto da ciência aberta.

> No entanto, mesmo essa abordagem não é totalmente segura. Já ocorreram situações em que artigo foi estruturado em grupo de pesquisa, ficou parado e quando foi publicado, o texto continha algumas alterações que poderiam ser denominadas plágio (Entrevistado 4).

> Eu acho que a outra é aquilo que eu te falei no início. Eu acho que vai precisar rever o que vai ser ou não considerado plágio. Por quê? É, acredito que para isso da Ciência Aberta fica algo de acesso à uma população maior (Entrevistado 14).

O plágio, falsificação e fabricação de resultados são as violações mais frequentemente relatadas e reconhecidas como sérias infrações à integridade da pesquisa (Armond *et al.*, 2021; Muthanna; Chaaban; Qadhi, 2023).

Alguns entrevistados também mencionam a responsabilidade de pesquisadores e editores na prevenção do plágio e na promoção de práticas éticas de compartilhamento de dados. Isso inclui a necessidade de dar crédito aos autores originais e de garantir que os dados sejam usados de maneira apropriada e transparente.

> O orientando pode disponibilizar os dados de pesquisa, mas é importante dar crédito a ele na publicação. Estamos exatamente nesse momento agora. Minha orientanda já defendeu o TCC, e na escola, o TCC não é mais uma monografia (Entrevistado 6).

> Isso pode ser Roubo de ideias. É plágio de outra ordem. E começar a haver uma competição de quem publica primeiro e que fica com os créditos, seja, aquela pessoa teve uma ideia tão boa, como é que eu não tive essa ideia? (Entrevistado 8).

A reutilização de dados de pesquisa é vista como uma prática positiva que pode aumentar o impacto e a durabilidade das descobertas científicas.

> Aqui entra o reúso. Quando você compartilha seus dados, eles podem ter um valor duradouro. Imagine que um colega reutilize esses dados de repositórios antigos. Os editores podem ficar satisfeitos, mesmo que os dados sejam mais antigos (Entrevistado 3).

> É como se estivéssemos presos em uma corrida contra o tempo, fazendo ciência fast food. Eu fico muito chateada com isso e eu vejo o reuso com bons olhos em relação a isso, porque você deposita e aquele dado tem valor por mais tempo. Pode descrever quando reutilizando que a coleta de dados foi nos repositórios no período de tanto a tanto (Entrevistado 3).

> A história também reflete essa diversidade. No bacharelado em história eu aprendi que a maior dificuldade na enfermagem é produzir um determinado texto. E esse texto que precisa se sustentar ao longo do tempo, independentemente de serem dissertações, teses ou artigos (Entrevistado 7).

Em suma, esta classe discute o acesso ao conhecimento científico, onde o custo, a ética, a responsabilidade e a infraestrutura são de extrema importância para os pesquisadores para que a Ciência aberta funcione. Embora haja um significativo movimento para que a ciência se torne mais aberta e acessível para todos, alguns desafios ainda precisam ser superados.

6.6.4 **Classe 3 - A prática de compartilhamento de dados**

A Classe 3 está relacionada a uma série de ideias e preocupações centrais em torno da prática de compartilhamento de dados e o uso de repositórios no ambiente acadêmico e de pesquisa. Os termos "compartilhamento", "importante", "acreditar", "repositório", "aprender", "institucional", "desconhecimento", "dever" e "fundamental" indicam a importância do conhecimento e informação para o compartilhamento de dados.

Existe um consenso entre os entrevistados que o compartilhamento de dados e informações de pesquisa são fundamentais para o avanço científico. Reconhecem que a disseminação do conhecimento, o incentivo à colaboração entre os pesquisadores, assim como, a promoção de uma cultura de transparência na ciência, engajam a ciência aberta e o compartilhamento.

> …tenho dúvidas: como posso me beneficiar com esse compartilhamento? Como usar o que outros pesquisadores também compartilharam? Essas questões são importantes para o avanço da ciência, mas, como professor e pesquisador, enfrento desafios (Entrevistado 3).

> Não é só naquilo que é mais popular e óbvio de ser coletado. A lógica da Ciência Aberta de já permitir ela já é um movimento. Eu acho que ajuda, mas há outras formas de compartilhamento (Entrevistado 8).

> Então queríamos esse compartilhamento para ver o que as outras pessoas iam rodar, iam fazer com base naqueles dados ali. Fora que um professor, que era o coordenador, ele queria muito a transparência dos dados, ele focava muito na transparência, inclusive é um dos benefícios também (Entrevistado 13).
> O benefício está em compartilhar. Esse compartilhamento trará mais conhecimento na área e contribuirá para o desenvolvimento da sua pesquisa. Contribuição com a prática. Além disso, incentivará outros pesquisadores. Um dos fatores que nos impede de compartilhar dados é o desconhecimento (Entrevistado 5).

O compartilhamento de dados promove a replicabilidade dos resultados, a reutilização de dados para novas questões de pesquisa (Conrad; Delahunty; Ding, 2022; Fecher; Friesike; Hebing, 2015; Perrino *et al*., 2013; Tenopir *et al*., 2011) além de aumentar a confiança na precisão dos achados científicos (Conrad; Delahunty; Ding, 2022; Quigley *et al*., 2022; White; Blok; Calhoun, 2020).

Ademais, as iniciativas de compartilhamento de dados podem aprimorar a colaboração entre pesquisadores de diferentes disciplinas e instituições, propiciando uma interdisciplinaridade e expansão das áreas de estudo científico (Michener, 2015; Milham *et al.*, 2018; Urbano; Cagnacci, 2021; White; Blok; Calhoun, 2020).

Porém, para garantir o acesso aberto e a preservação dos dados de pesquisa, nesta classe, os entrevistados apontam que os repositórios são essenciais para que isso ocorra. Na ciência aberta, os repositórios de dados são fundamentais por permitir o acesso livre, permanente e facilitar a citação dos dados de pesquisa (Costa; Cordeiro; Oliveira Jr., 2021; Kim, 2018; Krishnamurthy; Deshpande; Sajanal, 2021).

Além de tudo, os repositórios ajudam a garantir que os dados de pesquisa sejam acessíveis para verificação e reutilização, promovendo transparência e replicabilidade (Kim, 2018).

Todavia, ressaltam a necessidade de acreditar na segurança e na ética dessas práticas para que possam participar de maneira plena e segura. A credibilidade dos repositórios institucionais e das plataformas de compartilhamento é vista como fundamental para a aceitação generalizada dessas práticas.

> Isso é fundamental. Despertar a confiança no repositório também é importante. Quem vai guardar meus dados? Quem vai abrir esses dados? Quem é responsável pela guarda e liberação do acesso a outros? Precisamos de garantias éticas (Entrevistado 1).

> Não é a palavra ideal, mas acredito que esses repositórios perdurarão e se tornarão excelentes acervos para pesquisas em história e antropologia, entre outras áreas. Além disso, como pesquisadora atual, acho que esses dados disponíveis podem inspirar outros pesquisadores (Entrevistado 1).

> … e estamos construindo o hábito de compartilhar dados de forma ética. Antes de enviar qualquer informação para os repositórios, precisamos obter autorização do Comitê de Ética em Pesquisa, especialmente em pesquisas qualitativas. É que o sujeito que vá ser nosso depoente faça autorização pra que esse dado fique no repositório (Entrevistado 6).
>
> No entanto, precisamos definir onde esses repositórios virtuais serão hospedados e garantir a confidencialidade e a permanência dos dados. A preocupação com os dados eletrônicos dos alunos é válida. Embora a gestão digital seja necessária, temos que assegurar que esses registros não desapareçam (Entrevistado 6).
>
> Como garantir que um aluno formado há 40 anos possa comprovar sua habilitação? Eu vou deixar no repositório que é eletrônico, eu preciso ter uma garantia da permanência e confiabilidade que isso vai estar lá (Entrevistado 6).

Problemas de segurança de privacidade na computação em nuvem exigem uma estrutura abrangente de proteção de segurança de privacidade e diversas tecnologias para garantir a proteção e a confiança dos dados. Para Sun (2020), o risco de ameaça aos dados vai desde a segurança da informação, segurança de rede à segurança da computação em nuvem, o requisito constante de segurança é a confidencialidade e proteção da privacidade das informações.

A questão da confiança e do receio em relação à proteção dos dados é algo que deve ser tratada com cuidado constante:

> Acredito que, aqui no Brasil, isso pode acontecer, mas a falta de confiança e compreensão dos processos ainda é um obstáculo. Isso ocorre exatamente por causa dessa falta de confiança, ética e compreensão sobre os processos envolvidos em ter um repositório para acessar esses dados (Entrevistado 1).
>
> Essa falta de proteção para o pesquisador ao compartilhar esses dados me deixa insegura. Uma forma que considero segura é compartilhar dados com pessoas de confiança dentro dos grupos de pesquisa. Coletamos e discutimos dados juntos (Entrevistado 4).

Alguns componentes são considerados de extrema importância para a credibilidade no progresso científico, dentre eles a ética na pesquisa e a integridade. Todavia, questões éticas, proteção dos direitos dos participantes e responsabilidade por parte do pesquisador em garantir a integridade dos dados permanecem como inquietações para a comunidade científica.

Além da falta de confiança, a questão ética foi muito citada, inquietando os pesquisadores sobre a proteção dos direitos dos participantes de pesquisa e a responsabilidade em garantir a integridade dos dados.

> Como determinar se um dado é ou não sensível? Avaliar essa questão ética pode ser complexo. Saber se essa questão do compartilhamento até onde ele infringe ou não uma questão ética? Além disso, como saber se os dados que compartilhei podem ser usados de maneiras diferentes das que eu previ? (Entrevistado 3).

> Infelizmente, nosso artigo foi recusado. No entanto, aprendemos com essa experiência. Publicamos o material em outro periódico que não exigia os mesmos requisitos. Foi importante para nossa aprendizagem. Além disso, tive uma preocupação ética relacionada ao compartilhamento dos dados (Entrevistado 3).

> Acredito que esse seja um desafio real. Trata-se de um desafio relacionado ao Comitê de Ética em Pesquisa, pois, ao trabalharmos com seres humanos, precisamos seguir rigorosamente as normativas éticas de pesquisa (Entrevistado 6).
> Essas dúvidas não estão relacionadas aos benefícios, mas sim às implicações éticas. Ainda estamos aprendendo nesse campo. Embora grandes grupos de pesquisa e laboratórios já estejam aplicando a Ciência Aberta a dados de bancada, na área da enfermagem … (Entrevistado 3).

> Isso é um desafio. As questões éticas que envolvem a guarda desse material, da empresa ou da instituição que vai guardar o dado e por parte de quem já coletou esse dado, produziu esses dados (Entrevistado 8).

Portanto, falhas na proteção de direitos dos participantes comprometem diretamente a integridade e a ética na pesquisa. A promoção de uma cultura de integridade e adoção de diretrizes mais rigorosas podem auxiliar a diminuir esses problemas.

Além dos desafios éticos que o compartilhamento de dados de pesquisa enfrenta, garantir a segurança e anonimato dos dados, juntamente com a criação de políticas claras, comitês de ética, a falta de conhecimento sobre como acessar e utilizar esses dados de forma segura e eficaz podem facilitar um compartilhamento de dados mais seguro e eficaz.

Muitos pesquisadores não possuem o treinamento ou conhecimento necessário para compartilhar dados de forma eficaz, o que inclui a falta de familiaridade com as melhores práticas e ferramentas de compartilhamento de dados (Chawinga; Zinn, 2019; Logan; Hart; Schatschneider, 2021; Perrier; Blondal; MacDonald, 2020).

Porém, um dos principais desafios mencionados nesta classe é o desconhecimento de como fazer o compartilhamento. As incertezas sobre o procedimento correto, implicações éticas, não saber como acessar ou como utilizar foram as que mais se destacaram nos depoimentos.

> Em casos excepcionais, não sei qual seria o benefício real do compartilhamento desses dados. O desconhecimento é o principal desafio. Quando não sabemos como proceder, precisamos buscar ajuda, mas nem sempre sabemos a quem recorrer (Entrevistado 3).

> Eu acredito que a principal dificuldade que enfrentamos ao compartilhar hoje é o desconhecimento. Como mencionei anteriormente, a falta de conhecimento é uma razão importante para não compartilharmos nossas pesquisas (Entrevistado 3).

> Eu havia seguido todos os trâmites quando solicitado, mas ainda assim, senti medo de perder minha pesquisa, achando que havia feito algo errado. O desconhecimento foi o maior obstáculo (Entrevistado 5).
>
> É um receio genuíno de fazer algo errado e comprometer a pesquisa ou os dados envolvidos. São muitos fatores a considerar, e o desconhecimento é um deles. Eu também gostaria de ter mais conhecimento para superar esse medo e compartilhar com mais confiança (Entrevistado 5).
> Fico receosa pelo desconhecimento mesmo. Porém, quando outra pessoa informa que já utilizou esse material, eu me sinto mais segura de acessar. Eu possuo muito receio de clicar em algo que eu desconheço e que não vai contribuir (Entrevistado 5).
>
> Se não seguir esse passo a passo poderá cometer uma infração ética e como consequência, não será possível o compartilhamento de dados. É um aprendizado como pesquisador entender se há possibilidade de compartilhar dados. Respeitar esses preceitos é fundamental para garantir a integridade da pesquisa (Entrevistado 6).

Além da falta de conhecimento, os entrevistados relataram que ainda não há uma cultura estabelecida para que todos possam fazer o compartilhamento, principalmente nas instituições de ensino e pesquisa. Essa ausência de cultura organizacional que promova o compartilhamento de dados é uma barreira que interfere diretamente no ato de compartilhamento, os entrevistados mencionaram a ausência de orientação adequada e falta de clareza nos processos institucionais.

> Essa falta de clareza é uma barreira significativa. Além disso, o Comitê de Ética Em Pesquisa também é motivo de preocupação. Muitas vezes, submetemos nossos projetos a esse Comitê de Ética Em Pesquisa com um plano de gestão de dados e uma previsão de compartilhamento (Entrevistado 3).
>
> Superar as barreiras e garantir que nossos dados sejam compartilhados de forma ética e segura. Às vezes não compartilhamos por não saber e por não ter tempo de saber como fazer e não aprendendo a fazer (Entrevistado 3).
>
> Na minha opinião, deveria haver mais clareza nesse processo, direcionando melhor e deixando as informações mais acessíveis. Passei por essa experiência por falta de conhecimento. Acreditei em quem tinha mais informações e acabei sendo chamada à reitoria… (Entrevistado 5).
>
> E como podemos acessar essas informações? Outra questão é a falta de clareza no processo. Não encontramos orientações claras em nenhum lugar da universidade. Não sabemos a quem recorrer ou qual setor procurar para obter informações sobre como compartilhar nossos dados (Entrevistado 3).
>
> A celeridade é uma preocupação constante, especialmente na pós-graduação, onde temos prazos a cumprir. Você tem um tempo determinado que tem que cumprir aquele tempo. Você fica muito preocupado com isso. Outro desafio é encontrar um repositório institucional que ofereça orientações claras sobre o que fazer e a quem recorrer (Entrevistado 3).

Não possuir clareza no processo de dados é uma barreira significativa para a prática de compartilhamento de dados, quando os entrevistados enumeram a falta de cultura institucional, pode ser preocupante, uma vez que pode ser multifatorial envolvendo desde a falta de treinamento e recursos até questões culturais e políticas.

Já em 2011, Tenopir *et al.* descreviam que as barreiras ao compartilhamento e preservação dos dados estão enraizadas nas práticas e na cultura do processo de pesquisa, assim como nos próprios pesquisadores.

Esse processo só poderá ser superado caso haja treinamentos com certa frequência, criação de incentivos e desenvolvimentos de políticas que facilitem o compartilhamento.

Além do mais, aprender a compartilhar dados e utilizar em repositórios é visto como uma jornada contínua. O desejo em aprender e desenvolver a habilidade de compartilhar é essencial para se manter atualizado na comunidade científica.

> Como que eu tenho conexão com as pessoas que estão em base de dados? Eu sempre acho que é uma razão mesmo de aprender a saber. Saber fazer é fundamental. Então, se eu não souber fazer, eu não tenho como dizer para você, por exemplo, eu em particular, que razões eu tenho para não compartilhar (Entrevistado 12).

> Essas duas motivações continuam presentes. Ainda me sinto motivada a aprender, pois não sei como fazer. Tenho interesse em compreender como compartilhar e superar as barreiras que surgem (Entrevistado 3).

> E você compartilha as entrevistas. Isso me gera preocupação. Em resumo, não estou dizendo que não devemos compartilhar nossos dados. Pelo contrário, precisamos aprender como fazer isso de maneira adequada. Precisamos entender os processos (Entrevistado 3).

> Graças a Deus vocês são criativos. E estamos aprendendo a fazer isso. Mas meu aprendizado ainda está no início. É uma questão desse entendimento ampliado da ciência que precisamos realmente compreender de que os dados não são nossos (Entrevistado 6).

> Geralmente, no grupo de pesquisa, desenvolvemos estudos transversais, de caso controle e coorte, principalmente com dados clínicos de pacientes. A minha motivação inicial é aprender como compartilhar. Entendi a importância de fazê-lo, pois evita retrabalho para outros profissionais e pesquisadores. No grupo de pesquisa em que estou, não participo diretamente (Entrevistado 2).

Contudo, a responsabilidade das instituições em promover e regular o compartilhamento de dados é vista como uma função fundamental. Para os entrevistados, a criação de políticas mais claras, investimento em infraestrutura adequada, e promoção de uma cultura institucional são ações que devem ser criadas para valorizar e incentivar o compartilhamento de dados:

> Hoje, não temos essa informação centralizada em uma única página. Como a universidade 1 promove a Ciência Aberta? Como a instituição onde trabalho incentiva essa prática? Ainda não sei. Já participei de eventos e movimentos, mas os fluxos não estão bem definidos (Entrevistado 3).

> A instituição, a universidade, eu acho que ela tem que dar condições que é o repositório institucional. E deveria ser vinculado a um repositório nacional. Minha opinião, o que temos é um repositório vinculados às revistas sciELO (Entrevistado 10).

> É um processo que eu estou aprendendo a fazer. Possuo duas disciplinas de caráter opcional relacionadas à Ciência Aberta. Na universidade 1, nossa instituição, ainda não dispomos de um repositório específico para esse fim (Entrevistado 6).

> A causa raiz do problema, igual o pessoal da segurança, é a cultura. E a infraestrutura. A cultura dos atores que são os pesquisadores. E são os pesquisadores e orientadores (Entrevistado 10).

> Acontece que dentro das universidades nem sempre você tem a infraestrutura necessária, porque acaba sendo o docente que está na graduação do *lato sensu*, em coordenações e no *stricto sensu*, a desenvolver pesquisas (Entrevistado 10).

> Dentro da escola de enfermagem, há um movimento importante para promover a Ciência Aberta, mas ainda não vejo isso como parte de nossa cultura organizacional. Em relação aos processos de trabalho, enfrentamos diversas barreiras por não termos uma cultura estabelecida (Entrevistado 3).

> E a infraestrutura dos repositórios, dos grupos de pesquisa, da universidade pública também. Então eu acho que esses 2 problemas são importantes nesse momento atual para o futuro. A desvantagem é a questão cultural diante dos pesquisadores e a infraestrutura (Entrevistado 10).

> Atualmente, onde trabalho, ainda não existe uma cultura institucional bem definida, na qual os passos sejam facilmente reconhecíveis. Embora tenhamos acesso à informação sobre como fazer, falta estímulo para colocar em prática (Entrevistado 3).

> A falta de uma cultura consolidada nos impede de lidar efetivamente com essas questões. E então você vai seguindo o fluxo por causa da dificuldade que encontramos de não ter já a cultura estabelecida (Entrevistado 3).

E finalizando, a ideia de deixar um legado para o futuro os motivam a compartilhar os dados garantindo que estejam disponíveis e acessíveis para uma geração posterior contribuindo, assim, para a continuidade e evolução do conhecimento.

> Estamos em uma instituição pública e, embora não tenhamos financiamento direto, ele acaba sendo indireto por uma série de fatores. Portanto, para a construção desse conhecimento e também para o entendimento futuro, é importante que isso seja registrado como autoria (Entrevistado 6).

> Como pesquisadores e cientistas, precisamos amadurecer e reconhecer nossa finitude. Nós somos passageiros e temporários. Devemos deixar nosso legado não apenas para o presente imediato, mas também para o futuro. O grande medo, portanto, é tomar posse sem compreender essa fugacidade da vida (Entrevistado 6).

> Você pode dar continuidade, pois, claro, para ter os dados, é preciso ter a metodologia de produção desses dados. Como você mencionou, pode haver replicação da metodologia no futuro (Entrevistado 1).

> …acabamos meio que virando uns nichos em alguns pontos até que trabalhamos para alcançarmos essa preservação no nível macro e consigamos ir num futuro fazer um grande banco de dados sobre essa identidade da enfermagem nos seus meandros. Não é só naquilo que é genérico (Entrevistado 8).

Sendo assim, nesta classe se discute os desafios e oportunidades do compartilhamento de dados e o uso de repositórios no ambiente acadêmico. Embora haja um reconhecimento claro da importância dessas práticas, os desafios relacionados ao desconhecimento, à falta de infraestrutura e às preocupações éticas precisam ser abordados para que o potencial da ciência aberta possa ser plenamente realizado. A necessidade de aprender, acreditar e inovar são temas costumeiros nas falas dos entrevistados, destacando a importância de um compromisso institucional e individual com o progresso científico.

6.6.5 **Classe 1 - Transparência e produção de conhecimento científico**

Esta classe concentra questões de transparência, produção de conhecimento, críticas e discussões éticas no avanço do conhecimento. Aqui é retratado os obstáculos significativos tanto pessoais quanto institucionais que possam ser superados para que haja a evolução da ciência de forma mais eficaz e colaborativa.

A transparência é essencial para manter a credibilidade e integridade de uma pesquisa. Os pesquisadores entrevistados ressaltam a importância de garantir que todos os aspectos científicos, desde a metodologia até a publicação dos resultados, sejam conduzidos com transparência.

> Eu acho que isso é o fundamental para a importância da ciência. Nós temos que ter clareza, muita transparência, muito respeito e muita ética na pesquisa. Então tem que ter transparência (Entrevistado 11).

> …para que nós consigamos realmente visualizar quais dados foram obtidos e ter clareza. Ter transparência ali na naquele dado e contribuir mais. Entra muito nesse processo de mais necessidade, de mais discussões sobre a temática e isso inserido nos diversos campos (Entrevistado 11).

Perrier, Blondal e Macdonald (2020) em seu estudo sobre o compartilhamento e reúso de dados de pesquisadores acadêmicos, reconheceram que o compartilhamento de dados

proporciona maior responsabilidade e transparência. Esse reconhecimento vai de encontro com falas dos entrevistados:

> Se eu tenho transparência, certeza, assim, todo o passo metodológico que eu segui do rigor científico, por que não compartilhar o dado? Então, o que eu estou querendo colocar está no sentido de que será que como pesquisador estamos preparados para ouvir críticas? (Entrevistado 11).

> Porque eu entendo que a ciência, ela é dinâmica e precisamos possibilitar uma transparência, uma grande transparência para os demais pesquisadores interessados na temática e na área (Entrevistado 11).

> E para de certa forma, questões de transparência também. Então a estratégia fica muito na questão de divulgação dessas possibilidades e estratégias por causa do tempo. Transparência. Eu sempre acredito nas transparências, nesses sistemas que envolvem pesquisa (Entrevistado 13).

Ademais, a transparência está intimamente ligada à confiabilidade à ciência ao se compartilhar os dados. Coelho em 2022 descreve a importância do compartilhamento e divulgação dos resultados de pesquisa evidenciando uma maior transparência e confiabilidade.

> Eu penso que a questão da confiabilidade da análise de dados, a própria perspectiva da Ciência Aberta, da transparência, desse processo de produção de conhecimento. Ao princípio, eu penso nesses 2 aspectos assim (Entrevistado 9).

Fundamentada na transparência, a ciência aberta fortalece o rigor dos processos científicos quando promove práticas que tornam os métodos, dados e resultados acessíveis à toda comunidade científica. Sendo assim, a transparência e o rigor estão juntos na construção de uma pesquisa mais ética e acessível a todos.

A adesão de pareceres mais rigorosos em revistas científicas alinhados aos princípios da ciência aberta reforça a credibilidade das publicações, de forma que os processos de revisão sejam transparentes seguindo a ética e padrões metodológicos na pesquisa científica.

O termo “sentido” aparece associado ao propósito e à utilidade dos processos científicos, quando é mencionado que a ciência aberta pode conferir um maior rigor aos pareceres, com o objetivo de garantir que a transparência se estenda desde a criação até a publicação de um trabalho científico:

> Eu acredito que essa Ciência Aberta pode contribuir também nesse sentido de conferir uma maior transparência. Olha, então eu acredito que seja essa questão da segurança, a própria segurança jurídica que precisamos ter uma plataforma, eu não sei se é instrucional, se é de uma base de dados ou se é associado a uma revista (Entrevistado 9).

Porém, embora reconheçam a importância da transparência, ela também é vista como um desafio, especialmente em relação à proteção de dados sensíveis e confidencialidade dos participantes de pesquisas. Há um dilema entre a necessidade de divulgar dados para o avanço científico e a obrigação de proteger a privacidade e a integridade dos envolvidos.

> O grande desafio que temos de compartilhar dados é obviamente seguindo rigorosamente todos os aspectos para poder manter a privacidade, individualidade etc (Entrevista 11).

Jorge e Albagli (2018) enfatizam que questões éticas e de privacidade são desafios para garantir a proteção de dados. Um ponto importante é o reconhecimento das regras de privacidade de informações de saúde individualmente identificáveis:

> Então você disponibilizar toda uma entrevista, toda uma perspectiva subjetiva, eu acho que isso precisa ainda ser muito bem discutido até na plataforma Brasil e até nos próprios Comitê de Ética Em Pesquisa. Eu acho que isso ainda não está sendo muito bem discutido (Entrevistado 9).

A proteção de dados sensíveis e a garantia de privacidade dos participantes, são descritos por Gilmore, Kennedy e Adolph (2018) como desafios para os pesquisadores, principalmente aqueles que usam gravações de vídeo pois encontram dificuldade em equilibrar a adesão aos princípios éticos com o desejo de compartilhar abertamente. O estudo de Mozersky *et al*. (2021) está de acordo quando se discute os desafios como questões éticas e legais no compartilhamento de dados, principalmente a proteção de dados sensíveis e a garantia de privacidade dos participantes.

Entretanto, o acesso aos dados deve ser tratado de forma ética e segura. Práticas de anonimização de dados e adoção de licenças restritivas devem estar em conformidade com legislações específicas como a LGPD que “dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural” (Brasil, 2018). E então, desta forma, aliar os benefícios da ciência aberta ao respeito pela confidencialidade para construir uma pesquisa científica responsável e acessível.

Já a proteção de inovações por meio de patentes deve estar em alinhamento com a ciência aberta buscando assegurar que os avanços científicos sejam acessíveis sem comprometer os direitos de propriedade intelectual e os incentivos à inovação. Jorge e Albagli (2018, p. 427) descrevem que há necessidade de um maior aprofundamento em relação a "dados com potencial imediato de gerar patentes estariam dentro ou fora do escopo e abrangência das políticas de compartilhamento de dados de pesquisa".

> Novamente, se o estudo, ele envolve alguma questão sensível, alguma questão complexa ali de registros dos dados que precisa ser patenteado. Aquela informação, ela precisa ser registrada primeiro para ter uma segurança. Em termos jurídicos disso (Entrevistado 11).

De fato, questões éticas e legais implicam diretamente no compartilhamento de dados, Tan *et al*. (2021, p. 12) informam em seu estudo que as "preocupações sobre a privacidade dos participantes, o consentimento informado e a aprovação ética constituíram os motivos mais comuns para não compartilhar dados".

> Eu acho que precisamos aprofundar essas questões éticas que envolvem a Ciência Aberta, e isso me incomoda um pouco, apesar de ser útil, mas me incomoda um pouco essa questão, esses aspectos éticos que ainda não estão muito bem discutidos em relação à Ciência Aberta (Entrevistado 9).

> Enfim, disponibilizamos esses dados. Agora, eu acho que isso ainda está muito no início, está muito primitivo, tem que ser discutido muito até as questões éticas que envolvem compartilhar dados. Eu vejo muito pouca discussão (Entrevistado 9).

> Falamos muito de Ciência Aberta, que a ciência ela deve ser transparente, desde a sua etapa de produção até a sua disseminação. Mas pouco ouvimos falar, eu pelo menos, as questões éticas que envolvem essa Ciência Aberta (Entrevistado 9).

Guanaes e Albagli (2022) relatam que subsídios devem ser fornecidos para a elaboração de políticas editoriais que incentivem o compartilhamento de dados, respeitando os direitos autorais.

Entretanto, além dos direitos autorais, a transparência nos pareceres editoriais das revistas científicas fortalece a integridade e a credibilidade do processo de publicação acadêmica. Todavia, a transparência na editoração também foi uma fala pertinente:

> Então não é só uma questão financeira, de segurança, de confiabilidade dos resultados, mas também da própria qualidade dos pareceres e maior transparência no processo de editoração. Porque há muitos gastos na publicação de um artigo (Entrevistado 9).

> Eu acho que esses são os desafios de maior transparência do conselho editorial das revistas. Eu acho que é desafiador também a questão do preparo dos pareceristas para a emissão dos pareceres. É muito desafiador, porque, na verdade, hoje é um convite (Entrevistado 9).

> Eu Acredito que há uma transparência maior sobre os recursos que recebem, como estão sendo aplicados. Penso que na emissão de um parecer, eu tenho observado os pareceres, muitos equivocados que não tem muita qualidade… (Entrevistado 9).

Shintaku *et al.* (2020) afirmam que os periódicos têm cada vez mais a necessidade e a preocupação em prezar por fornecer mais transparência aos processos editoriais, a fim de promover um desenvolvimento científico mais equitativo, lógico e equilibrado.

No entanto, as avaliações das produções científicas que estão alinhadas às práticas da ciência aberta devem também estar pautadas na transparência, colaboração e ética. Contudo, um dos principais atributos das publicações científicas é o método de revisão por pares visando garantir autenticidade e veracidade.

A UNESCO traz uma abordagem inovadora para a ciência aberta quando retrata que:

> Promover, conforme apropriado, práticas abertas de avaliação por pares, incluindo a possível divulgação da identidade dos revisores, revisões disponíveis ao público e a possibilidade de uma comunidade mais ampla fornecer comentários e participar do processo de avaliação UNESCO (2022, p. 30).

Responsáveis por manter a qualidade, originalidade e relevância dos trabalhos submetidos, os pareceristas devem ter conhecimento técnico na área de pesquisa, além de possuir capacidade crítica para identificar inconsistências metodológicas e teóricas e fornecer críticas construtivas. A imparcialidade, integridade e ética devem estar sempre presentes a fim de evitar conflitos de interesse que podem comprometer a avaliação.

Além disso, sob a ótica dos entrevistados, a ciência avança através de críticas e discussões que desafiam os resultados, identificam limitações e exploram novas perspectivas.

> E precisamos ouvir crítica. A ciência avança com críticas. Com discussão realmente ali para avançar com crítica construtiva. Eu acho que seria o maior desafio nesse sentido (Entrevistado 11).

> É essencial para o nosso conhecimento científico, para avançar e termos outras produções, discussões, e ter mais crítica e com o dado, com os resultados e com avanço assim da ciência. Eu acho que primeiro, discutir bastante sobre a Ciência Aberta (Entrevistado 11).

> …querer ficar com o dado só para você, a informação não ser discutida e você não ter críticas sobre aquilo, a informação não avançar, entendeu? Então acho que precisa ter sim, muita discussão. Precisamos apresentar sim e acho que o maior desafio envolve esse aspecto (Entrevistado 11).

> É digitar essa questão de disponibilizar os dados ou não, de entender o que é Ciência Aberta. Que estamos num momento, obviamente que esses dados precisam ser disseminados. Precisamos de testes, de críticas, e assim por diante (Entrevistado 11).

> Ser criticado. Mas é este movimento que faz a produção do conhecimento. Eu posso replicar a sua pesquisa e você replicar a minha. Será que nós vamos chegar ao mesmo resultado? Porque você tem um repertório e eu tenho outro (Entrevistado 7).

O ato de criticar não deve ser considerado como uma dificuldade. Ela é essencial para manter a credibilidade e relevância de um estudo e, assim, auxiliar no avanço da ciência.

Porém, a identificação de limitações permite reconhecer os vieses e as falhas no processo de produção de conhecimento. É preciso não ignorar as limitações de um estudo e desta forma auxiliar no avanço científico:

> Epistemológicos para o avanço da ciência e às vezes pararmos e pensarmos assim, meu estudo está maravilhoso, está perfeito, não tem nenhum erro, não tem limitação. Por isso temos que apontar as limitações (Entrevistado 11).

> São vieses, identificar limitações. E eu acho que é fundamental para isso. A ciência, ela é muito dinâmica e precisamos de muita transparência com apresentação de dados, com aquilo que foi obtido (Entrevistado 11).

> Às vezes, só percebemos essas limitações depois que avançamos no processo. Um exemplo que não está diretamente relacionado a bancos de dados é o registro de entrevistas. Antes dos meios digitais, as entrevistas eram registradas por escrito (Entrevistado 6).

> No entanto, essa abordagem tinha suas limitações. Além das palavras, perdíamos nuances como entonação e pausas, que podem ser relevantes em pesquisas (Entrevistado 6).

Os entrevistados concordam que, muitas das vezes, os pesquisadores tendem a ignorar ou minimizar as limitações de seus estudos, podendo comprometer a validade dos resultados.

Porém, a discussão sobre limitações é uma parte essencial do processo de construção do conhecimento. Pesquisadores quando enfrentam limitações em suas pesquisas, a fim de manter a transparência, devem adotar estratégias que possam contextualizar e descobrir os seus achados.

As limitações podem incluir perspectivas metodológicas, restrições de dados e uma necessidade de um maior aprofundamento na fundamentação teórica. Como no estudo de Filho, Tritany e Struchiner, onde afirma que:

> Discutir também limitações inerentes à teoria escolhida é visto como boa prática no sentido de explicitar possíveis fragilidades do enfoque teórico adotado e do estudo em questão, bem como fomentar o aprimoramento de novas pesquisas (Filho; Tritany; Struchiner, 2022, p. 5).

Além do mais, ao reconhecer as limitações de seus estudos, os pesquisadores podem utilizá-las como uma premissa para futuros estudos incentivando os outros a explorar caminhos que ainda não foram suficientemente investigados.

Todavia, a discussão das limitações demonstra, por parte dos autores, uma crítica em como as limitações podem influenciar na validação de suas contribuições e numa reflexão de como reavaliar as metodologias utilizadas.

Entretanto, a preocupação com a proteção da propriedade intelectual e segurança com a abertura dos dados foi identificado por um entrevistado:

> Não sei até que ponto isso pode ter impacto na própria produção de conhecimento de ir no sentido de que se esses dados ficarem disponíveis, entrevistas subsequentes eu não sei até que ponto a pessoa vai ficar totalmente à vontade para falar comigo, para se abrir comigo, sabendo que isso vai estar disponível para todo mundo. (Entrevistado 9).

De fato, Perrier, Blondal e MacDonald (2020) discutem sobre padrões profissionais, princípios éticos e normas tácitas que devem ser consideradas no compartilhamento de dados. Para eles, “a clareza sobre quem é o proprietário dos dados, juntamente com direitos de propriedade intelectual foram levantados como problemas ao compartilhar dados”.

Somando-se a tudo que foi escrito aqui, a discussão também é vista como fundamental para o avanço da ciência. Muitos entrevistados apontam a importância da crítica construtiva e do debate dentro dos grupos de pesquisa e em eventos científicos:

> É para ser espremido ao máximo ali na discussão, na crítica para avanço do crescimento, para esse método, não na crítica para a crítica, mas a crítica é realmente construtiva (Entrevistado 11).

Não obstante, para muitos, há a dificuldade de aceitar as críticas, limitando o potencial de crescimento e aperfeiçoamento das suas pesquisas, sendo um dos maiores desafios para muitos pesquisadores.

> Então é, eu acho que tem essa questão de sermos transparente com o dado, permite mais reprodutibilidade, conseguirmos identificar limitações, viés, identificar com outras formas de análise, outras questões com aquele dado. Acho que envolve um pouco sobre isso. Então eu acho que a desvantagem envolve muito a dificuldade às vezes de receber crítica (Entrevistado 11).

> Temos um desafeto pela crítica. Um desafeto, por identificar o erro. Um desafeto para o outro não entender o nosso problema. Eu vejo isso muito nas bancas. Eu tenho o maior cuidado de não mexer nos trabalhos (Entrevistado 12).

> Então, em alguns aspectos, o próprio pesquisador, ele pode ser o maior desafio nesse ponto. Precisamos entender a necessidade da Ciência Aberta e de querer disponibilizar realmente esse dado. É uma percepção que eu tenho, uma crítica que eu tenho (Entrevistado 11).

> E lidar com a crítica, que eu acho que isso é difícil. Da mesma forma como eu falei em relação ao outro, isso é um grande desafio, eu acho que é o maior (Entrevistado 11).

> Então precisamos realmente estar disponibilizando essa informação e o pesquisador ter acesso e termos a crítica, então às vezes a questão da vaidade da própria pesquisa, epistemológico e de pensarmos que aquela informação é só nossa e está ali só conosco. Só pode ficar ali conosco (Entrevistado 11).

Mas não somente as dificuldades foram mencionadas, para os entrevistados, a abertura dos dados e seu compartilhamento são temas importantes para a visibilidade dos trabalhos científicos:

> Precisamos trazer esses dados que tem o intuito de promover um impacto social e mudanças no campo de trabalho etc. Então, acho que muito envolve um processo de discussão sobre a importância da Ciência Aberta sobre a necessidade de discutir isso com os grupos (Entrevistado 11).

> E uma consolidação no sentido também de aprofundamento. Não é só o dado naquela condição. Consolidação da ciência, a divulgação do que é feito no Brasil, por exemplo, então outros países poderem acessar, que pesquisas com tais bancos, com tais dados existem aqui, então é visibilidade pra esse fim e essa visibilidade atrelada até a investimentos privados, porque se tende ao público (Entrevistado 8).

> Porque preservar locais específicos, institucionais, por mais que pareça, é um hospital aqui no interior é a história da enfermagem brasileira que, quando compartilhada, ela se soma a tantas outras que podemos falar de um estudo mais amplo. Capilar. De perceber se isso é uma realidade em todos os lugares do Brasil e que como não tem efetivamente assim todos os lugares (Entrevistado 8).

Resumindo, esta classe traz um debate sobre a preocupação com o papel da ciência aberta, a transparência nos processos científicos, desafios éticos, aceitação de críticas e o enfrentamento de limitações a fim de desenvolver uma produção científica mais ética possível.

6.6.6 **Classe 5 - Metodologia de coleta e reúso de dados**

Esta classe está centrada em aspectos metodológicos e técnicos relacionados à coleta e reúso de dados. Termos como “análise”, "primário", "dado", "qualitativo", "fonte", "coleta", "histórico", "principal", "banco”, “entrevista" indicam um foco em dados e suas aplicações em pesquisas qualitativas.

As palavras-chave se concentram nas técnicas de coleta de dados, reúso de dados e aspectos metodológicos das pesquisas refletindo uma discussão sobre os processos e desafios envolvidos na pesquisa acadêmica, enfatizando a análise de dados, a importância de dados primários e qualitativos e aspectos éticos e práticos na coleta e reutilização de dados.

Temas como a preservação do valor histórico dos dados e a necessidade de uma abordagem cuidadosa e ética na gestão de bancos de dados são recorrentes. A análise de conteúdo, por exemplo, é citada como uma ferramenta que facilita a compreensão dos dados coletados, permitindo uma interpretação mais profunda e rigorosa:

> Porque eu tenho um encanto pelo contar. Eu acho que é o contar que dá o rigor. Por exemplo, a análise de conteúdo facilitou muito isso que me incomodava (Entrevistado 12).

Contudo, frequentemente é relacionado o termo ‘análise’ ao procedimento de examinar dados coletados a fim de obter conclusões relevantes. Há uma ênfase na profundidade e na precisão da análise, seja de dados qualitativos ou quantitativos.

A utilização de software para análise de dados qualitativos é comum na pesquisa (Raskind *et al.*, 2018). Aqui, aparece a fala em relação ao uso do IRAMUTEQ® e as formas como aprofundar e compreender os dados.

> Análise lexical, análise de conteúdo mesmo, toda a massa de dados ela ser apresentada, todo o corpus, dos dados ser apresentados. Mas eu trabalho mesmo com planilhas. Eu trabalho mais com dados numéricos, então quadros, planilhas (Entrevistado 11).

> Eu já participei de outras pesquisas recentemente com o grupo de pesquisa que faço parte, como você está fazendo esse trabalho que envolve os grupos de pesquisa, que tínhamos, por exemplo, entrevistas e foi feita a análise com apoio do Iramuteq. (Entrevistado 11)

Não obstante, além da análise de dados, os entrevistados consideram os “dados primários” fundamentais nas pesquisas com métodos qualitativos. Para Silva (2020), os dados primários são trabalhos originais de pesquisa e/ou dados brutos sem interpretação.

Nesta classe, os entrevistados apontam que os dados primários são a base de uma pesquisa e é sobre eles que a análise é construída. Desta forma, há a discussão sobre a importância de coletá-los de maneira rigorosa. Moser e Korstjens (2017) descrevem que a coleta de dados deve ser ampla e flexível no início e conforme avança, deve ir se ajustando para garantir a riqueza das informações e a consistência com a abordagem metodológica utilizada.

O destaque que a pesquisa qualitativa possui nas entrevistas é devido a sua complexidade na análise dos dados.

> Ele precisa transcrever tudo, especialmente porque hoje usamos muitos programas e softwares para analisar dados qualitativos. É importante que tudo esteja transcrito e organizado. No entanto, ainda não temos essa cultura com os estudantes (Entrevistado 1).

> Porque para quem é da área qualitativa, não domina e não tem uma noção de que existe um dado interessante na quantitativa, que talvez ajudasse numa interpretação e análise qualitativa, mas que por questões assim, tropismo na temática você não vai lá olhar (Entrevistado 8).

> Mas possuímos essa tendência, eu acho que está dentro da expectativa dos discentes de gerarem dados primários mediante a temática ou a problemática de interesse. Então eu penso que isso que é a questão cultural mesmo (Entrevistado 10).

> Eu estou tendo essa estratégia agora de fazer um roteiro um pouco mais ampliado, porque as entrevistas nem sempre duram de 30 a 40 minutos, 50 minutos. E isso fragiliza, por exemplo, a pesquisa qualitativa (Entrevistado 10).

> E quando chega na pesquisa qualitativa, piora. Porque a pesquisa qualitativa precisa de decodificação, recodificação das respostas. Quando eu digo para vocês, estou com medo, e você se satisfaz e chega lá e coloca numa pizza 100 por cento dos pesquisadores estão com medo (Entrevistado 12).

Acrescentam que as entrevistas são descritas como uma fonte primária de dados, especialmente em pesquisas qualitativas. Elas são valorizadas pela riqueza de informações que podem fornecer, capturando tanto o dito quanto o não dito, os sentimentos e as experiências dos entrevistados. A transcrição e a análise das entrevistas são vistas como processos fundamentais para garantir a integridade dos dados e a validade das conclusões.

> E eu fiz. Eu ouvi, eu primeiro eu olhei as transcrições, depois ouvi as duas entrevistas e utilizei como Fontes primárias no meu. Fiz, claro, coloquei isso pro Comitê de Ética em Pesquisa aprovar, a aprovação, não pedi à autora original, que coletou a entrevista, porque ela tinha feito a doação dos direitos autorais (Entrevistado 1).

> Isso porque a obtenção dos dados envolve várias etapas, como o preparo das entrevistas ou a criação de planilhas. Não é apenas pegar um fruto da árvore, é um processo que requer organização e cuidado (Entrevistado 6).

Contudo, nesta classe, a coleta de dados é descrita como um processo que exige preparação meticulosa e uma abordagem ética. A privacidade dos participantes e o consentimento informado são fundamentais para a coleta ética de dados, destacando-se os estudos que envolvem seres humanos.

O medo de que o compartilhamento de dados possa comprometer a privacidade dos indivíduos envolvidos nas pesquisas e a exposição dos dados a interpretações errôneas foram sentimentos citados pelos entrevistados:

> O grande medo é a perda dessa autoria do registro desse trabalho, porque é um dado de pesquisa. A professora com quem trabalho costuma usar a expressão produção de dados em vez de coleta de dados (Entrevistado 6).
>
> Precisamos preparar o ambiente, escolher o momento adequado para a coleta e, assim, produzir esses dados. Esse trabalho é autoral, pois representa um esforço significativo (Entrevistado 6).
>
> …além dos nomes que foram alterados e o autor principal não foi devidamente citado. Isso é uma questão de caráter das pessoas e, infelizmente, muitas vezes não há punição adequada para esse tipo de comportamento, embora seja considerado crime (Entrevistado 4).
>
> Então, o que ela estava contando era a história dela, o itinerário terapêutico dela, para uso na dissertação de mestrado e no trabalho de conclusão de curso. O que permeia isso para mim é a ética na pesquisa (Entrevistado 1).
>
> Isso cria mais barreiras para pesquisas qualitativas. Além disso, ao compartilhar dados de pesquisa social, enfrentamos questões de identificação dos sujeitos. O sigilo e a privacidade são essenciais, mas, por vezes, os dados podem permitir a identificação de participantes específicos (Entrevistado 3).
>
> Então já falei da questão do participante, da privacidade, já falei da questão da confiabilidade dos dados. Que também impede. E, fora a questão de quem vai estar manuseando o dado (Entrevistado 13).
>
> Primeiro, uma parte sinaliza muito a questão de poder identificar um determinado paciente que foi utilizado no estudo. Então uma parte dos pesquisadores fala muito sobre a quebra de privacidade do paciente ou do participante do estudo, que é um primeiro (Entrevistado 13).

A história de enfermagem aborda a pesquisa de uma forma peculiar e segundo Carlos, Bellaguarda e Padilha (2022):

> A prática da investigação histórica é uma atividade que permite ao pesquisador-historiador voltar às suas raízes, ativar e reativar a memória, se distanciar de possível fragmentação nesse processo de articulação entre o presente e o passado, por meio do elo entre esses dois tempos históricos da atividade humana (Carlos; Bellaguarda; Padilha, 2022, p. 2).

A análise histórica e o uso de fontes primárias aparecem nas falas dos entrevistados. A triangulação de fontes, incluindo fontes orais, é mencionada como uma técnica essencial para

garantir a profundidade e a precisão da análise histórica. Para os pesquisadores entrevistados, no contexto histórico da enfermagem, a reutilização de dados é necessária para uma análise completa e robusta. Além do mais, o termo "histórico" é usado para se referir a dados que se tornam arquivísticos com o tempo, destacando a importância da preservação e do reúso desses dados em novas pesquisas.

> Mas o fato histórico ainda tem outro tipo de análise. Ele não tem certo ou errado. Eu estou falando assim de uma pesquisa, randomizada essa noção de pesquisas que levam 5.000 pessoas a serem entrevistadas (Entrevistado 8).
>
> …daqui a algum tempo esses dados se tornarão um arquivo histórico já teríamos dados primários de observações tanto de participantes quanto de não participantes para a história da enfermagem isso seria uma contribuição gigante (Entrevistado 1).
>
> O método histórico exige que reutilizamos, porque a triangulação é quase que parte do método. Nossa triangulação consiste em consultar, fazer a fonte oral e com os dados que a pessoa traz para nós do fenômeno, vamos atrás de outros dados que existam sobre ele e vai estar atrelado, às vezes, a conhecer as fontes primárias de um outro pesquisador (Entrevistado 8).
>
> Para mim é. E hoje não gostamos quando falamos em reúso de dados, se eu olhar para a história, reusamos dados sempre. Nesse sentido de fonte primária, fonte secundária, eu acho que a história reúsa dados (Entrevistado 14).
>
> Uma plataforma claramente classificada para reúso de dados eu não tenho essa experiência, mas se eu olhar como esse exemplo para o *archiv.org* que é um repositório lotado de fontes primárias eu estou reusando outros dados de pesquisas anteriores (Entrevistado 14).
>
> Archive.org e lá é um repositório. Ele é um repositório de livros, imagens, documentos, e eu usei muito o *archiv.org.* Se pensarmos, a história usa muito um que é fonte primária e fonte secundária (Entrevistado 14).
>
> Mas algumas pessoas usam e se considerarmos que lá no archiv.org eu tenho somente fontes primárias, e dessas fontes primárias, qualquer um pode ter acesso e desmembrar na sua pesquisa. Se pensarmos que essa fonte primária foi elaborada por um outro pesquisador e eu estou reutilizando daquela pesquisa primária, que seja do século XVI, XVI, XVII (Entrevistado 14).
>
> É fonte nossa a reutilização de dados produzida por outros pesquisadores. Na minha cabeça, eu acho que fugimos do reúso de dados quando eu penso classicamente numa pesquisa quantitativa (Entrevistado 14).
>
> De contribuir nessas lógicas e isso tanto para o dado quanto para pensar em grandes planilhas randomizadas de pesquisa clínica, quanto a fonte histórica. O método histórico também ganha em profundidade quando você consegue acessar cada vez mais Fontes que refutem (Entrevistado 8).
>
> E materialmente, local de guarda online, ou seja, o que for, isto também se aplica. Na área da metodologia histórica e da fonte histórica, nós também temos essas dificuldades quando fazemos entrevista (Entrevistado 8).

Entretanto, durante as falas, a reutilização de dados é tratada como uma prática vantajosa permitindo economizar tempo e recursos, possibilitando novas interpretações dos dados já existentes. A prática de compartilhar e reutilizar dados pode gerar um ganho de eficiência para a comunidade científica, especialmente quando há uma alta taxa de reutilização e baixos investimentos de tempo para compartilhar e reutilizar (Pronk, 2019).

Sendo assim, as falas dos entrevistados demonstram motivações para o reúso de dados:

> …sempre quando eu oriento essas residentes, porque se eu tiver em mãos de bons dados, eu acho muito interessante que reaproveite deles para uma nova análise. Então, pra mim, a motivação é essa, é pensar a partir de talvez um outro contexto, uma outra visão, com dados já coletados, e penso que isso é aproveitamento melhor de tempo… (Entrevistado 14).

> Só nesse processo é gasto um ano sem contar o tempo da etapa de coletar dos dados de pesquisa de acordo com seu projeto. Quando reutilizamos dados, podemos focar na análise e aprofundar nossas investigações (Entrevistado 6).

> Quando trabalhamos com dados de pesquisa que já foram coletados, temos a oportunidade de mergulhar profundamente e enxergar aspectos que talvez não tenham sido percebidos inicialmente. Buscamos referências em outros autores, aprofundamos nossa análise e chegamos a novas conclusões, produzindo conhecimento que vai além da mera descrição dos dados originais (Entrevistado 6).

> Não precisamos retornar constantemente a campo para coletar novos dados. Imagine uma pesquisa qualitativa com 153 pessoas, a quantidade de dados é significativa, permitindo uma riqueza maior de análise (Entrevistado 4).

Decerto, "compartilhar dados para reutilização se torna valioso se os dados forem de fato suficientemente reutilizados, contribuindo para comunidades científicas mais produtivas e eficientes em termos de tempo" (Pronk, 2019, p. 7).

Porém, pelas falas, além da economia de tempo, outras motivações foram citadas onde reutilização de dados permite novas descobertas científicas ao possibilitar análises que não foram previstas pelos criadores originais dos dados, além de ter um enorme potencial para gerar novos achados científicos, apesar dos desafios e riscos associados (Bishop; Kuula-Luumi, 2017; Frey; Hafner; Pucker, 2020).

Por outro lado, há preocupações com a possibilidade de que a reutilização de dados possa levar à perda de autoria ou risco de críticas quando os dados são reanalisados por outros pesquisadores.

A reutilização de dados qualitativos pode levantar questões éticas significativas, como a necessidade de detalhes metodológicos claros e a consideração das características únicas da pesquisa qualitativa para garantir rigor e ética (Karcher *et al.*, 2021; Poth, 2019).

> Ou eu acredito que ainda tem uma outra questão que é de muitas pessoas têm receio, inclusive já escutei alguns professores falarem isso sobre, mas então vou compartilhar esses dados. Pode ser que alguém contraponha os achados e a forma como eu interpretei esses achados (Entrevistado 13).

> Eu acho que em parte é isso. Tenham, não sei, o medo de repente encontrar uma pessoa que vai reanalisar e destacar fragilidade de entrevistas. Porque planejamos e fazemos um roteiro enorme (Entrevistado 10).

O receio de como esses dados serão reutilizados e o medo de não citarem a autoria dos mesmos foi levantado pelos entrevistados. A reutilização de dados pode levar à perda de ineditismo, especialmente se os dados não forem adequadamente contextualizados ou se a análise secundária não considerar as nuances do estudo original (Karcher *et al.*, 2021; Poth, 2019).

> É o receio do mau uso dos dados. Tenho receio de não citar a fonte desses dados (Entrevistado 4).

> É, eu acho que o medo está relacionado ao receio de perder o ineditismo. De perder essa coleta. Eu diria que o principal temor seria a perda da propriedade intelectual, algo tangível (Entrevistado 6).

Agregando a tudo que foi exposto até aqui, desafios culturais e institucionais foram citados como que dificultam a prática do compartilhamento e reutilização de dados. Para eles, há uma resistência em adotar plenamente essas práticas devido a uma cultura acadêmica que valoriza a produção original e o controle sobre os dados.

> Só não sei se os alunos vão gostar, porque eles chegam, faz expectativa de uma pesquisa primária. No máximo, uma pesquisa de revisão. Então, eu acho que o desafio realmente é cultural (Entrevistado 10).

> É a expectativa dos discentes de fazer pesquisa primária. Às vezes eles já tem dificuldade de inserir no processo do projeto do Professor. Ele tem que ter aquela motivação com a sua pesquisa (Entrevistado 10).

> Uma é você coletar os dados todos e depois dessa coleta, fazer a sua análise e disseminar, e a outra querer ficar com o dado só para você (Entrevistado 11).

A análise desta classe é rica por abordar o uso de dados em pesquisas qualitativas e históricas. O desejo de inovar e reutilizar dados para engrandecer a pesquisa aparecem nas falas de forma conflitante, além das preocupações éticas, culturais e institucionais que podem dificultar essas práticas. A profundidade da análise e o contexto histórico são valorizados, enquanto a necessidade de uma mudança cultural mais ampla é reconhecida como um desafio para o futuro.

6.6.7 **Classe 2 - Questões humanas e sociais na saúde**

Nesta classe, as falas dos entrevistados demonstram uma preocupação entre o mundo acadêmico colaborativo e aberto e a realidade das práticas competitivas e conservadoras. Há uma expressiva necessidade de mudança, tanto por parte dos pesquisadores quanto nas estruturas institucionais, para que a ciência possa realmente avançar de maneira inclusiva e interdisciplinar.

Segundo Santos, Coelho e Fernandes (2020), a interdisciplinaridade é essencial para enfrentar desafios complexos da sociedade moderna, mas enfrenta obstáculos significativos, incluindo barreiras institucionais e epistemológicas.

Porém, para que a ciência avance de forma inclusiva e interdisciplinar, é necessário que tanto pesquisadores quanto instituições acadêmicas adotem novas práticas e estruturas que facilitem essa colaboração e inovação, que nesta pesquisa está focada no compartilhamento dos dados.

Portanto, embora haja um desejo claro de transformação e inovação, os obstáculos institucionais e culturais, juntamente com as limitações da estrutura acadêmica, representam desafios significativos que precisam ser superados para que essas mudanças se concretizem de forma eficaz.

O fato de "querer" aparecer comumente nas falas, demonstra um desejo de mudança e inovação nas práticas acadêmicas e científicas. A vontade de transformar a realidade em que os entrevistados se encontram inseridos, mas que, ao mesmo tempo, enfrentam obstáculos tanto institucionais quanto culturais. Embora afirmem estar conectados a buscar soluções inovadoras, esbarram em limitações impostas pela estrutura acadêmica e pela tradição.

> Nós temos um comportamento de estar querendo sempre inventar algo que eu acho que é do início mesmo, da pesquisa da criança mesmo. Vai e volta. Então tem uma dificuldade (Entrevistado 12).

> Eu realmente vou querer agregar mais uma atividade para mim? Não. No entanto, se essa atividade ganhar relevância e peso legal, eu a olharei de outra maneira. Isso nos leva a refletir sobre o compromisso dos pesquisadores com o impacto na sociedade (Entrevistado 2).

Nesse contexto, surge a questão do compartilhamento de conhecimento e dados. Na Ciência aberta, compartilhar é um tema central e para os pesquisadores, compartilhar está associado ao ato de trocar conhecimento e dados, porém, nem todos estão dispostos a fazer.

O medo está presente fortemente nesta classe. A definição da palavra pelo Dicionário de Língua Portuguesa[38] da Academia Brasileira de Letras, é um fenômeno psíquico, afetivo, de intensidade variada, resultante da conscientização de um perigo, real ou imaginário. Podendo também ser entendido como uma preocupação pela possibilidade de uma ocorrência desagradável, desconfortável, desconhecida.

Aqui aparece mais o medo de ser criticado ou de perder o ineditismo da pesquisa. Ou seja, para alguns, significa que ao abrir seus dados isso pode fragilizar os seus argumentos ou descobertas:

> Compartilhar para mim é eu trocar com o outro e saber da resposta dele, entendeu? Quer dizer, tem muitas questões que a enfermagem ver e vive. Que a Ciência Aberta sequer ou quem produz a ciência na área da enfermagem não está produzindo (Entrevistado 12).
>
> É direito das pessoas. E compartilhar para mim é isso. Vou compartilhar o que, com quem e será que eu quero? Será que o outro quer receber? Quer e quando recebe, não gostou. Queria? (Entrevistado 7).
>
> Então temos dificuldade inclusive de compartilhar. E normalmente temos publicado em outras áreas. Porque enfermagem não quer isso. A enfermagem ainda está no discurso da Virgínia Henderson, ainda está nos princípios básicos de cuidados, fundamental para a história do cuidado (Entrevistado 12).
>
> Pra mim, compartilhar é você dizer assim, você tem um livro que não sei o quê? Tem. Está aqui, você quer? Você não tem. Eu empresto para você. Depois você me devolve (Entrevistado 12).
>
> O que mais emerge nessas discussões para compartilhar? E tem uma grande dificuldade das enfermeiras ainda, que é se colocar, se posicionar, ser crítica, por quê? Porque elas não estão lendo (Entrevistado 12).
>
> Então isso requer pensarmos o que é compartilhar, o que que eu quero compartilhar. Saindo num discurso de compartilhar e às vezes nós compartilhamos numa perspectiva de querer ajudar o outro e o outro não quer ajuda (Entrevistado 7).

No contexto acadêmico, o medo dos pesquisadores em compartilhar os dados pode ser atribuído a várias razões, algumas já citadas previamente na pesquisa. No entanto, nesta classe há uma clara dificuldade em compartilhar de forma plena, seja por insegurança, com medo de perder o protagonismo:

> Mas eu não sei se também quer. É a mesma coisa da biblioteca. É assim que nesse momento eu estou pensando, nós podemos compartilhar para reutilizar. Mas tem a segurança, como é que fica? (Entrevistado 7).
>
> Então, a primeira é da universidade da universidade 1, por exemplo, se quiséssemos compartilhar esses dados. É acabar com a arrogância dos pesquisadores, porque faz

[38] Disponível na página: https://servbib.academia.org.br/dlp/.

> parte dele, não estou fazendo uma crítica, mas é desse século, nesse século é do arrogante, do egocentrado dele mesmo, etc (Entrevistado 12)
> Como você chegou? Que dificuldade você não teve no meio de caminho. Eu fico vendo os alunos do doutorado, do mestrado. Quantas dificuldades eles têm no processo de produzir dados que ninguém considera. Quanto sofrimento (Entrevistado 12).

> Então, com relação a dados, eu até sei, o povo cita, cita nas revistas, cita nas teses, mas se você perguntar se eu tenho controle se alguém me perguntou para compartilhar da forma que eu entendo compartilhamento, vou lhe dizer algo, eu acho que de novo eles já querem dados de quantidade (Entrevistado 12).

> Por isso a metodologia. A informação é importante. As pessoas possuem um discurso de vamos compartilhar. Mas eu não quero compartilhar. Por que se eu compartilhar tudo 100 por cento eu posso correr o risco de fragilizar os meus argumentos (Entrevistado 7).

> Os desafios. Eu penso que não é o compartilhar e sim é como o ser humano quer compartilhar isso. É o como. Que para mim este é o X da questão. Eu posso ter boas intenções (Entrevistado 7).

> Então, assim, compartilhar. É no sentido pleno? É no sentido parcial? Quer compartilhar pra todo mundo compartilhar? Pra muita das vezes compartilhamos aquilo que interessa. É uma troca (Entrevistado 7).

Um diálogo mais profundo surge ao refletir sobre o ambiente acadêmico e a necessidade de mudanças de práticas dentro dele, o termo “mundo” foi usado evocando tanto os desafios quanto às possibilidades. Traz a ideia de que o “mundo” científico é dominado por hegemonias, porém, com potencial para diálogos mais amplos:

> Então, o Brasil é imenso, mas ele só se faz entender como ciência quando ele se relaciona com os Estados Unidos. Mas ele tem toda a América do sul, sim, todo o envolvimento com o mundo todo (Entrevistado 7).

A hegemonia científica é atribuída ao domínio ou liderança de algumas nações ou instituições no campo da ciência, interferindo na direção e ritmo do progresso científico mundial. Essa hegemonia científica pode ser resultado de investimentos de longo prazo e vão além da simples produção de artigos científicos, abrangendo uma estratégia para alcançar a excelência em educação, pesquisa, tecnologia e liderança global (Yazdani; Ahmady; Shahriari, 2021).

Oferece uma discussão entre o que o “mundo” demanda e o que a “academia” está preparada para oferecer. Para o entrevistado, mesmo diante da resistência, enfatiza que a mudança é inevitável e segundo Morin (2003, p. 99), a imensa máquina da educação é rígida, inflexível, fechada, burocratizada. Muitos professores estão instalados em seus hábitos e autonomias disciplinares.

Entretanto, uma crítica às estruturas rígidas que resistem à inovação e à mudança sugere que o mundo acadêmico precisa evoluir para se alinhar com as necessidades contemporâneas, tratadas aqui pela ciência aberta e a interdisciplinaridade:

> Dizem que temos que ser criativo, quando criamos, eles não querem a criatividade. Essa é uma questão grande, porque as pessoas que estão nos avaliando são da ciência fechada. Então, criatividade não funciona. Mas o mundo, o mundo vai mudar (Entrevistado 12).

> Existe uma dificuldade imensa de compartilhar. Te falo da palavra interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade não funciona ainda, todo mundo diz que ainda é interdisciplinado, mas quando fala do multi. (Entrevistado 12).

Segundo Wowk, *et al.* (2017, p. 2), pesquisadores de todas as disciplinas devem trabalhar juntos e com tomadores de decisão para entender como a ciência pode ter melhores impactos no local em direção a resultados sociais resilientes de longo prazo.

Portanto, para que a academia possa atender às demandas da era moderna, uma abordagem mais interdisciplinar e aberta precisa ser abordada para fortalecer o impacto do trabalho acadêmico e ajudar nas questões da sociedade, retratada aqui como "mundo".

Não obstante, os entrevistados relacionam a palavra "dizer" remetendo à ideia de expressão e comunicação de pensamentos ou sentimentos que podem não ser acompanhados de ações. Isso reflete uma necessidade de vocalizar inconformidades, mas ao mesmo tempo, sugere uma dissonância entre o discurso acadêmico e as práticas efetivas.

> Temos que brigar com as revistas, temos que brigar com os lucros. Temos que dizer eu também quero. Mas ninguém quer dividir isso. De novo, é uma questão de mudança de pensamento, mudança de cultura, de pesquisa (Entrevistado 12).

> E quando ela quer, ela faz tudo. Que o discurso tem disso, ele é dialético. Eu falo, mas não pratico. Às vezes, a pessoa pratica e fala algo e diz assim, engraçado, a pessoa fala, faz e está falando isso (Entrevistado 7).

O termo "perguntar" tem ênfase na curiosidade e na busca por conhecimento, destacando a importância de questionar as normas estabelecidas, o que está em consonância com o espírito da ciência aberta, que também visa democratizar o acesso ao conhecimento.

Para o entrevistado, o "perguntar" é vista como uma prática intelectual e investigativa essencial para o crescimento pessoal e profissional:

> Tem uma universidade na Suécia que ela só ensina os estudantes a perguntar? Claro que por mim está tudo isso. Tem todo o fundamento teórico para isso. Pergunte, tente responder. Para que serve essa tese sem menor? (Entrevistado 12).

> Investir fundo no conhecimento, investir fundo nas leituras, porque a leitura é uma arma de guerra, é uma arma de mudança. É a forma é essa, é investir. Tem uma

> universidade na Suécia que ela só ensina os estudantes a perguntar? (Entrevistado 12).

Ambientes acadêmicos que incentivam a curiosidade e o envolvimento ativo dos estudantes é uma estratégia eficaz para promover o sucesso acadêmico e profissional (Junior et al., 2024).

Seguindo a percepção dos entrevistados, o ato de perguntar melhora o aprendizado e desenvolve habilidades críticas e criativas importantes no mundo moderno. Não obstante, as falas desta classe também trazem uma reflexão sobre a condição humana em vários contextos, muitas vezes para destacar a natureza imperfeita e complexa das interações e decisões no campo da enfermagem e da ciência. O "humano" é constantemente desafiado a adaptação, questionamento e compartilhamento, mas sempre pendendo entre o individualismo e a colaboração:

> Somos seres humanos, não que não gostamos um do outro. Mas as pessoas querem visibilidade de compartilhar e quer isso. Por outro lado, como participou, tudo aberto, todo mundo tem acesso. (Entrevistado 7).

A adaptabilidade é uma característica do ser humano, onde ele é frequentemente desafiado a se adaptar, questionar, pensar e compartilhar. O equilíbrio entre o individualismo e a colaboração é um desafio.

A evolução do pensamento acadêmico aparece na palavra "mudar", estando diretamente ligada à vontade de transformar o sistema acadêmico e científico. Para o entrevistado, "mudar" demonstra uma transformação inevitável e o termo "mudo" pode se referir tanto à falta de voz ou expressão em um ambiente acadêmico quanto à resistência a mudanças que parecem inevitáveis.

Em resumo há uma contradição entre a tradição e a inovação, o individualismo e a colaboração sugerindo que a mudança necessária para o progresso está subentendida na reflexão crítica e questionamento constante. Além do mais, demonstra uma necessidade de mudança nas práticas científicas, pedagógicas e culturais, moldando-se às novas realidades do conhecimento e da tecnologia.

> Onde eu posso falar. Para mim, cada uma dessas situações tem ações e movimentos diferentes. Ontem eu disse, tem que primeiro mudar o pensamento para depois fazer a mudança, Edgar Morin diz isso (Entrevistado 12).

> Eles, aliás, esse aqui está tudo dentro de uma caixa que precisa ser derrubada, refletida, discutida e é Edgar Morin mesmo. Mudar o pensamento para pensar na mudança. Não dá para mudar sem pensar por que que você vai mudar (Entrevistado 12).

> Eu tinha uma professora de antropologia que dizia isso quando não temos coragem de mudar, o mundo vem e nos muda. Mas às vezes eu digo para turma da medicina. Você não conhece seu doente (Entrevistado 12).

> E não tem questões fundamentais que envolvem a emoção de um ser humano. Então eu isso é um é uma tensão nos currículos de graduação e nas discussões da universidade. E fazer isso é só com saber, essa mudança tem que investir (Entrevistado 12).

> Todo objeto que aqui nesse grupo ele é apresentado semanalmente, ele é com o intuito de derrubar. Porque o objeto tem que se sustentar. Fora do grupo não se pode falar mal do objeto. Isso é blindagem, porque o olhar do outro é ser, é respeitar. Isso que é laboratório de história, é aqui que se faz as experimentações. Há mudança de objeto, mudança de objetivo, mudança de metodologia. O tema pode permanecer? Às vezes, muda as Fontes. Às vezes não sobra nada (Entrevistado 7).

As preferências individuais e a mentalidade são retratadas metaforicamente por "gosto" e "cabeça". O termo "gosto" pode influenciar decisões sobre o conteúdo que se estuda ou como se compartilha na prática acadêmica e profissional. Ele é construído por experiências, contextos sociais e históricos. Compreender como o gosto influencia nas escolhas pode auxiliar uma reflexão mais aprofundada sobre a produção e disseminação do conhecimento. Isso possibilita uma maior abertura para a diversidade de perspectivas e métodos, tanto no âmbito acadêmico quanto no mercado profissional.

> Gosto muito de fazer os dados, não apenas os sociodemográficos, mas também os relacionados à história clínica dessas crianças. Saber preencher isso no Excel facilita a geração das fórmulas que os estatísticos sabem fazer (Entrevistado 6).

> Então o bom da história é refutar o trabalho do outro. Ou se auto refutar, porque hoje eu penso que eu gosto de azul, gosto. Amanhã eu não gosto mais, eu gosto branco. Não é mudar de opinião, é ter argumento para esse processo (Entrevistado 7).

Já o termo "cabeça" indica a necessidade de reflexão crítica e mudanças de mentalidade. É o centro das transformações necessárias para que o sistema acadêmico avance e se adapte às demandas da ciência moderna.

De fato, pensamentos críticos estão correlacionados com desempenho acadêmico, quando a reflexão crítica, juntamente com o pensamento criativo e reflexivo, tem um impacto positivo no desempenho acadêmico (Akpur, 2020; Rivas; Saiz; Almeida, 2023).

> Então eu acho que os desafios são esses, que é você mudar a cultura, a visão do que é ciência (Entrevistado 10).

> Por exemplo, em história não é uma lei, não se trata disso. Quer compartilhar não é só documento. Você compartilha ideia, e informação. Eu posso compartilhar para agregar. É a cabeça do ser humano (Entrevistado 7).

> Mas eu preciso lançar isso pro mundo. Tivemos uma professora na universidade 3, que ela falava sempre o seguinte, em sala de aula, a ideia é só sua quando ela está na sua cabeça (Entrevistado 11).

> Enfim, é a cabeça do ser humano. Eu não sei, eu só sinto e vivo. Quando eu acho algo que eu gosto. Quando eu não acho, às vezes eu também fico feliz, porque quando eu acho que não tinha que ter achado isso (Entrevistado 7).

> E você não ou vice e versa. Não sabemos a cabeça do ser humano, ela é complexa. Porque isso tem um elemento chamado cultura. Até porque o outro lado do oceano é bem mais velho do que o nosso em termos de civilização (Entrevistado 7).

> Então, o desafio tá na cabeça, o que que o ser humano vai fazer com isso? Até porque hoje se tem outros elementos, como Inteligência Artificial. E não podemos esquecer isso, isso estará presente (Entrevistado 7).

Em 2016, Howlett, Ferreira e Blomfield discutiram sobre a integração de abordagens interdisciplinares no currículo a fim de promover a capacidade dos alunos de pensar criticamente e refletir sobre questões complexas. Portanto, mudanças são necessárias tanto nos currículos quanto na prática pedagógica em instituições de ensino superior para desafiar epistemologias e discursos dominantes e desestruturar as formas atuais de pensamento e ação.

> Então eu acho que isso precisa estar nos currículos, com temas que envolvam meio ambiente, tudo o que o mundo está precisando de nós. A leitura muda. A cabeça bem-feita do Edgar Morin muda (Entrevistado 12).

Em vista disso, há necessidade de uma educação que auxilie os estudantes a compreender a complexidade do mundo e a desenvolver um pensamento integrado e contextualizado, onde possa organizar o conhecimento de forma coerente e não apenas possuir uma mente cheia de informações sem sentido. Morin (2003, p. 21), descreve que em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de aptidão geral para colocar e tratar os problemas, de princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido.

A discussão sobre “doença” traz consigo críticas dos entrevistados à prática de enfermagem e à maneira como a ciência é conduzida. A Ciência é vista como um campo que deveria não apenas quantificar resultados, mas também considerar o sofrimento do ser humano e as variantes capturadas por dados numéricos. A “doença” é uma metáfora para os desafios da pesquisa é uma analogia das consequências que a doença no corpo.

> Se eu estou preocupada com o signo, quer dizer, o enfermeiro é que olha, o enfermeiro do século XXII que vai olhar e vai ver que eu estou sofrendo, que eu estou com um sofrimento mental, que eu estou com desconforto. Não é um dado

> quântico, até eles não querem. Eles querem é quântico. Quantos que morreram, quantos que estão vivos, quantos que fizeram escara. Quantos não sei o quê (Entrevistado 12).
> E os diagnósticos clínicos das situações de enfermagem não são duros, não são quantificáveis, jeito que a ciência quer. Agora, se eu discordo com você, você diz assim, não, professor, eu comecei a estudar esse câncer de fígado (Entrevistado 12).
>
> que manda preenchermos tanto o papel e depois joga no mundo primeiro que eu quero dizer para você é que eu entendo que o mundo é matemática pura e que tem quantitativos no qualitativo e vice-versa (Entrevistado 12).
>
> cita nas teses, mas se você perguntar se eu tenho controle se alguém me perguntou para compartilhar da forma que eu entendo compartilhamento vou lhe dizer algo eu acho que de novo eles já querem dados de quantidade (Entrevistado 12).
>
> Quer dizer, está produzindo, sim, mas se você olhar, é em cima da doença, dos sinais e dos sintomas, entendeu? Você centra numa teórica, mas você não usa a teórica (Entrevistado 12).

Assim como a doença pode causar sofrimento, dor e prejudicar o bom funcionamento do organismo, os obstáculos na pesquisa podem comprometer o progresso, gerar frustrações e exigir esforços adicionais para serem superados.

Em suma, esta classe traz reflexões complexas e críticas sobre a ciência, a prática de enfermagem, a educação, sobre mudança e inovação, resistência e colaboração destacando os significados implícitos dessas falas e os contextos em que estão inseridos.

7 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo geral desta pesquisa foi alcançado, pois permitiu refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro.

Embora a publicação e o acesso a artigos não fossem o foco principal das entrevistas, esse aspecto emergiu de forma expressiva, evidenciando uma preocupação maior com a acessibilidade e com os mecanismos que asseguram a circulação do conhecimento. Considerando que a publicação em periódicos é fundamental para os pesquisadores e se relaciona diretamente à avaliação da qualidade e da produtividade dos programas de pós-graduação pela CAPES, a qualidade do periódico impacta significativamente essas avaliações.

Alguns depoimentos evidenciaram a dificuldade enfrentada pelos pesquisadores para publicar em revistas consideradas de alto impacto, pois essas publicações exigem o pagamento de taxas de APC. Para muitos pesquisadores brasileiros, especialmente aqueles que não contam com financiamento institucional robusto, esses custos são verdadeiras barreiras, restringindo ainda mais a possibilidade de publicação.

As publicações científicas devem ser acessíveis, inclusivas e alinhadas aos princípios da ciência aberta, com o objetivo de promover a democratização e ampliar o impacto da pesquisa acadêmica. Nesse contexto, a fim de superar as barreiras financeiras, recomenda-se o estímulo a políticas que reduzam os custos de publicação, como subsídios governamentais ou acordos com editoras.

No Brasil, o financiamento para pesquisas provém majoritariamente de recursos públicos, que são frequentemente insuficientes e sujeitos a cortes orçamentários, o que limita o acesso a equipamentos, tecnologias e oportunidades de colaboração internacional. Essa restrição de recursos impacta diretamente a qualidade e a capacidade de inovação, tornando mais desafiadora a concorrência com países que investem significativamente em ciência e tecnologia.

Apesar dos desafios e das incertezas nas práticas e percepções dos entrevistados acerca do compartilhamento de dados e da publicação em acesso aberto, é notável o apoio dos pesquisadores à ciência aberta. Entretanto, barreiras estruturais, financeiras e culturais podem dificultar a adoção dessas práticas, mesmo diante do crescente reconhecimento de sua relevância.

Hesitações decorrentes da falta de conhecimento, recursos ou experiência ainda persistem, indicando a necessidade de uma capacitação mais sólida e de uma comunicação

mais eficaz sobre as ferramentas disponíveis. Além disso, o desconhecimento acerca do funcionamento, da origem e da gestão de plataformas de repositórios de dados aprofunda a dependência das exigências editoriais e limita a adoção contínua e planejada do compartilhamento de dados.

O receio de apropriação indevida de ideias e dados, seja em repositórios abertos ou em plataformas fechadas, reflete a preocupação com a falta de ética na ciência aberta. É necessária uma responsabilidade compartilhada entre pesquisadores e editores para prevenir o plágio e promover práticas éticas no compartilhamento de dados.

Já a reutilização dos dados é reconhecida como uma prática benéfica, que além de ampliar o impacto das pesquisas, prolonga sua relevância, contribuindo para o avanço científico.

O compartilhamento de dados e o uso de repositórios no ambiente acadêmico são amplamente reconhecidos como fundamentais para o avanço científico, mas ainda enfrentam desafios pertinentes. A confiança e a credibilidade dos repositórios institucionais e plataformas de compartilhamento são indispensáveis para a aceitação dessas práticas, assim como a proteção ética e a integridade dos dados, que permanecem como preocupações centrais. Entre as barreiras, destacam-se o desconhecimento técnico, a ausência de uma cultura consolidada de compartilhamento e a falta de políticas claras e incentivos adequados nas instituições de ensino e pesquisa.

Para solucionar essas dificuldades deve haver treinamentos regulares, investimentos em infraestrutura e a promoção de uma cultura institucional que valorize a transparência e a colaboração científica. Além disso, a responsabilidade institucional em regular e incentivar práticas éticas de compartilhamento de dados é decisiva. A motivação de deixar um legado acessível para futuras gerações reforça o compromisso com a continuidade e evolução do conhecimento, posicionando o compartilhamento de dados como uma jornada contínua em direção à sustentabilidade e ao impacto da pesquisa.

Entretanto, para que a evolução da ciência seja de forma mais eficaz e colaborativa, é necessário a superação de obstáculos tanto pessoais quanto institucionais, sendo a transparência indispensável para a credibilidade e integridade das pesquisas.

Ao adotar as práticas de ciência aberta, principalmente o compartilhamento de dados e transparência nos processos editoriais, há o fortalecimento da confiabilidade e do rigor científico, deixando a pesquisa de forma mais ética e acessível.

Não obstante, questões levantadas pelos líderes e vice-líderes como a proteção de dados sensíveis, privacidade dos participantes e propriedade intelectual precisam ser

enfrentadas harmoniosamente para que seja garantido que a ética e segurança percorrem juntas a colaboração científica.

Por outro lado, a revisão por pares aberta visa assegurar a transparência na avaliação, assegurando a autenticidade e qualidade das publicações, enquanto a discussão sobre limitações e críticas construtivas enriquece o avanço do conhecimento. A aceitação dessas críticas, embora desafiadoras, é essencial para o aprimoramento da relevância e impacto das pesquisas, transformando as limitações em oportunidades para futuros estudos consolidando a ciência aberta como um modelo que une transparência, ética, inovação e contribuindo para a construção de uma comunidade científica mais responsável e inclusiva.

O estudo mostrou que a coleta e o reúso de dados em pesquisas acadêmicas envolvem aspectos metodológicos e técnicos que refletem desafios e possibilidades. Para os entrevistados, a coleta de dados, especialmente nas pesquisas qualitativas, é descrita como um processo complexo que exige preparo meticuloso, abordagem ética, respeito à privacidade dos participantes e obtenção de consentimento informado pelo pesquisador.

Além do mais, o reúso de dados é reconhecido por economizar recursos e explorar novas interpretações, mas ainda enfrenta resistência devido a preocupações relacionadas à perda de autoria, ao uso inadequado de dados e à cultura acadêmica que valoriza a produção original. Para uma reutilização de dados responsável, este estudo indica que a gestão ética e cuidadosa de bancos de dados, além da preservação de seu valor histórico são questões importantes a serem abordadas pelos pesquisadores. Desta forma, superar essas barreiras e promover práticas de compartilhamento ético e eficiente requer um esforço conjunto para fomentar uma cultura de confiança, transparência e colaboração na pesquisa acadêmica.

Resultados não esperados apareceram, como onde os entrevistados apontam uma tensão entre a busca por um mundo acadêmico colaborativo e as práticas competitivas e conservadoras que ainda predominam. Apesar de expressarem o desejo por inovação e adoção de práticas mais abertas e interdisciplinares, como as propostas pela ciência aberta, os líderes e vice-líderes demonstram que limitações estruturais, o medo de críticas e a insegurança em relação à perda do protagonismo ou ineditismo das descobertas dificultam a transição para um modelo mais inclusivo e democrático.

Porém, essa contradição entre a tradição e inovação reflete a necessidade de mudanças profundas nas práticas científicas, pedagógicas e culturais para alinhar o ambiente acadêmico às demandas contemporâneas. A valorização da curiosidade, da interdisciplinaridade e do compartilhamento de conhecimento fortalece o impacto da ciência na sociedade e promove um diálogo mais amplo e inclusivo. Indo ao encontro a essas ideias, a mudança é inevitável e

depende de uma reflexão crítica e constante questionamento das normas estabelecidas, equilibrando o individualismo com a colaboração para moldar um futuro acadêmico mais adaptado às novas realidades do conhecimento e da tecnologia.

O desconhecimento em como realizar principalmente o compartilhamento e o reúso de dados confirma a hipótese dessa pesquisa em que os líderes e vice-líderes de grupos de pesquisa em enfermagem ainda possuem perspectivas reduzidas sobre o compartilhamento e reúso de dados de pesquisa embora demonstrem vontade em realizá-los.

Com isso, a identificação das práticas de compartilhamento e reúso de dados, o primeiro objetivo específico desta pesquisa, foi contemplada parcialmente. Os entrevistados discorreram sobre a importância de fazer, porém, por ser uma prática que está em estágio ainda embrionário na enfermagem, nem todos haviam realizado. Isso se deve por ocorrências de lacunas sobre conhecimento do assunto, formação técnica, preocupações éticas com a privacidade dos dados e deficiência de políticas institucionais padronizadas dificultando a adoção de práticas alinhadas aos princípios da ciência aberta.

Além disso, foi possível observar que os entrevistados pertencentes a subáreas da enfermagem, como a história, reutilizam dados em suas pesquisas.

Algumas limitações foram encontradas. A primeira limitação foi que durante as entrevistas foi necessária uma explicação prévia do conteúdo de cada bloco de perguntas e como eram perguntas abertas, percebeu-se nas respostas a falta de compreensão por parte dos entrevistados, onde muitas vezes era necessário repetir a explicação.

Outra limitação apontada foi não ter sido possível fazer comparações entre determinados grupos específicos, como instituições privadas e públicas e experiência por idade, por conta de o tamanho da amostra estar limitada ao Estado do Rio de Janeiro.

Por fim, o estudo possibilitou a análise das práticas dos líderes e vice-líderes de grupos de pesquisa na área de enfermagem no Estado do Rio de Janeiro no que concerne o compartilhamento e reúso de dados, contemplando o segundo objetivo específico desta pesquisa. Os entrevistados reconhecem a importância do compartilhamento e reúso dos dados, entretanto, desafios como medo, desconhecimento, preocupações éticas, culturais e institucionais, falta de infraestrutura tendem a dificultar a adoção dessas práticas de forma completa.

Os resultados deste estudo têm o potencial de contribuir significativamente para a discussão e disseminação de boas práticas voltadas ao compartilhamento e reúso dos dados produzidos pela enfermagem. Além do mais, os líderes e vice-líderes podem aplicar estratégias em seus grupos de pesquisa promovendo uma transição das práticas científicas

atuais para um modelo de pesquisa em ambiente aberto, mais colaborativo e compartilhado, alinhado às tendências contemporâneas de transparência e acessibilidade na ciência.

As descobertas desse estudo sugerem que, embora os líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa percebam dificuldades para adoção do compartilhamento e reúso de dados como práticas rotineiras, podem ser resolvidas de forma descomplicada. Recomenda-se o desenvolvimento de materiais educacionais de forma contínua que demonstrem onde e como os dados podem ser compartilhados de forma eficiente e organizada, auxiliando no reúso dos dados.

Por fim, recomenda-se o **LabINOVA**, um grupo de pesquisa registrado no CNPq, dedicado a promover mudanças culturais por meio do incentivo às práticas da ciência aberta e do compartilhamento de dados colaborativos voltados para a aprendizagem significativa. Para isso, o grupo organiza palestras, workshops e seminários, amplamente divulgados em suas redes sociais (@labinovaunirio).

Ao disponibilizar materiais em sua página oficial (https://labinova.tec.br/) e em plataformas como o Instagram, o **LabINOVA** contribui para ampliar a compreensão dos pesquisadores sobre a ciência aberta, fortalecendo uma cultura acadêmica dinâmica e em constante evolução. Essa abordagem está alinhada às diretrizes de instituições nacionais e internacionais que defendem a democratização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AILINGER, R.L. *et al*. Pesquisa em enfermagem na América Latina: 1988-1998. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [*S.l.*], v. 6, p. 925-928, 2005.

AKPUR, U. Pensamento crítico, reflexivo e criativo e suas reflexões sobre o desempenho acadêmico. **Thinking Skills and Creativity**. [*S.l.*], v. 37, n. 100683, 2020. DOI: https://doi.org/10.1016/j.tsc.2020.100683. Acesso em 15 set. 2024.

AKTERIAN, S. Rumo à publicação científica de acesso aberto. **Biomedical Reviews**, [*S.l.*], v. 28, p. 125-133, 2018. DOI: https://doi.org/10.14748/BMR.V28.4459. Acesso em 19 nov. 2024.

ALBAGLI, S.; APPEL, A.L.; MACIEL, M.L. E-science, ciência aberta e o regime de informação em ciência e tecnologia. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [*S.l.*], v. 7, n. 1, 2014. Disponível em: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/854?locale=pt_BR. Acesso: 04 out. 2021.

ALDBOUSH, H.; FERDOUS, M. Building Trust in Fintech: An Analysis of Ethical and Privacy Considerations in the Intersection of Big Data, AI, and Customer Trust. **International Journal of Financial Studies**, [*S.l.*], v. 11, p. 90, 2023. DOI: https://doi.org/10.3390/ijfs11030090. Acesso em: 27 nov. 2024.

ALMEIDA, F.G. **SUPORTE À GESTÃO DE DADOS DE PESQUISA: uma ampliação dos serviços oferecidos pelas bibliotecas.** 2019, 249f. Tese (Doutorado em Gestão e Organização do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento, Escola de Ciência da Informação,Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/31596. Acesso: 12 jun. 2023.

ALVAREZ, G.R; CAREGNATO, S.E. Preprints na comunicação científica da Física de Altas Energias: análise das submissões no repositório arXiv (2010-2015). **Perspectivas em Ciência da Informação**, [*S.l.*], v. 22, n. 2, p. 104-117, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22505. Acesso em: 19 dez. 2024.

AMERICAN NURSE ASSOCIATION. **Informática em enfermagem: Âmbito e padrões de prática.** 2ª ed. Silver Spring: MD: Nursesbooks.org, 2014.

ANGLADA, L.; ABADAL, E. ¿Qué es la ciencia abierta? **Anuario ThinkEPI**, [*S.l.*], v. 12, p. 292-298, 2018. Disponível em: https://thinkepi.profesionaldelainformacion.com/index.php/ThinkEPI/article/view/thinkepi.2018.43. Acesso em: 06 nov. 2022.

ARAÚJO, A.L.; ROSA, V. A OCDE e a governação global da educação: como o PISA se está a transformar num programa de 'big science'. **Revista Lusófona de Educação**, [*S.l.*], v. 56, n. 56, p. 81-96, 2022. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/8606. Acesso em 21 set. 2023.

ARAÚJO, D.G.; DIAS, A.D.; AUTRAN, M.M.M. Compartilhamento de dados no contexto da ciência brasileira um estudo integrativo. **Informação & Informação**, [*S.l.*], v. 26, n. 3, p. 100-124, 2021. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/41035. Acesso em: 12 jul. 2023.

ARMOND, A. *et al*. A scoping review of the literature featuring research ethics and research integrity cases. **BMC Medical Ethics**, [*S.l.*], v. 22, 2021. DOI: https://doi.org/10.1186/s12910-021-00620-8. Acesso em 15 set. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROZO, V.L.; ALMEIDA, C.H.M. Curadoria e preservação digital: proposta de diretrizes para a gestão de dados científicos. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, [*S.l.*], n. Especial, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/37188. Acesso em: 29 nov. 2022.

BERLIN DECLARATION ON OPEN ACCESS TO KNOWLEDGE IN THE SICENCE AND HUMANITIES. **Open Access Max-Planck-Gesellschaft**, 2003. Disponível em: https://openaccess.mpg.de/Berlin-Declaration. Acesso em: 24 nov. 2024.

BETHESDA STATEMENT ON OPEN ACCESS PUBLISHING. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/48547523_The_Bethesda_Statement_on _ Open-Access Publishing. Acesso em: 20 nov. 2024.

BISHOP, L.; KUULA-LUUMI, A. Revisiting Qualitative Data Reuse. **SAGE Open**, [*S.l.*], v. 7, 2017. DOI: https://doi.org/10.1177/2158244016685136. Acesso em: 15 set. 2024.

BRASIL. **Lei n°. 13.709/2018, de 14 de agosto de 2018**. Dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2018.

BRENNAN, P.F.; BAKKEN, S. Nursing Needs Big Data and Big Data Needs Nursing. **Journal of Nursing Scholarship**, [*S.l.*], v. 47, n. 5, p. 477-484, 2015. DOI: https://doi.org/10.1111/jnu.12159. Acesso em: 12 jul. 2023.

BOTELHO, L.; CUNHA, C.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. DOI: https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220.

BOULWARE, L. E. *et al.* Democratizing health system data to impact social and environmental health contexts: a novel collaborative community data-sharing model, **Journal of Public Health**, [*S.l.*], v. 42, n.4, p. 784-792, 2020. Disponível em: https://academic-oup-com.ez39.periodicos.capes.gov.br/jpubhealth/article/42/4/784/5698241. DOI: https://doi-org.ez39.periodicos.capes.gov.br/10.1093/pubmed/fdz171. Acesso em: 17 jul. 2023.

BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE. **Declaration Budapest Open Acess initiative**. Budapeste: BOAI, 2002. Disponível em: https://www.budapestopenaccessinitiative.org/read/. Acesso em: 13 jul. 2023.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. **IRAMUTEQ: Tutorial para uso do software IRAMUTEQ. Florianópolis: Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição - LACCOS, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil**. 2021. Disponível em: http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/Tutorial%20IRaMuTeQ%20em%20portugues_22.11.2021.pdf. Acesso em: 31 mai. 2024.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A.M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol**., Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso. DOI: http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16. Acesso em: 20 mai. 2024.

CAMPOS, S.P.; ALENCAR, M.S.M. **Percepções dos pesquisadores em enfermagem sobre o compartilhamento de dados de pesquisa: primeiras aproximações**. In: 12ª CONFERÊNCIA LUSO-BRASILEIRA DE CIÊNCIA ABERTA (CONFOA). Anais [...] Braga: Zenodo, 13 Oct. 2021. Disponível em: https://zenodo.org/record/5578315. Acesso em: 13 jul.2023.

CAPES - Coordenação De Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório da Avaliação - Enfermagem - Avaliação Quadrienal 2021.** 2021. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/colegio-de-ciencias-da-vida/ciencias-da-saude/enfermagem. Acesso em: 08 fev. 2023.

CAPES - Coordenação De Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório da Avaliação Quadrienal 2017**. 2017. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/avaliacao-quadrienal-2017/24012022_Comunicacao_relatoriodeavaliacaoquadrienal2017_final.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

CARLOS, D.J.D.; BELLAGUARDA, M.L. DOS R.; PADILHA, M.I. O documento como fonte primária nos estudos da enfermagem e da saúde: uma reflexão. **Escola Anna Nery**, [*S.l.*], v. 26, p. e20210312, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0312. Acesso em: 15 set. 2024.

CARRODANO TARANTINO, C. **A novel Holistic Risk Assessment Concept: TheEpistemological Positioning and the Methodology**. 2022, 8 p. Disponível em: https://archive-ouverte.unige.ch//unige:164996. Acesso em: 28 mai. 2024.

CARVALHO, E.R.S.; LEITE, F.C.L.; BERTIN, P.R.B. Bibliotecas académicas y gestión de datos de investigación: una revisión bibliográfica. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, [*S.l.*], v. 35, n. 86, p. 99-121, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2021.86.58266. Disponível em: http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/58266. Acesso em: 24 sep. 2022

CARVALHO, R.N.G.; SILVINO, Z.R.; SOUZA, C.J. Profile analysis of Research Groups on Nursing Management in Brazil. **Research, Society and Development**, [*S.l.*], v. 11, n. 10, p. e214111032834, 2022. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32834. DOI: 10.33448/rsd-v11i10.32834. Acesso em: 18 feb. 2024.

CASTRAL, T.C.; DARÉ, M.F.; SCOCHI, C.G.S. Prioridades de pesquisa em enfermagem neonatal e pediátrica. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Brasil, v. 16, n. 1, p. 12–20, 2014. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fen/article/view/29266. DOI: 10.5216/ree.v16i1.29266. Acesso em: 05 nov. 2021.

CHALMERS, A.F. **O que é ciência afinal?** Tradução: Raul Filker: 1ª. Ed. - São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHANES, M. **SAE: Sistematização da Assistência de Enfermagem Descomplicada.** 1ª.ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2018.

CHAWINGA, W.; ZINN, S. Global perspectives of research data sharing: A systematic literature review. **Library & Information Science Research**. v. 41, n.2, p. 109-122, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1016/J.LISR.2019.04.004. Acesso em: 15 set. 2024.

CLARKE, P.N.; GARCIA, J. Evolution of Nursing Science: Is Open Access the Answer? **Nursing Science Quarterly**, [*S.l.*], v. 28, n. 4, p. 284-287, 2015. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0894318415599226. Acesso em: 13 jul. 2023.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. s.d. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **L01. Quem é um líder de grupo?** s.d. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp/faq?p_p_id=54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e\&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_struts_action=%2Fwiki_display%2Fview\&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_nodeName=Main\&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_title=L01.+Quem+%C3%A9%20um+l%C3%ADder+de+grupo%3F>.

COELHO, I.M.W.S. Desenvolvimento de pesquisas educacionais: Implicações teórico-metodológicas, propostas e desafios da gestão de dados científicos. **Revista Exitus**, [*S.l.*], v. 12, n. 1, p. e022069, 2022. Disponível em: http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1762. DOI: 10.24065/2237-9460.2022v12n1ID1762. Acesso em: 15 jan. 2023.

CONRAD, L.; DELAHUNTY, R.; DING, W. The promise and the future of research data sharing. **Learned Publishing**, [*S.l.*], n. 35, 2022. Disponível em https://doi.org/10.1002/leap.1432. Acesso em: 12 set. 2024.

CORDEIRO, D.; BRAGHETTO, K.R.; GOLDMAN, A.; KON, F. Da ciência à E-ciência: Paradigmas da Descoberta do Conhecimento. **Revista USP**, São Paulo, n. 97, p. 71-81, 2013 Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/61867. Acesso em: 13 jul. 2023.

COSTA, P.; CORDEIRO, A.; OLIVEIRA Jr, E. Comparing Open Data Repositories.*In*: Escola Regional de Engenharia de Software (ERES), [*S.l.*], v. 5, 2021. Evento Online. **Anais da V Escola Regional de Engenharia de Software** (ERES 2021). DOI: https://doi.org/10.5753/eres.2021.18451. Acesso em: 15 set. 2024.

COSTELLO, E.; FARRELLY, T.; MURPHY, T. Open and Shut: Open Access in Hybrid Educational Technology Journals 2010-2017. **The International Review of Research in Open and Distributed Learning**, [*S.l.*], v. 21, n. 1, p. 113-134, 2020. Disponível em: https://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/4383. DOI: 10.19173/irrodl.v20i5.4383. Acesso em: 19 nov. 2024.

COURBIER, S.; DIMOND, R.; BROS-FACER, V. Share and protect our health data: an evidence based approach to rare disease patients' perspectives on data sharing and data protection - quantitative survey and recommendations. **Orphanet Journal of Rare Diseases**. California, v. 14, n. 175, 2019. Disponível em: https://rdcu.be/dgMyt. DOI: https://doi.org/10.1186/s13023-019-1123-4. Acesso em: 13 jul. 2023.

CHRISTOFFEL, M.M. *et al.* Grupos de Pesquisas em Enfermagem na Área do Recém Nascido, da Criança e do Adolescente: Perfil e Tendência. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 20 (Esp), p. 147-155, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/T9YTnT8XcTym83WFYzTjPRf/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 06 nov. 2021.

DAVENPORT, T.H.; HARRIS, J.G. **Competição Analítica**: Vencendo Através da Nova Ciência, Rio de Janeiro: Alta Books, 2020. ISBN: 6555200456,9786555200454, 320p. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/97865552 00454.

DEMIRIS, G. *et al*. Patient generated health data use in clinical practice: A systematic review. **Nursing Outlook**, [*S.l.*], v. 67, n. 4, p. 311-330, 2019. DOI: https://doi-org.ez29.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.outlook.2019.04.005. Acesso em: Acesso em: 24 set. 2023.

DEZHINA, I.G. Vantagens e desafios para práticas de ciência aberta. **Terra Economicus**. [*S.l.*], v. 21, n. 3, p. 70-87, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.18522/2073-6606-2023-21-3-70-87. DOI: 10.18522/2073-6606-2023-21-3-70-87. Acesso em: 12 set. 2024.

DIAS, G.A.; ANJOS, R.L.; RODRIGUES, A.A. Os princípios FAIR: viabilizando o reúso de dados científicos. *In*: DIAS, G.A.; OLIVEIRA, B.M.J.F. **Dados científicos. Perspectivas e desafios**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019, p. 177-187. Disponível em: http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/359. Acesso em: 13 jul. 2023.

DOCHERTY, S.L. *et al*. Visualization of Multidimensional Data in Nursing Science. **Western Journal of Nursing Research**, [*S.l.*], v. 39, n. 1, p. 112-126, 2017. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0193945916672448. DOI: 10.1177/0193945916672448. Acesso em: 13 jul. 2023.

DUDZIAK, E. Levantamento mostra quem financia a pesquisa no Brasil e na USP. **Jornal da USP**, São Paulo, 2018. Disponível em: https://jornal.usp.br/universidade/levantamento-mostra-quem-financia-a-pesquisa-no-brasil-e-na-usp.

DYNIEWICZ, A.M. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. São Caetano do Sul, SP: Difusão; 3 ed., rev., ampl; 2014. 247 p.

ESCOBAR, H. Fábricas de conhecimento: o que são, como funcionam e para que servem as universidades públicas de pesquisa. **Jornal da USP**, São Paulo, 2019. Disponível em: https://jornal.usp.br/ciencias/fabricas-de-conhecimento. Acesso em: 21 ago. 2024.

FECHER, B.; FRIESIKE, S.; HEBING, M. What Drives Academic Data Sharing? **PLoS ONE**, [*S.l.*], v. 10., 2015. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0118053. Acesso em: 10 set. 2024.

FERREIRA, V.B. E-science. In: **E-science e políticas públicas para ciência, tecnologia e inovação no Brasil** [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 13-30. Disponível em: https://books.scielo.org/id/bc84k. DOI: https://doi.org/10.7476/9788523218652.0003. Acesso em: 13 jul. 2023.

FILHO, B.A.B.S.; TRITANY, E.F.; STRUCHINER, C.J. Relato teórico: reflexões e considerações para autores, revisores e editores. **Revista de Saúde Pública**, [S.l.], v. 56, p. 30, 2022. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/197678/181910. DOI: https://doi.org/10.7476/9788523218652.0003. Acesso em 25 nov. 2024.

FRANCISCO, Q.A.S.; SILVA, T.O.; MARTINEZ, M.R. Recursos humanos em saúde: do processo intuitivo ao People Analytics. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [*S.l.*], v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1370. DOI: 10.29397/reciis.v13i1.1370. Acesso em: 31 jan. 2023.

FREY, K.; HAFNER, A.; PUCKER, B. A reutilização de conjuntos de dados públicos nas ciências da vida: riscos e recompensas potenciais. **Peer J**, [*S.l.*], v. 8, 2020. DOI: https://doi.org/10.20944/preprints202002.0146.v1. Acesso em: 15 set. 2024.

FROTA, M.A. *et al.* Mapeando a formação do enfermeiro no Brasil: desafios para atuação em cenários complexos e globalizados. **Ciência & Saúde Coletiva**, [*S.l.*], v. 25, n. 1, p. 25-35, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/Bxhbs99CZ8QgZN9QCnJZTPr/?lang=pt#. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.27672019. Acesso em: 03 jan. 2023.

GARCIA, A. *et al.* Sharable and Comparable Data for Nursing Management. **Nursing administration quarterly**, [*S.l.*], v. 39, n.4, p. 297-303, 2015. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26340240/. DOI: https://doi.org/10.1097/NAQ.0000000000000120. Acesso em: 17 jul. 2023.

GILMORE, R.O.; KENNEDY, J.L.; ADOLPH, K.E. Soluções práticas para compartilhar dados e materiais de pesquisa psicológica. **Avanços em Métodos e Práticas em Ciência Psicológica**. v. 1, n. 1, p. 121-130, 2018. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2515245917746500. DOI: 10.1177/2515245917746500. Acesso em: 13 jul. 2023.

GUANAES, P.C.V. **Abertura e compartilhamento de dados de pesquisa subjacentes a artigos científicos:** questões do direito autoral. 2020. 233 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/46188. Acesso em: 12 jul. 2023.

GUANAES, P.C.V.; ALBAGLI, S. Dados de pesquisa subjacentes a artigos científicos: questões do direito autoral. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 114171, 2022. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/114171. DOI: 10.19132/1808-5245283.114171. Acesso em: 13 jul. 2023.

GUIMARÃES, E.A.A.; GONTIJO, T.L.; RODRIGUES, S.B. A Pós-Graduação Stricto Sensu em Enfermagem e a formação de enfermeiros pesquisadores. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, [*S.l.*], v. 9, 2019. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/3602. DOI: 10.19175/recom.v9i0.3602. Acesso em: 22 abr. 2024.

HENNING, P.C. *et al.* GO FAIR e os princípios FAIR: o que representam para a expansão dos dados de pesquisa no âmbito da Ciência Aberta. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 389-412, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/113770. DOI: 10.19132/1808-5245252.389-412. Acesso em: 13 jul. 2023.

HENNING, P. *et al.* The FAIRness of data management plans: an assessment of some European DMPs. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [*S.l.*], v. 15, n. 3, 2021. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2270. DOI: 10.29397/reciis.v15i3.2270. Acesso em: 29 nov. 2022.

HOUTKOOP, B.L. *et al.* Data Sharing in Psychology: A Survey on Barriers and Preconditions. **Advances in Methods and Practices in Psychological Science**, [*S.l.*], v. 1, n. 1, p. 70-85, 2018. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2515245917751886. DOI: 10.1177/2515245917751886. Acesso em: 13 jul. 2023.

HOWLETT, C.; FERREIRA, J.; BLOMFIELD, J. Ensino de desenvolvimento sustentável no ensino superior: construindo pensadores críticos e reflexivos por meio de uma abordagem interdisciplinar. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, [*S.l.*], v.17, p. 305-321, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1108/IJSHE-07-2014-0102. Acesso em: 17 set. 2024.

JIMÉNEZ, M.F. **Práticas de gestão, compartilhamento e reúso de dados de pesquisa entre pesquisadores colombianos na área de economia e negócios**. 2020. 221p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão nas Organizações Aprendentes), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18533/1/Mar%C3%ADaPaulaFern%C3%A1ndezJim%C3%A9nez_Dissert.pdf.

JORGE, V.A.; ALBAGLI, S. Compartilhamento de dados de pesquisa em saúde: iniciativas do National Institutes of Health (NIH). **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [*S.l.*], v. 12, n. 4, 2018. Disponível em: https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1499. DOI: 10.29397/reciis.v12i4.1499. Acesso em: 12 jan. 2023.

JUNIOR, J.C.G., *et al.* Abordagens Neuropsicopedagógicas no processo ensino. Uma revisão bibliográfica entre os anos de 2010 e 2021. **Ciências Humanas**, [*S.l.*], v. 28, n. 132, 2024.

KARASNEH, R.A. *et al.* Patient Data Sharing and Confidentiality Practices of Researchers in Jordan. **Risk Manag Healthc Policy**, v. 12, p. 255-263, 2019. Disponível em: https://www.dovepress.com/patient-data-sharing-and-confidentiality-practices-of-researchers-in-j-peer-reviewed-fulltext-article-RMHP. Acesso em: 17 jul. 2023.

KARCHER, S. *et al*. How Data Curation Enables Epistemically Responsible Reuse of Qualitative Data. **The Qualitative Report** [*S.l.*], 2021. DOI: https://doi.org/10.46743/2160-3715/2021.5012. Acesso em: 15 set. 2024.

KIM, H. *et al*. Explorative Analysis of Nursing Research Data. **Western Journal of Nursing Research**, [*S.l.*], v. 39, n. 1, p. 5-19, 2017. DOI: https://doi.org/10.1177/0193945916673815.

KIM, J-I. From bioethics to data sharing for transparency in nursing research. **Journal of Korean Academy of Nursing**, [*S.l.*], v. 50, n. 6, p. 737, 2020. Disponível em: https://jkan.or.kr/DOIx.php?id=10.4040/jkan.50503. Acesso em: 17 jul. 2023.

KIM, J. *et al*. Data sharing policies of journals in life, health, and physical sciences indexed in Journal Citation Reports. **Peer J**, [*S.l.*], v. 8, n. e9924, 2020. Disponível em: https://peerj.com/articles/9924. Acesso em: 17 jul. 2023.

KIM, K.K.; JOSEPH, J.G.; OHNO-MACHADO, L. Comparison of consumers' views on electronic data sharing for healthcare and research. **Journal of the American Medical Informatics Association: JAMIA**, [*S.l.*], v. 22, n. 4, p. 821-830, 2015. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25829461. DOI: https://doi.org/10.1093/jamia/ocv014. Acesso em: 17 jul. 2023.

KIM, S. Functional Requirements for Research Data Repositories. **International Journal of Knowledge Content Development and Technology**, [*S.l.*], n. 8, p. 25-36, 2018. DOI: https://doi.org/10.5865/IJKCT.2018.8.1.025. Acesso em: 15 set. 2024.

KRISHNA, M.; DESHPANDE, B.; SAJANA, C. Crosswalk among Prominent Open Research Data Repositories. **Webology**, [*S.l.*], v. 18, p. 60-67, 2021. DOI: https://doi.org/10.14704/web/v18i2/web18307. Acesso em: 15 set. 2024.

KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LECARDELLI, J.; LUCAS, E.R.O. Dados científicos abertos: gestão baseada nos princípios fair. *In*: **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123064. Acesso em: 21 nov. 2021.

LEONELLI, S. **A pesquisa científica na era do Big Data: cinco maneiras que mostram como o Big Data prejudica a ciência, e como podemos salvá-la.** Tradução: Carla Cristina Munhoz Xavier, SciELO - Editora FIOCRUZ, 2022. 149 p.

LIMA, F.D.; ALENCAR, M.S.M. Compartilhamento e reúso de dados de pesquisa em enfermagem: Perguntas necessárias na elaboração de um instrumento de entrevista. **Research, Society and Development**, [*S.l.*], v. 12, n. 10, p. e140121043537, 2023. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/43537. DOI: 10.33448/rsd-v12i10.43537. Acesso em: 27 mai. 2024.

LIN, L-C. Data management and security in qualitative research. **Dimensions of critical care nursing**. [*S.l.*], v. 28, n. 3, p. 132-137, 2009. Disponível em: https://journals.lww.com/dccnjournal/Abstract/2009/05000/Data_Management_and_Security_in_Qualitative.13.aspx. DOI: https://doi.org/10.1097/DCC.0b013e31819aeff6. Acesso em: 13 jul. 2023.

LOGAN, J.; HART, S.; SCHATSCHNEIDER, C. Data Sharing in Education Science. **AERA Open**, [*S.l.*], v. 7, 2021. DOI: https://doi.org/10.1177/23328584211006475. Acesso em: 15 set. 2024.

LUCENA, A.F.; BARROS, A.L.B.L. Mapeamento cruzado: uma alternativa para a análise de dados em enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 82-88, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/JL4jTndPBDG7YDcwkMzHGGG/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05 nov. 2021.

MACHADO, M.H. **Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final: Brasil. Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz**, 2017. 748 p. Monografia. Disponível em: https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/relatoriofinal.pdf.

MAINARDES, J. Grupos de Pesquisa da área de Educação no Brasil: revisão de literatura. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 65, p. 1-23, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/21571/13621. Acesso: 11 jan. 2023.

MARQUES, D.K.A. *et al*. Conjunto Internacional de Dados Mínimos de Enfermagem: estudo comparativo com instrumentos de uma clínica pediátrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [*S.l.*], v. 67, n. 4, 2014. Disponível em: http://reben.com.br/revista/artigos/?volume=67&ano=2014&numero=4&item=588. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167.2014670414. Acesso: 22 nov. 2021.

MARTINS, H.C.; PERLIN, M.S. A importância do reuso de dados na pesquisa acadêmica [online]. **SciELO em Perspectiva: Humanas**, [*S.l.*], 2020. Disponível em: https://humanas.blog.scielo.org/blog/2020/07/07/a-importancia-do-reuso-de-dados-na-pesquisa-academica. Acesso em: 17 set. 2022.

McCOY, M., *et al*. Ethical Responsibilities for Companies That Process Personal Data. **The American Journal of Bioethic***s*, [*S.l.*], v. 23, p. 11-23, 2023. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15265161.2023.2209535. DOI: https://doi.org/10.1080/15265161.2023.2209535. Acesso em: 27 nov. 2024.

MEEHAN, R. Transitions From Acute Care to Long-Term Care: Evaluation of the Continued Access Model. **Journal of Applied Gerontology**, [*S.l.*], v. 38, n. 4, p. 510-529, 2019. Disponível em: https://journals-sagepub-com.ez39.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1177/0733464817723565. DOI: https://doi-org.ez39.periodicos.capes.gov.br/10.1177/0733464817723565. Acesso em: 17 jul. 2023.

MALICKE, D.; MARKOVAC, J. Open Access Journal Publishing, **Medical and Scientific Publishing**, [*S.l.*], p. 9-16, 2019. DOI: https://doi.org/10.1016/B978-0-12-809969-8.00002-4. Acesso em 19 nov. 2024.

MELO, U.M.B.; SOUZA, L.O. Os potenciais do Iramuteq para análise de conteúdo de decisões judiciais. **Brazilian Journal of Development**, [*S.l.*], v. 9, n. 1, p. 4886–4911, 2023. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/56690. DOI: 10.34117/bjdv9n1-336. Acesso em: 21 may. 2024.

MENDONÇA, G.M.M. *et al.* Produção científica de egressos de um programa de pós-graduação em enfermagem. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, [*S.l.*], v.10, n.2, p.485-89, 2018. DOI: 10.9789/2175- 5361.2018.v10i2.485-489. Disponível em: http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/6105. Acesso em: 13 jul. 2023.

MICHENER, W. Ecological data sharing. **Ecological Informatics**, [*S.l.*], v. 29, n. 1, p. 33-44, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.ecoinf.2015.06.010. Acesso em: 12 set. 2024.

MILHAM, M., *et al.* Assessment of the impact of shared brain imaging data on the scientific literature. **Nature Communications**, [*S.l.*], v. 9, n. 2818, 2018. DOI: https://doi.org/10.1038/s41467-018-04976-1. Acesso em: 12 set. 2024.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed, São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017. Disponível em: https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59. Acesso em: 13 jul. 2023.

MOHAMMED, R. *et al.* Plagiarism in medical scientific research. **Journal of Taibah University Medical Sciences**, [*S.l.*], v. 10, p. 6-11, 2015. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S165836121500013X?via%3Dihub. DOI: https://doi.org/10.1016/J.JTUMED.2015.01.007. Acesso em: 19 nov. 2024.

MONTEIRO, G.; LUCAS; E.R.O. Dados científicos abertos: identificando o papel das políticas de gestão e das agências de fomento. **AtoZ**: **novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 13-20, 2019. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/67253/38725. Acesso em 13 jul. 2023.

MOORE, S.M. *et al*. Recommendations of Common Data Elements to Advance the Science of Self-Management of Chronic Conditions. **Journal of Nursing Scholarship**, [*S.l.*], v. 48, n.5, p. 437-447, 2016. Disponível em: https://sigmapubs-onlinelibrary-wiley.ez39.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1111/jnu.12233#. DOI: https://doi-org.ez29.periodicos.capes.gov.br/10.1111/jnu.12233. Acesso em: 17 jul. 2023.

MOREIRA, L.K.R.; MOREIRA, L.R.; SOARES, M.G. Educação Superior no Brasil: discussões e reflexões. **Educação por Escrito**, [*S.l.*], v. 9, n. 1, p. 134-150, 2018. DOI: https://doi.org/10.15448/2179-8435.2018.1.29594. Acesso em: 16 out. 2024.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. *In*: Morin, E. tradução Eloá Jacobina - 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOSER, A.; KORSTJENS, I. Série: Orientação prática para pesquisa qualitativa. Parte 3: Amostragem, coleta de dados e análise. **The European Journal of General Practice**, [*S.l.*], v. 24, p. 9 - 18, 2017. DOI: https://doi.org/10.1080/13814788.2017.1375091. Acesso em: 15 set. 2024.

MOZERSKY, J. *et al*. Barriers and facilitators to qualitative data sharing in the United States: A survey of qualitative researchers. **PLoS ONE**, [*S.l.*], v. 16, n. 12, p. e0261719, 2021. Disponível em: https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0261719. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0261719. Acesso em: 13 jul. 2023.

MUSSI, R.F.F. *et al*. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, [*S.l.*], v. 7, n. 2, p. 414-430, 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193/32038. DOI: https://doi.org/10.12957/sustinere.2019.41193. Acesso em: 14 fev. 2022.

MUTHANNA, A.; CHAABAN, Y.; QADHI, S. A model of the interrelationship between research ethics and research integrity. **International journal of qualitative studies on health and well-being**, [*S.l.*], v. 19, n. 1, p. 2295151, 2023. DOI: https://doi.org/10.1080/17482631.2023.2295151. Acesso em 15 set. 2024.

NEVES GUIMARÃES DE CARVALHO, R. *et al.* Mapeamento do perfil dos grupos de pesquisa sobre educação em enfermagem no Brasil. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, [*S.l.*], v. 3, n. 12, p. e3122258, 2022. Disponível em: https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2258. DOI: 10.47820/recima21.v3i12.2258. Acesso em: 11 jan. 2023.

OPAS. **Fotografia da enfermagem no Brasil.** Brasília, Brasil, 2020. Disponível em: https://apsredes.org/fotografia-da-enfermagem-no-brasil/.

PERRIER, L.; BLONDAL, E.; MACDONALD, H. The views, perspectives, and experiences of academic researchers with data sharing and reuse: A meta-synthesis. **PLoS ONE**, [*S.l.*], v. 15, n. 2, p. e0229182, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0229182. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0229182. Acesso em: 14 jul. 2023.

PERRINO, T. *et al.* Advancing Science Through Collaborative Data Sharing and Synthesis. **Perspectives on Psychological Science**, [*S.l.*], v. 8, p. 433 - 444, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1745691613491579. Acesso em: 12 set. 2024.

PET ESTATÍSTICA. **postHELEN**. s.d. Disponível em: https://pet-estatistica.github.io/site/download/posts/postHELEN.html. Acesso em: 01 nov. 2024.

PINTO, F. Trilha história sobre prática da publicação de dados de pesquisa. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [*S.l.*], v. 28, n. Fluxo Contínuo, p. e45978, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/45978. Acesso em: 9 jun. 2024.

PINTO, F.M.A.G. **Publicação de dados de pesquisa em Enfermagem:** novas práticas em Ciência Aberta. 2022. 112 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/26650. Acesso em: 14 jul. 2023.

POTH, C. Rigorous and Ethical Qualitative Data Reuse: Potential Perils and Promising Practices. **International Journal of Qualitative Methods**, [*S.l.*], v. 18, 2019. DOI: https://doi.org/10.1177/1609406919868870. Acesso em: 15 set. 2024.

POWELL, K.R.; DEROCHE, C.B.; ALEXANDER, G.L. Health Data Sharing in US Nursing Homes: A Mixed Methods Study, **Journal of the American Medical Directors Association**, [*S.l.*], v. 22, n. 5, p. 1052-1059, 2021. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1525861020301973. DOI: https://doi-org.ez29.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.jamda.2020.02.009. Acesso em: 14 jul. 2023.

PRONK, T. O ganho de eficiência de tempo no compartilhamento e reutilização de dados de pesquisa. **Data Sci J**, [*S.l.*], v. 18, n. 10, 2019. DOI: https://doi.org/10.5334/DSJ-2019-010. Acesso em: 15 set. 2024.

PRUINELLI, L. Nursing and Data: Powering Nursing Leaders for Big Data Science**.** **Revista Brasileira de Enfermagem**, [*S.l.*], v. 74, n. 4, p. e740401, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167.2021740401. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/wWDpN9JYhyYbY63yjRLXwxb/?lang=en. Acesso: 20 out.2021.

QUIGLEY, T. *et al*. Improving Our Field Through Code and Data Sharing. **Journal of Management**, [*S.l.*], n. 49, p. 875-880, 2022. DOI: https://doi.org/10.1177/01492063221141861. Acesso em: 12 set. 2024.

RASKIND, I. *et al*. Uma revisão das práticas de análise de dados qualitativos em educação em saúde e pesquisa sobre comportamento de saúde. **Health Education & Behavior**, [*S.l.*], v. 46, p. 32-39, 2018. DOI: https://doi.org/10.1177/1090198118795019. Acesso em: 15 set. 2024.

RASZEWSKI, R. *et al.* A survey of current practices in data management education in nursing doctoral programs. **Journal of Professional Nursing**, [*S.l.*], v. 37, n. 1, p. 155-162, 2021. Disponível em: https://www-sciencedirect.ez39.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S8755722320301204?via%3Dihub. DOI: https://doi-org.ez29.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.profnurs.2020.06.003. Acesso em: 17 jul. 2023.

RELF, M.V.; OVERSTREET, K. Data Sharing and Reproducibility of Results-Does It Matter for HIV Nursing? **Journal of the Association of Nurses in AIDS Care**, [*S.l.*], v. 32, n. 1, p. 1-2, 2021. DOI: 10.1097/JNC.0000000000000231. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33273158. Acesso em: 17 jul. 2023.

RIBEIRO, D.B. *et al*. Financiamento à ciência no Brasil: distribuição entre as grandes áreas do conhecimento. **Revista Katálysis**, [*S.l.*], v. 23, n. 3, p. 548-561, set. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p548. Acesso em: 17 out 2024.

RIVAS, S.; SAIZ, C.; ALMEIDA, L. O papel do pensamento crítico na previsão e melhoria do desempenho acadêmico. **Sustentabilidade**, [*S.l.*], v. 15, n. 2, p. 1527, 2023. DOI: https://doi.org/10.3390/su15021527. Acesso em 15 set. 2024.

RODRIGUES, J.L.; NETO, N.P.R. Metodologia da pesquisa e direito processual: a importância da pesquisa quantitativa para a compreensão dos impactos da sistemática de precedentes no sistema jurídico brasileiro. **Revista Brasileira de Direito Civil em Perspectiva**, [*S.l.*], v. 8, n. 1, p. 127-142, 2022. Disponível em: https://indexlaw.org/index.php/direitocivil/article/view/8924/pdf. DOI: http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0243/2022.v8i1.8924. Acesso em: 14 jul. 2022.

SALES, L.F.; SAYÃO, L.F. A grande e a pequena ciência: Análise das diferenças na gestão de dados de pesquisa. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 151-170, 2019a. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/47615. Acesso em: 22 nov. 2021.

SALES, L. F.; SAYÃO, L. F. Há futuro para as bibliotecas de pesquisa no ambiente de escience? **Informação & Tecnologia**, [*S.l.*], v. 2, n. 1, p. 30-52, 2015. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41568. Acesso em: 02 nov. 2022.

SALES, L.F.; SAYÃO, L.F. Uma proposta de taxonomia para dados de pesquisa. **Revista Conhecimento em Ação**, [*S.l.*], v. 4, n. 1, p. 31-48, 2019b. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/26337. DOI: 10.47681/rca.v4i1.26337. Acesso em: 27 mai. 2024.

SALVADOR, P.T.C.O. *et al.* Estratégias de coleta de dados online utilizadas em pesquisas qualitativas da área da saúde: uma revisão de escopo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [*S.l.*], v. 41, p. e20190297, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/ZTDgnm7Y8f8KhKr6jbCKddK. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190297. Acesso em: 27 mai. 2024.

SANTAREM SEGUNDO, J.E. Web semântica e linked data como aliados na consolidação da Ciência Aberta. In: SHINTAKU, M.; SALES, L.F.; COSTA, M (Orgs.). **Tópicos sobre dados abertos para editores científicos**. Botucatu, SP: ABEC, 2020. p. 65-78. DOI: 10.21452/ 978-85-93910-04-3.cap6.

SANTOS, G.D.; COELHO, M.T.A.D.; FERNANDES, S.A.F. A produção científica sobre a interdisciplinaridade: uma revisão integrativa. **Educação em Revista**, [*S.l.*], v. 36, p. e226532, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-4698226532. Acesso em: 15 set. 2024.

SAU, K. Facts about journal publishing in open access policy. **The Indian Journal of Medical Research**, [*S.l.*], v. 138, p. 1029-1030, 2013. Acesso em: 19 nov. 2024.

SAYÃO, L.F.; SALES, L.F. A ciência invisível: os dados da cauda longa da pesquisa científica. *In:* DIAS, A. *et al*. **Dados científicos: perspectivas e desafios**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. 216 p. 33-52. Disponível em: http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/359/508/2949-1.

SAYÃO, L.F.; SALES, L.F. O que é dado de pesquisa? **BIBLOS**, [*S.l.*], v. 34, n. 2, 2020. Disponível em: https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/11875. Acesso em: 11 jan. 2023.

SAYÃO, L.F.; SALES, L.F. Plataformas de gestão de dados de pesquisa: expandindo o conceito de repositórios de dados. **Palabra Clave (La Plata)**, [*S.l.*], v. 12, n. 1, p. e171, 2022. DOI: 10.24215/18539912e171. Disponível em: https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/pce171. Acesso em: 12 dez. 2022.

SCHLEDER, G.R.; FAZZIO, A. Machine Learning na Física, Química, e Ciência de Materiais: Descoberta e Design de Materiais. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, [*S.l.*], v. 43, n. Suppl 1, p.e20200407, 2021, DOI: https://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2020-0407. Acesso em: 13 dez. 2022.

SEMELER, A.R.; PINTO, A.L. Data librarianship as a field study. **Transinformação**, [*S.l.*], v. 32, p.e200034, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/2318-0889202032e200034. Acesso em: 11 jan. 2023.

SENSMEIER, J.; CARROLL, W.M. Improving Patient Outcomes Through Sharable, Comparable Nursing Data Using a Unique Nurse Identifier. **Computers, informatics, nursing: CIN**, [*S.l.*], v. 39, n. 2, p. 61-62, 2021. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33538512. DOI: https://doi.org/10.1097/CIN.0000000000000706. Acesso em: 17 jul. 2023.

SHINTAKU, M. *et al.* Avaliação aberta pelos pares no âmbito da ciência aberta: revisão e reflexão. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande do Sul, v. 34, n. 1, p. 161-175, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14295/biblos.v34i1.11189. Acesso em: 15 nov. 2024.

SILVA, F.C.C. **Gestão de dados científicos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Interciência, 2020.

SILVA, M.M.; DUFLOTH, S.C. Revolução científica? reflexões para uma teoria crítica da ciência dos dados. **Anais do Workshop de Informação, Dados e Tecnologia - WIDaT**, [*S.l.*], v. 2, p. 4-11, 2018. Disponível em: https://labcotec.ibict.br/widat/index.php/widat2023/article/view/152. DOI: 10.22477/ii.widat.152. Acesso em: 29 mai. 2024.

SILVA, J.A.; MARINHO, J.C.B.; FRANÇA, G.A. Consórcio entre pesquisas: possibilidades para o aprofundamento dos estudos qualitativos em educação. **ETD-Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p. 443-454, 2013. Disponível em: http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/5552. Acesso em: 06 mar. 2022.

SILVA, J.V.L. *et al*. Permanent education and its contribution to the management process in the scope of primary care. **Research, Society and Development**, [*S.l.*], v. 9, n. 9, p. e465997505, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.7505. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7505. Acesso em: 11 jan. 2023.

SOUZA, C.D.; FILIPPO, D.D.; CASADO, E.S. Crescimento da atividade científica nas universidades federais brasileiras: análise por áreas temáticas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 126-156, jan. 2018.

SOUZA, V.R.S. *et al.* Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. **Acta Paulista de Enfermagem**, [*S.l.*], v. 34, 2021. DOI: https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631.

STREETER, J. Networking in academia. **EMBO reports**, [*S.l.*], v. 15, 2014. DOI: https://doi.org/10.15252/embr.201439626.

SUN, P. Security and privacy protection in cloud computing: Discussions and challenges. **Journal of Networking Computer Applications**, [*S.l.*], v. 160, n. 102642, 2020. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jnca.2020.102642. Acesso em: 15 set. 2024.

TAN, A.C. *et al.* Data sharing - trialists' plans at registration, attitudes, barriers and facilitators: a cohort study and cross-sectional survey. **Res Synth Methods**, [*S.l.*], v. 12, n. 5, p. 641-657, 2021. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jrsm.1500. DOI: https://doi.org/10.1002/jrsm.1500. Acesso em: 17 jun. 2023.

TENOPIR, C. *et al.* Compartilhamento de dados por cientistas: Práticas e percepções. **PLOS ONE**, [*S.l.*], v. 6, n. 6, 2011. Disponível em: https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0021101. DOI:10.1371/journal.pone.0021101. Acesso em: 17 jul. 2023.

TENOPIR, C. *et al*. Data sharing, management, use, and reuse: Practices and perceptions of scientists worldwide. **PLoS One**, [*S.l.*], v. 11, n. 3, p. e0229003. 2020. DOI: 10.1371/journal.pone.0229003.

TOLLE, K.; TANSLEY, S.; HEY, T. (Org.). Jim Gray e a eScience: um método científico transformado. In: HEY, T.; TANSLEY, S.; TOLLE, K. (Org.). **O quarto paradigma: descobertas científicas na era da eScience**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011. p. 17-29.

TONG, A.; SAINSBURY, P.; CRAIG, J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. **International Journal for Quality in Health Care**, [*S.l.*], v. 19, n. 6, p. 349-357, 2007. Disponível em: https://academic.oup.com/intqhc/article/19/6/349/1791966. DOI: https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042. Acesso em: 15 jan. 2024.

TORINO, E. *et al*. Infraestrutura e serviços de gestão de dados de pesquisa: uma avaliação no âmbito da Universidade Estadual Paulista (Unesp). **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [*S.l.*], v. 27, n. 1, p. 1-28, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/85188. Acesso em: 15 jan. 2023.

UNESCO. Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta. **UNESDOC Digital Library**, [*S.l.*], 2022. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379949_por. Acesso em: 27 jul. 2022.

URBANO, F.; CAGNACCI, F. Data Management and Sharing for Collaborative Science: Lessons Learnt From the Euromammals Initiative. **Frontiers**, [*S.l.*], v. 9, 2021. DOI: https://doi.org/10.3389/fevo.2021.727023. Acesso em: 12 set. 2024.

VEIGA, V.S.O. *et al.* Compartilhamento de dados de pesquisa na Fiocruz: diagnóstico e percepção do pesquisador. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 48 n. 3 (Supl.), p. 319-328, set./dez. 2019. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/47937. Acesso em: 11 jul. 2023.

VEIGA, V.S.O; SILVA, C.H.; BORGES, M.M. Modelo de Fatores que Influenciam no Comportamento de Compartilhamento de Dados de Pesquisa (MF Dados). *In:* BORGES, M.M.; CASADO, E.S. (coord.). **Sob a lente da ciência aberta: olhares de Portugal, Espanha e Brasil.** Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, 2021. p. 155-187. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/46243. Acesso em: 12 jul. 2023.

VEST, J.R.; ISSEL, L.M. Factors Related to Public Health Data Sharing between Local and State Health Departments. **Health Serv Res**, [*S.l.*], v. 49, n. 1, n. Pt. 2, p. 373-391, 2014. Disponível em: https://onlinelibrary-wiley.ez39.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1111/1475-6773.12138. Acesso em: 17 jul. 2023.

WANG, H. *et al.* Implementation and assessment of an end-to-end Open Science & Data Collaborations program. **F1000Research**., [*S.l.*], v. 11., n. 501, 2022. DOI: https://doi.org/10.12688/f1000research.110355.2. Acesso em: 10 set. 2024.

WESTRA, B.L. *et al.* A national action plan for sharable and comparable nursing data to support practice and translational research for transforming health care. **Journal of American Medical Informatics Association**, [*S.l.*], v. 22, n. 3, p: 600-7, 2015. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25670754/. Acesso em: 05 nov. 2021.

WHITE, T.; BLOK, E.; CALHOUN, V. Data sharing and privacy issues in neuroimaging research: Opportunities, obstacles, challenges, and monsters under the bed. **Human Brain Mapping**, [*S.l.*], n. 43, p. 278-291, 2020. DOI: https://doi.org/10.1002/hbm.25120. Acesso em: 12 set. 2024.

WILBANKS, J. Vi a mudança de paradigma - e somos nós. In: HEY, T.; TANSLEY, S.; TOLLE, K. (Org.). **O quarto paradigma: descobertas científicas na era da eScience**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011. p. 217-222.

WINKLER, C.; BERENBON, R. Validation of a survey for measuring scientists' attitudes toward data reuse. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, [*S.l.*], v. 72, p. 449-453, 2021. Disponível em: https://journals.library.ualberta.ca/istl/index.php/istl/article/view/1570. Acesso em: 17 jul. 2023.

WOWK, K. *et al.* Evolução da cultura acadêmica para atender às necessidades sociais. Palgrave Commun, [S.l.], v. 3, p. 35, 2017. DOI: https://doi.org/10.1057/s41599-017-0040-1. Acesso em: 15 set. 2024.

YAZDANI, S.; AHMADY, S.; SHAHRIARI, A. Hegemonia científica no sistema de ensino superior: uma revisão crítica. **Pakistan Journal of Medical and Health Sciences**, [*S.l.*], v. 15, n. 9, 2021. DOI: https://doi.org/10.53350/pjmhs211592597. Acesso em: 15 set. 2024.

Apêndice A - Plano de Gestão de Dados

Visão geral do plano

Um Plano de Gestão de Dados criado usando DMP Tool

Título:O COMPARTILHAMENTO E O REÚSO DE DADOS DOS PESQUISADORES DE GRUPOS DE PESQUISA NA ÁREA DE ENFERMAGEM DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Criador: Franciane Lima - **ORCID:** 0000-0002-1350-1547

Afiliação: Universidade Federal Do Estado Do Rio De Janeiro - Unirio

Financiador: Digital Curation Centre (dcc.ac.uk)

Modelo: Digital Curation Centre

Resumo do projeto:

A produção de conhecimento científico tem passado por transformações significativas ao longo do tempo, acompanhando mudanças tecnológicas e sociais que intensificaram a geração de dados. Na área de Enfermagem, essas mudanças têm impulsionado avanços relacionados ao cuidado, ao ensino e às demandas de pesquisa, refletindo tendências globais. Nesse cenário, torna-se essencial que profissionais de Enfermagem reconheçam a importância do compartilhamento e do reúso de dados, sempre acompanhados de boas práticas éticas. A aceleração do processo de investigação científica e a maior velocidade do fluxo de informações evidenciam a relevância do compartilhamento de dados de pesquisa como uma competência fundamental do pesquisador, o que motiva estudos sobre como grupos de pesquisa em Enfermagem realizam ou planejam essa prática, incluindo o reúso de dados de outras investigações ou mesmo de suas próprias. A escolha de grupos de pesquisa como fonte de coleta de dados justifica-se por seu papel no fortalecimento da pesquisa e na formação de pesquisadores. Diante disso, este estudo tem como objetivo refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa adotadas por pesquisadores da área de Enfermagem no Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, realizada de acordo com as diretrizes do COREQ. A coleta de dados foi realizada nos meses de março e abril de 2024, por meio de entrevistas baseadas em um roteiro de 11 perguntas abertas, direcionadas a líderes e vice-líderes de grupos de pesquisa em Enfermagem no Estado do Rio de Janeiro. A amostra compreendeu 14 pesquisadores, entrevistados presencialmente ou on-line. As respostas foram analisadas pelo software Iramuteq, que evidenciou principalmente as palavras “dados” e “pesquisa”. Além disso, foram identificadas cinco classes de análise, às quais se atribuiu um nome específico no contexto desta pesquisa: Publicação e disseminação de pesquisas; A prática de compartilhamento de dados; Transparência e produção do conhecimento científico; Metodologia de coleta e reúso de dados; e Questões humanas e sociais na saúde. Os resultados indicam que, embora os líderes e vice-líderes desses grupos de pesquisa reconheçam dificuldades para adotar o compartilhamento e o reúso de dados de forma rotineira, é possível superar tais obstáculos com capacitação. Recomenda-se, portanto, o desenvolvimento

contínuo de materiais educacionais que demonstrem onde e como os dados podem ser compartilhados de maneira eficiente e organizada, viabilizando,portanto, seu reúso.

Data de início:03-20-2023

Data final:02-05-2025

Última modificação:03-18-2025

O COMPARTILHAMENTO E O REÚSO DE DADOS DOS PESQUISADORES DE GRUPOS DE PESQUISA NA ÁREA DE ENFERMAGEM DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Data Collection

What data will you collect or create?

Textos no formato .txt.

Os arquivos em mp4 não serão compartilhados por questões éticas.

How will the data be collected or created?

A entrevista foi a forma encontrada para buscar as necessidades dos entrevistados para praticar boas práticas de compartilhamento e reúso de dados.

A entrevista foi separada em dois blocos, no primeiro foi traçado o perfil do entrevistado e obtidos os seguintes dados: gênero; tempo de atuação na pesquisa; área de atuação do pesquisador; instituição vinculada e financiador da pesquisa.

No segundo bloco da pesquisa, foi realizado a entrevista virtual onde se seguiu um roteiro semi estruturado com perguntas abertas.

Foi utilizado a ferramenta IRAMUTEQ para processamento dos dados qualitativos.

Documentation and Metadata

What documentation and metadata will accompany the data?

Um arquivo Readme com a descrição dos datasetsdisponibilizados:

Roteiro de Entrevista em formato ".txt": composto por conjunto de perguntas abertas utilizado para guiar a entrevista. Cada entrevista se inicia com texto introdutório, e quando necessário, cada pergunta é apresentada uma explicação prévia sobre o tema. A primeira pergunta foi adotada com o intuito de estimular a conversa. A descrição da metodologia de coleta dos dados está descrita na tese.

Corpus textual em formato ".txt" : gerado a partir da transcrição das entrevistas, anonimizadas e formatadas para uso no programa Iramuteq (versão 0.7 alpha 2), com codificação binária (Unicode) UTF-8. A resposta da primeira pergunta não foi incorporada ao corpus pois seu objetivo era estimular a conversa e o tema abordado não era relevante para os propósitos da pesquisa. Foram suprimidos vícios de linguagens e interferências do pesquisador, sendo descritos detalhadamente na metodologia da tese. Cada entrevista foi tratada como um texto, onde as perguntas foram removidas. Cada texto é separado por uma LINHA DE COMANDO.

>>>LINHA DE COMANDO<<<

Seguindo a formatação padrão do Iramuteq, se inicia com 4 asteriscos (****) seguidos pela caracterização dos entrevistados que delinearam a pesquisa (entrevistado, faixa etária, sexo, última formação acadêmica e tempo de atuação em pesquisa), devidamente anonimizados.

>>entrevistado<<

Sequência a partir de entrevistado_1

>> id<< faixa etária

id_1 - 25 a 34 anos

id_2 - 35 a 44 anos

id_3 - 45 a 54 anos

id_4 - 55 a 64 anos

id_5 - 65 anos ou mais

>>sex<< sexo

sex_1 - feminino

sex_2 - masculino

>>tit<< última formação acadêmica

tit_1 - mestrado

tit_2 - doutorado

tit_3 - pós-doutorado

>>pesq<< tempo de atuação em pesquisa

pesq_ 1 - 5 a 9 anos

pesq_ 2 - 10 a 14 anos

pesq_ 3 - 15 a 19 anos

pesq_ 4 - mais de 20 anos

Os dados estão disponíveis no repositório de dados e publicações aberto e multidisciplinar Zenodo.

Ethics and Legal Compliance

How will you manage any ethical issues?

Quanto aos aspectos éticos do estudo, a pesquisa cumpriu todas as etapas normatizadas, iniciando com o cadastramento da pesquisa na Plataforma Brasil e envio do projeto para Comitê de Ética em Pesquisa da Unirio. Este foi aprovado recebendo o CAAE nº 69467923.20000.5285. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados de caracterização dos entrevistados não foram disponibilizados por questões éticas.

Os arquivos do Iramuteq disponibilizados foram anonimizados.

How will you manage copyright and Intellectual Property Rights (IP/IPR) issues?

Será utilizada a licença CC BY-NC-ND - Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International

Compartilhamento dos dados no Zenodo que é um repositório aberto, seguro, em nuvem, garantindo que seja fácil o compartilhamento, acesso e citação.

É exigida a devida citação, sempre que os dados forem reutilizados.

Storage and Backup

How will the data be stored and backed up during the research?

Durante a realização da pesquisa, os dados ficaram armazenados no serviço de nuvens OneDrive, Google Drive e iCLoud.

O backup foi realizado diariamente pela própria pesquisadora, assim como a recuperação desses dados.

Realizar o backup diário auxilia na restauração de arquivos antigos caso haja algum incidente.

How will you manage access and security?

O acesso aos dados durante a realização da pesquisa foi somente pela pesquisadora e sua orientadora.

Selection and Preservation

Which data are of long-term value and should be retained, shared, and/or preserved?

Todos os dados oriundos da pesquisa são considerados de longo prazo, uma vez que os resultados apresentarão extensa contribuição para a literatura científica, técnica e de ensino.

Os dados gerados estão disponibilizados no repositório Zenodo.

What is the long-term preservation plan for the dataset?

Os dados ficarão preservados o máximo que os bancos de dados permitirem.

Disponibilizados no repositório público Zenodo.

Serviço de nuvem pessoal do pesquisador: OneDrive, Google Drive e iCLoud.

Data Sharing

How will you share the data?

Os dados foram disponibilizados após o término da pesquisa, defesa da tese e ajustes finais. Disponibilizado em repositório aberto público.

Are any restrictions on data sharing required?

Os dados deverão ser usados somente para pesquisas de intuito acadêmico e não comercial.

Responsibilities and Resources

Who will be responsible for data management?

A pesquisadora responsável, Dra Franciane Dantas de Lima foi responsável pela captura de dados, produção de metadados, qualidade de dados, armazenamento e backup, arquivamento e compartilhamento de dados.

What resources will you require to deliver your plan?

Não há necessidade de treinamento, como será colocado em repositório público, não há necessidade de cobranças.

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o Entrevistado

TCLE: Link

Baseado nas Resoluções 466/12 e 510/16, apresenta-se a pesquisa:

Título: "**O compartilhamento e reúso de dados dos pesquisadores de grupos de pesquisa na área de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro**"

Pesquisadora responsável: Doutoranda Franciane Dantas de Lima.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone de Menezes Alencar.

O objetivo geral deste estudo é *refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro.* Quanto à metodologia, esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa, através da aplicação de entrevista on-line. Este estudo visa caracterizar o perfil, identificar e analisar as práticas dos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro sobre o compartilhamento e reúso de dados de pesquisa. Espera-se que os resultados deste estudo indiquem estratégias a serem adotadas visando o incentivo à prática do compartilhamento dos dados gerados pelos pesquisadores em enfermagem.

Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações contidas neste documento. Sua participação nesta pesquisa é voluntária. Você pode solicitar esclarecimentos em qualquer momento, antes e durante o desenvolvimento da pesquisa, além de total liberdade para recusar a participação antes e/ou durante qualquer etapa da pesquisa. Será assegurada a sua liberdade para deixar de responder qualquer pergunta sem necessidade de explicação ou justificativa e sem prejuízo ao estudo. Caso queira interromper sua participação a qualquer momento, sua privacidade será preservada. Gostaria de informar que a entrevista será gravada e solicito sua autorização para a gravação durante todo o processo da conversa.

O tempo estimado para a entrevista é em torno de 90 minutos, podendo variar de acordo com o ritmo individual. É possível encontrar algum desconforto ao responder às perguntas, tais como cansaço e dificuldade de resposta que reflete sua opinião. Caso sinta-se incomodado ou constrangido com as perguntas, poderá não responder a algumas questões ou desistir de participar a qualquer momento.

Através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você está sendo alertado de que, da pesquisa a se realizar, não há benefício direto ao participante. O benefício será científico e social. A pesquisadora lhe assegura livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo. É assegurado ao participante da pesquisa ser indenizado por quaisquer danos sofridos em decorrência dela, tendo direito a solicitar indenização através das vias judiciais e/ou extrajudiciais. O estudo não terá auxílio de instituições de fomento e não irá gerar qualquer custo, sendo custeado totalmente pelos pesquisadores. Não haverá nenhum custo para o participante em qualquer fase do estudo. Do mesmo modo, não haverá compensação financeira relacionada à sua participação.

Orienta-se que você salve no seu computador em formato *print* de tela e/ou imprima este documento guardando-o com você. Mesmo assim, após responder as perguntas, você receberá em seu e-mail uma cópia do TCLE assinada pela pesquisadora responsável, em arquivo no formato PDF. Por favor, salve este documento em lugar seguro.

Os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os dados da pesquisa forem publicados, assegurando o sigilo de sua identidade, ou

seja, o seu nome não será divulgado, oferecendo total privacidade e anonimato das informações quando divulgadas/publicadas em eventos, livros e revistas científicas.

O risco da pesquisa é mínimo por envolver apenas a resposta ao instrumento on-line, o qual poderá ser respondido no momento e local de sua preferência. Porém, em função da forma virtual e das tecnologias utilizadas para coleta dos dados, existem riscos inerentes ao ambiente eletrônico. Falhas de segurança em *software*, falhas em rede, ciberataques, espionagem entre outras práticas podem acontecer e fogem da responsabilidade, controle e gestão da pesquisadora responsável. Buscando assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa, ao término da coleta dos dados será realizado o *download* dos dados para o computador pessoal da pesquisadora responsável e será apagado do ambiente virtual. O mesmo tratamento será dado aos e-mails de resposta contendo o TCLE assinado.

À percepção de qualquer risco ou danos aos participantes desta pesquisa, previstos ou não neste TCLE, o Sistema CEP/CONEP será imediatamente comunicado e ações para adequar ou suspender essa pesquisa serão tomadas para não prejuízo do participante.

Para qualquer informação que se faça necessária você poderá entrar em contato com Franciane Dantas de Lima, através do e-mail: franciane.lima@unirio.br. Se julgar conveniente, outro contato poderá ser feito com o Comitê de Ética em Pesquisa - UNIRIO através do telefone (21) 2542-7796 ou pelo e-mail: cep@unirio.br.

Declaro que li as afirmações anteriores, tenho 18 anos ou mais, concordo com os termos do TCLE e aceito participar da pesquisa.

Apêndice C - Convite para Ajuste do Roteiro de Entrevista para Avaliadores

Sou a enfermeira e doutoranda Franciane Dantas de Lima, pesquisadora responsável, e estou sob orientação do Profa. Dra. Maria Simone de Menezes Alencar no Doutorado em Enfermagem e Biociências - PPGENFBIO - da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Você está convidado(a) a ajustar o questionário da pesquisa acadêmica intitulada: "**O compartilhamento e reúso de dados dos pesquisadores de grupos de pesquisa na área de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro**". Este estudo visa *refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro.* Espera-se que os resultados deste estudo indiquem estratégias a serem adotadas visando o incentivo à prática do compartilhamento dos dados gerados pelos pesquisadores em enfermagem.

O processo de ajuste consiste em você avaliar o roteiro de perguntas da entrevista conforme: clareza das perguntas e compreensão do conteúdo. Para participar, primeiramente você deve realizar a leitura, entender e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que se encontra disponível no link que se apresenta ao final deste documento. Somente após essa etapa é que será encaminhado um link da avaliação do roteiro de perguntas da entrevista. Solicito que o responda em até 5 dias.

O roteiro de perguntas da entrevista está organizado em três grandes blocos, sendo distribuídos assim: 1- Dados pessoais do entrevistado e 2- Dados da pesquisa do entrevistado em relação ao compartilhamento de dados e 3- Reutilização de dados de pesquisa. O tempo estimado para a avaliação do roteiro é em torno de 20 minutos.

A pesquisa se dará com líderes e vice-líderes de grupos de pesquisa na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, os quais receberão o convite por e-mail com um link para responder se concordam em participar ou não. Caso haja concordância, serão encaminhados para página com o TCLE da pesquisa e logo após se dará início a primeira etapa (bloco 1) da coleta de dados onde será traçado o perfil do participante através de um instrumento. Após o término do preenchimento do instrumento, haverá um direcionamento para a agenda do Google para a marcação da entrevista. Os blocos 2 e 3 abordam as perguntas da entrevista.

Todos os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente com finalidades científicas, com anonimato garantido, conforme previsto no consentimento do participante.

Agradeço desde já sua atenção e colaboração.

Link para o TCLE para o Avaliador
Link para a Avaliação do roteiro de entrevista

Apêndice D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para Avaliador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Baseado nas Resoluções 466/12 e 510/16, apresenta-se a pesquisa:

Título: "**O compartilhamento e reúso de dados dos pesquisadores de grupos de pesquisa na área de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro**"

Pesquisadora responsável: Doutoranda Franciane Dantas de Lima.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone de Menezes Alencar.

O objetivo geral deste estudo é *refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro.* Quanto à metodologia, esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa, através da aplicação de entrevista on-line. Este estudo visa caracterizar o perfil, identificar e analisar as práticas dos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro sobre o compartilhamento e reúso de dados de pesquisa. Espera-se que os resultados deste estudo indiquem estratégias a serem adotadas visando o incentivo à prática do compartilhamento dos dados gerados pelos pesquisadores em enfermagem.

Antes de concordar em participar deste processo de avaliação do roteiro de entrevista é muito importante que você compreenda as informações contidas neste documento. Sua participação neste processo é voluntária. Você pode solicitar esclarecimentos em qualquer momento, antes e durante o desenvolvimento do processo ou da pesquisa, além de total liberdade para recusar a participação antes e/ou durante qualquer etapa do processo. Será assegurada a sua liberdade para deixar de responder qualquer pergunta sem necessidade de explicação ou justificativa e sem prejuízo ao estudo. Caso queira interromper sua participação a qualquer momento, sua privacidade será preservada.

O tempo estimado para a leitura do roteiro da entrevista é em torno de 20 minutos, podendo variar de acordo com o ritmo individual. Caso sinta-se incomodado ou constrangido com as perguntas, poderá não responder a algumas questões ou desistir de participar a qualquer momento.

Através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você está sendo alertado de que não há benefício direto ao participante deste processo de avaliação. O benefício será científico e social. A pesquisadora lhe assegura livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo. É assegurado ao participante do processo de avaliação do roteiro da entrevista desta pesquisa ser indenizado por quaisquer danos sofridos em decorrência dela, tendo direito a solicitar indenização através das vias judiciais e/ou extrajudiciais. O estudo não terá auxílio de instituições de fomento e não irá gerar qualquer custo, sendo custeado totalmente pelos pesquisadores. Não haverá nenhum custo para o participante em qualquer fase do estudo. Do mesmo modo, não haverá compensação financeira relacionada à sua participação.

Orienta-se que você salve no seu computador em formato *print* de tela e/ou imprima este documento guardando-o com você. Mesmo assim, após avaliar o roteiro e enviar suas considerações, você receberá em seu e-mail uma cópia do TCLE assinada pela pesquisadora responsável, em arquivo no formato PDF. Por favor, salve este documento em lugar seguro.

Os pesquisadores envolvidos nesse processo de ajuste do roteiro da entrevista não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os dados da pesquisa forem publicados, assegurando o sigilo de sua identidade, ou seja, o seu nome não será divulgado,

oferecendo total privacidade e anonimato das informações quando divulgadas/publicadas em eventos, livros e revistas científicas.

O risco deste processo é mínimo por envolver apenas a resposta às perguntas da avaliação online do roteiro, o qual poderá ser respondido no momento e local de sua preferência. Porém, em função da forma virtual e das tecnologias utilizadas para coleta dos dados, existem riscos inerentes ao ambiente eletrônico. Falhas de segurança em *software*, falhas em rede, ciberataques, espionagem entre outras práticas podem acontecer e fogem da responsabilidade, controle e gestão da pesquisadora responsável. Buscando assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante deste processo de avaliação do roteiro de entrevista, ao término da coleta dos dados será realizado o *download* dos dados para o computador pessoal da pesquisadora responsável e será apagado do ambiente virtual. O mesmo tratamento será dado às respostas contendo o TCLE assinado.

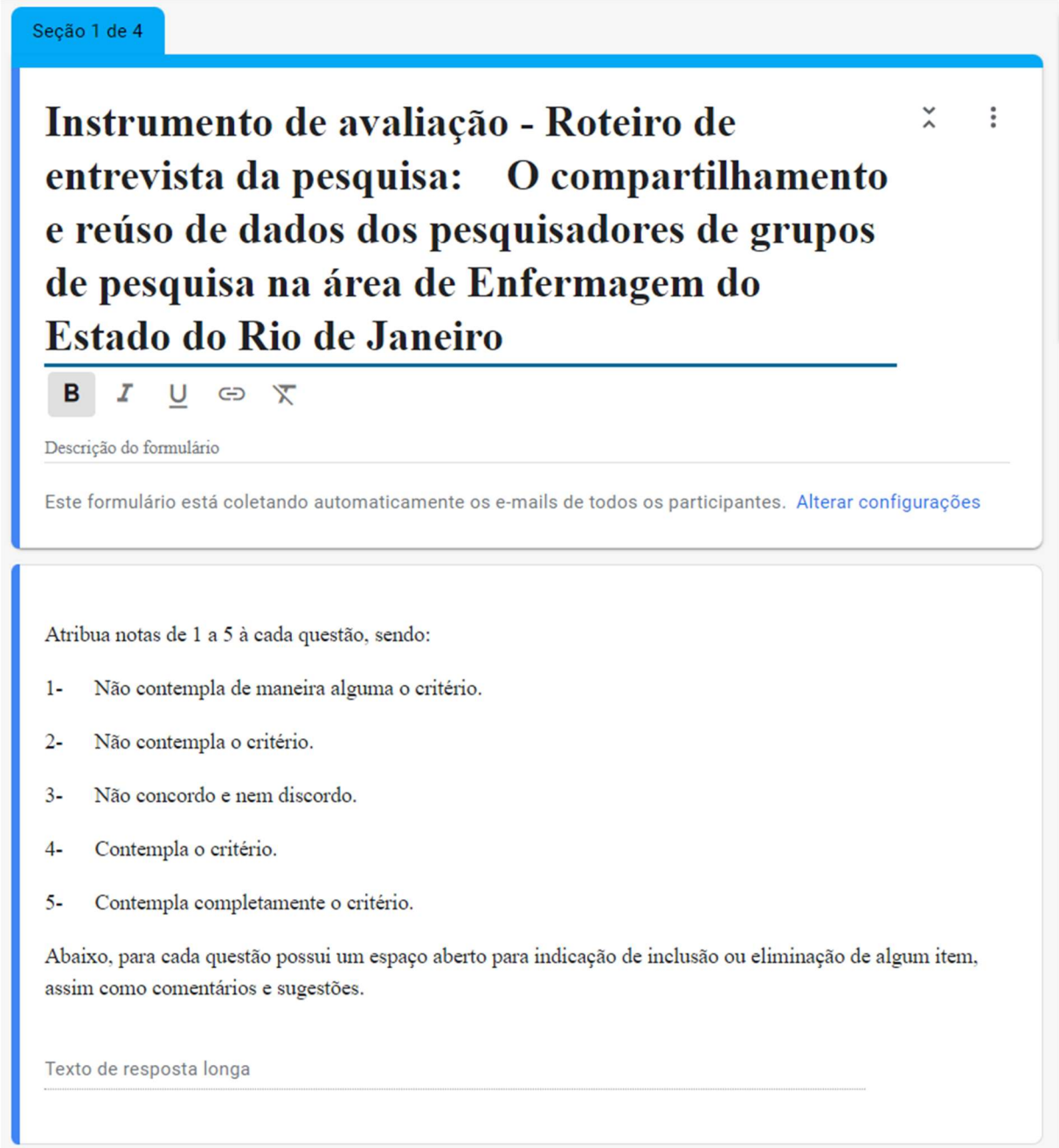
A percepção de qualquer risco ou danos aos participantes desta pesquisa, previstos ou não neste TCLE, o Sistema CEP/CONEP será imediatamente comunicado e ações para adequar ou suspender essa pesquisa serão tomadas para não prejudicar o participante.

Para qualquer informação que se faça necessária você poderá entrar em contato com Franciane Dantas de Lima, através do e-mail: franciane.lima@unirio.br. Se julgar conveniente, outro contato poderá ser feito com o Comitê de Ética em Pesquisa - UNIRIO através do telefone (21) 2542-7796 ou pelo e-mail: cep@unirio.br.

Declaro que li as afirmações anteriores, tenho 18 anos ou mais, concordo com os termos do TCLE e aceito participar do processo de ajuste do roteiro de entrevista da pesquisa.

Apêndice E - Avaliação do Roteiro de Entrevista

Avaliação do roteiro de entrevista: Link



Seção 2 de 4

Bloco - Dados pessoais do entrevistado

Descrição (opcional)

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

1- Qual o seu nome?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 1:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

2- Qual a sua faixa etária?
( ) Menos que 25 anos ( ) De 25 a 34 anos ( ) De 35 a 44 anos ( ) De 45 a 54 anos
( ) De 55 a 64 anos ( ) 65 anos ou mais

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 2:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

3- Qual o seu gênero?
( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Prefiro não responder ( ) Outros.
Qual:
_____

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 3:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

4- Qual a sua graduação?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o critè…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 4:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

5- Qual é o seu maior nível de escolaridade?
( ) Pós-Doutorado ( ) Doutorado ( ) Mestrado Acadêmico ( ) Mestrado Profissional
( ) Especialização ( ) Graduação Tecnólogo
( )
Outros:_____

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 5:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

6- Há quanto tempo você atua em pesquisa?
( ) Menos de 5 anos ( ) Entre 5 e 9 anos ( ) De 10 a 14 anos ( ) De 15 a 19 anos ( ) De 20 a 24 anos ( ) De 25 a 29 anos ( ) 30 anos ou mais

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o critê…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 6:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

7- Qual área melhor descreve sua disciplina principal com base em sua pesquisa atual?
( ) Enfermagem ( ) Enfermagem de Doenças Contagiosas ( ) Enfermagem de Saúde Pública
( ) Enfermagem Médico-Cirúrgica ( ) Enfermagem Obstétrica ( ) Enfermagem Psiquiátrica
( ) Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso ( ) Enfermagem na Saúde da Criança e Adolescente

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o critér…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 7:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

8- Qual o nome da instituição a qual está vinculado?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 8:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

9- Qual é a sigla da instituição ao qual está vinculado?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 9:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

10- Qual seu vínculo institucional?

( ) Professor 40h D.E. ( ) Professor 40h ( ) Professor 20h ( ) Professor visitante/colaborador

( ) Pesquisador ( ) Pós-Graduando ( ) Técnico-administrativo desenvolvendo atividades de pesquisa ( ) Outros

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o critér…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 10:

Texto de resposta longa

Bloco - Dados pessoais do entrevistado *

11- Qual das alternativas melhor descreve o principal financiador da sua pesquisa?
( ) Agência de fomento nacional ( ) Agência de fomento internacional ( ) Agência de fomento regional ( ) Empresa privada ( ) A própria instituição ( ) Sem financiamento instituição para pesquisa ( )
Outros:_____

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o critér…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 11:

Texto de resposta longa

Seção 3 de 4

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados

Descrição (opcional)

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

A ciência aberta é um movimento que promove a transparência, a colaboração e o compartilhamento de conhecimento científico. A abertura de processos de criação, avaliação e comunicação do conhecimento científico viabiliza a reutilização, redistribuição e reprodução integral ou parcial dos trabalhos, incluindo os dados e métodos utilizados. Um dos elementos fundamentais no movimento da ciência aberta é a disponibilização de dados abertos de pesquisa.

1- Você gostaria de fornecer uma breve visão geral do seu estudo e dos dados relacionados a ele?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 1:

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

O compartilhamento de dados é uma parte importante nas boas práticas para a ciência aberta. Envolve a publicação dos dados em acesso aberto na internet sem barreiras financeiras, legais ou técnicas. Muitos são os locais em que você pode disponibilizar seus dados como arquivo suplementar em artigos científicos, nos repositórios temáticos, , repositórios institucionais e etc.

2- Você já compartilhou seus dados de pesquisa? Caso positivo, onde você compartilhou?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 2:

Texto de resposta longa

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

Os dados podem ser classificados quanto à sua origem: dados observacionais (observação direta), computacionais (gerados a partir de modelos computacionais ou de simulações) ou experimentais (provenientes de experimentos, geralmente controlados em bancadas de laboratórios); e quanto ao seu tipo: dados numéricos (planilhas), textuais (documentos), imagens, áudio, vídeo e etc.

3- Caso você já tenha compartilhado os dados, quais eram os tipos ?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 3:

Texto de resposta longa

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

4- Caso você tenha compartilhado seus dados de pesquisa, qual foi a motivação para fazê-lo?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 4:

Texto de resposta longa

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

Diversos atores estão envolvidos para colaborar na partilha dos dados como:
- universidades/centros de pesquisa
- agências de fomento
- editores científicos
- grupos de pesquisa
- pesquisadores

5-Na sua opinião, que medidas são necessárias para estimular o compartilhamento de dados de pesquisa por parte desses atores?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 5:

Texto de resposta longa

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

6- Na sua opinião, quais são os benefícios de compartilhar dados?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 6:

Texto de resposta longa

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

7- Na sua opinião, quais são os desafios de compartilhar os dados de pesquisa?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 7:

Texto de resposta longa

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

8- Como você imagina que as pessoas irão encontrar os seus dados compartilhados?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 8:

Texto de resposta longa

Bloco - Perguntas sobre o compartilhamento de dados *

Muitos são os anseios dos pesquisadores em não compartilhar seus dados de pesquisa, algumas práticas tornam o compartilhamento difícil colaborando para ser uma prática não padronizada.

9- Caso não tenha compartilhado os dados, existe alguma razão específica para não ter feito?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 9:

Texto de resposta longa

Seção 4 de 4

Bloco - Perguntas sobre o reúso de dados

Descrição (opcional)

Bloco - Perguntas sobre o reúso de dados *

O reúso de dados pode ser compreendido como o ato de se utilizar os dados previamente compartilhados em um ambiente de acesso aberto e utilizá-los em outras pesquisas podendo haver ou não relação com a pesquisa de origem. O reúso é uma consequência do compartilhamento sendo essencial que os dados estejam disponíveis de maneira completa e sem restrições para tornar seu acesso viável e servir como material complementar ou de suporte para novos estudos.

10- Você já reutilizou dados?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 10:

Texto de resposta longa

Bloco - Perguntas sobre o reúso de dados *

11-Caso você já tenha reutilizado, você poderia falar um pouco como foi?

	Não contempla d…	Não contempla o …	Não concordo e n…	Contempla o crité…	Contempla compl…
Organização	○	○	○	○	○
Objetividade	○	○	○	○	○
Clareza	○	○	○	○	○
Facilidade de com…	○	○	○	○	○
Compreensão de …	○	○	○	○	○

Abaixo, você poderá sugerir inclusão ou eliminação de algum item , além de comentar a questão 11:

Texto de resposta longa

Apêndice F - Convite para Participação do Pesquisador

Sou a enfermeira e doutoranda Franciane Dantas de Lima, pesquisadora responsável, e estou sob orientação do Profa. Dra. Maria Simone de Menezes Alencar no Doutorado em Enfermagem e Biociências - PPGENFBIO - da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

A Ciência Aberta promove um aumento da produção do conhecimento onde inclui movimentos e práticas que tem como a finalidade disponibilizar abertamente o conhecimento científico a fim de torná-lo acessível para todas as pessoas. Ao investigar as práticas de como os líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa na área de enfermagem têm procurado compartilhar e reutilizar os dados de pesquisa, pode-se levar ao esclarecimento de possíveis etapas posteriores que sustentam a construção do acesso aberto a dados de pesquisa. Na área da enfermagem, o compartilhamento e reúso dos dados de pesquisa pode contribuir muito com uma troca favorável de experiências de forma que qualquer pessoa no mundo possa ter acesso e caracterizando dessa forma uma ciência mais justa. Sendo assim, gostaria de convidar a participar da pesquisa acadêmica intitulada: "**O compartilhamento e reúso de dados dos pesquisadores de grupos de pesquisa na área de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro**". Este estudo visa *refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro.* Pesquisa aprovada no Comitê de Ética e Pesquisa da UNIRIO - CAAE nº 69467923.2.0000.5285.

Espera-se que os resultados deste estudo indiquem estratégias a serem adotadas visando o incentivo à prática do compartilhamento dos dados gerados pelos pesquisadores em enfermagem.

Para participar dessa pesquisa primeiramente você deve realizar a leitura, entender e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que se encontra disponível no link que se apresenta ao final deste documento. Somente após essa etapa é que se dará início para a entrevista on-line.

Todos os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente com finalidades científicas, com anonimato garantido, conforme previsto no consentimento do participante.

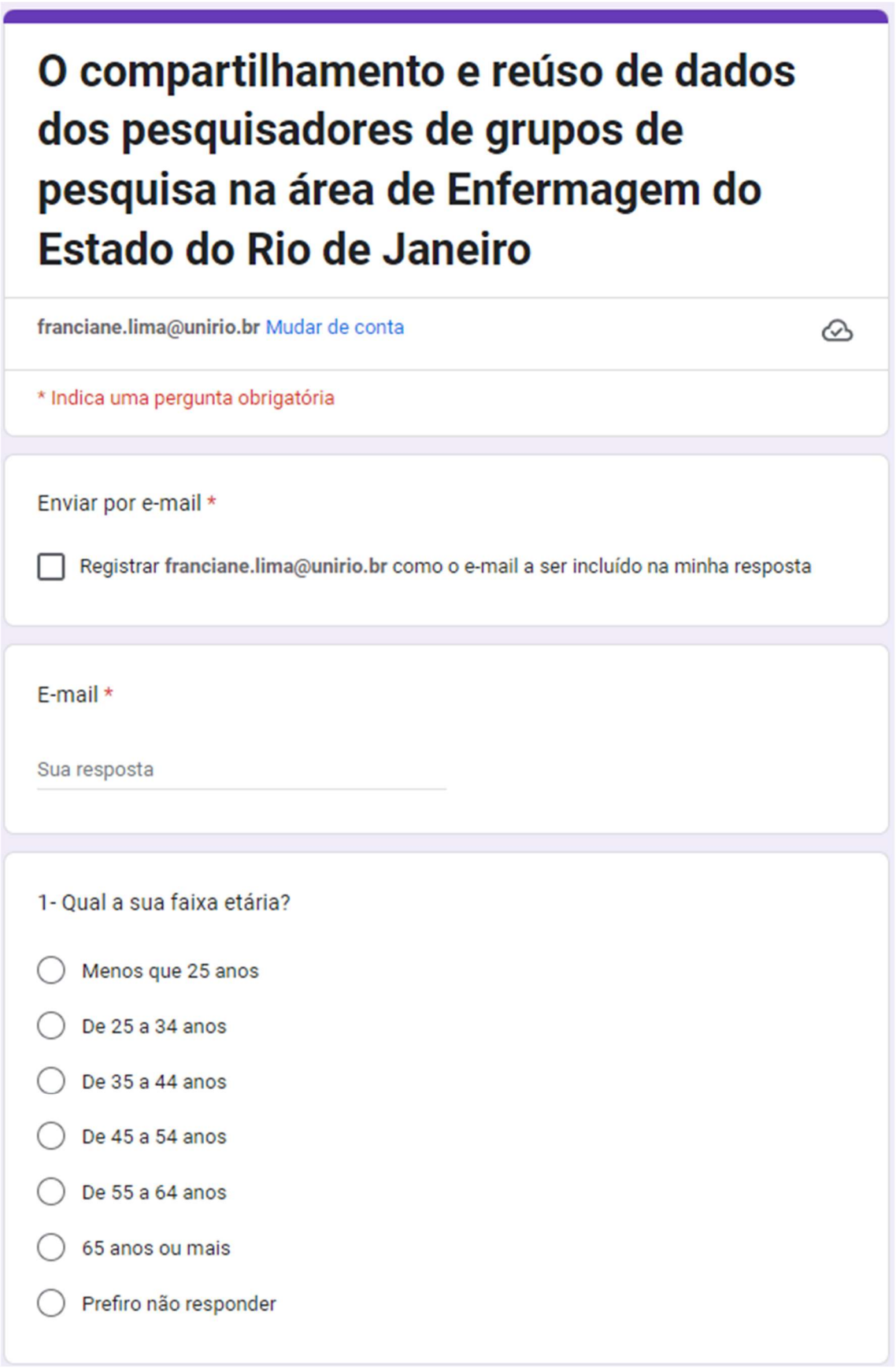
Gostaria de informar que a entrevista será gravada e solicito sua autorização para a gravação durante todo o processo da entrevista.

Link para o TCLE da pesquisa: Link

Agradeço desde já sua atenção e colaboração.

Apêndice G - Perfil do Entrevistado

Formulário de preenchimento do perfil: Link



O compartilhamento e reúso de dados dos pesquisadores de grupos de pesquisa na área de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro

franciane.lima@unirio.br Mudar de conta

* Indica uma pergunta obrigatória

Enviar por e-mail *

Registrar franciane.lima@unirio.br como o e-mail a ser incluído na minha resposta

E-mail *

Sua resposta

1- Qual a sua faixa etária?

- Menos que 25 anos
- De 25 a 34 anos
- De 35 a 44 anos
- De 45 a 54 anos
- De 55 a 64 anos
- 65 anos ou mais
- Prefiro não responder

2- Qual o seu gênero?

- ◯ Feminino
- ◯ Masculino
- ◯ Prefiro não responder
- ◯ Outro: _____

3- Qual a sua graduação?

- ◯ Enfermagem
- ◯ Medicina
- ◯ Nutrição
- ◯ Odontologia
- ◯ Farmácia
- ◯ Fisioterapia
- ◯ Psicologia
- ◯ Fonoaudióloga
- ◯ Veterinária
- ◯ Prefiro não responder
- ◯ Outro: _____

4- Qual é a sua maior titulação?

- ◯ Pós-Doutorado
- ◯ Doutorado
- ◯ Mestrado Acadêmico
- ◯ Mestrado Profissional
- ◯ Especialização
- ◯ Graduação Tecnólogo
- ◯ Prefiro não responder
- ◯ Outro: _____

5- Há quanto tempo você atua em pesquisa?

- ◯ Menos de 5 anos
- ◯ Entre 5 e 9 anos
- ◯ De 10 a 14 anos
- ◯ De 15 a 19 anos
- ◯ Mais de 20 anos
- ◯ Prefiro não responder
- ◯ Outro: _____

6- Qual área melhor descreve sua disciplina principal com base em sua pesquisa atual?

- ◯ Enfermagem
- ◯ Enfermagem de Doenças Contagiosas
- ◯ Enfermagem de Saúde Pública
- ◯ Enfermagem Médico-Cirúrgica
- ◯ Enfermagem Obstétrica
- ◯ Enfermagem Psiquiátrica
- ◯ Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso
- ◯ Enfermagem na Saúde da Criança e Adolescente
- ◯ Prefiro não responder
- ◯ Outro: _____

7- Qual o nome da instituição a qual está vinculado?

Sua resposta

8- Qual é a sigla da instituição ao qual está vinculado?

Sua resposta

9- Qual seu vínculo institucional?

- ◯ Professor 40h D.E.
- ◯ Professor 40h
- ◯ Professor 20h
- ◯ Professor visitante/colaborador
- ◯ Pesquisador
- ◯ Pós-Graduando
- ◯ Técnico-administrativo desenvolvendo atividades de pesquisa
- ◯ Prefiro não responder
- ◯ Outro: _____

10- Qual das alternativas melhor descreve o principal financiador da sua pesquisa?

- ◯ Agência de fomento nacional
- ◯ Agência de fomento internacional
- ◯ Agência de fomento regional
- ◯ Empresa privada
- ◯ A própria instituição
- ◯ Sem financiamento instituição para pesquisa
- ◯ Prefiro não responder
- ◯ Outro: _____

Você poderia escrever um pouco sobre o seu projeto de pesquisa e os dados relacionados a ele?

Sua resposta

Agendamento para a entrevista virtual
Agenda

Sua resposta

Você gostaria de receber atualização e informações sobre:
(Por favor, escolha a(s) que mais se adeque(m))

- [ ] Atividades do LabiNOVA (O Laboratório de Ciência Aberta e Dados de Pesquisa para apoio à Inovação)
- [ ] Resultados dessa pesquisa
- [ ] Não desejo receber

Apêndice H - Roteiro de Entrevista da Pesquisa

A ciência aberta é um movimento que promove a transparência, a colaboração e o compartilhamento de conhecimento científico. A abertura de processos de criação, avaliação e comunicação do conhecimento científico viabiliza a reutilização, redistribuição e reprodução integral ou parcial dos trabalhos, incluindo os dados e métodos utilizados. Um dos elementos fundamentais no movimento da ciência aberta é a disponibilização de dados abertos de pesquisa.

1- Você poderia fornecer uma breve visão geral do seu estudo e dos dados relacionados a ele?

O compartilhamento de dados é uma parte importante nas boas práticas para a ciência aberta. Envolve a publicação dos dados em acesso aberto na internet sem barreiras financeiras, legais ou técnicas. Muitos são os locais em que você pode disponibilizar seus dados como arquivo suplementar em artigos científicos, nos repositórios temáticos, repositórios institucionais e etc.

2- Você já compartilhou seus dados de pesquisa? Caso positivo, onde você compartilhou?

Os dados podem ser classificados quanto à sua origem: dados observacionais (observação direta), computacionais (gerados a partir de modelos computacionais ou de simulações) ou experimentais (provenientes de experimentos, geralmente controlados em bancadas de laboratórios); e quanto ao seu tipo: dados numéricos (planilhas), textuais (documentos), imagens, áudio, vídeo e etc.

3- Caso você já tenha compartilhado os dados, quais eram os tipos? Ou Quais os tipos de dados da sua pesquisa?

Muitas são as razões para o compartilhamento dos dados pelos pesquisadores, principalmente os da área da saúde. Reprodutibilidade, aumento de citações, requisitos administrativos, benefícios acadêmicos, reconhecimento ou até mesmo a promoção da ciência aberta são alguns dos motivos para compartilhar.

4- Caso você tenha compartilhado seus dados de pesquisa, qual foi a motivação para fazê-lo? ou Na sua opinião quais as motivações para se compartilhar dados?

Diversos atores estão envolvidos para colaborar na partilha dos dados como:

- universidades/centros de pesquisa
- agências de fomento
- editores científicos
- grupos de pesquisa
- pesquisadores

5-Na sua opinião, que medidas são necessárias para estimular o compartilhamento de dados de pesquisa por parte desses atores?

6- Na sua opinião, quais são os benefícios de compartilhar dados?

7- Na sua opinião, quais são os desafios de compartilhar os dados de pesquisa?

8- Como você pensa que as pessoas irão encontrar os seus dados compartilhados?

Muitos são os anseios dos pesquisadores em não compartilhar seus dados de pesquisa, algumas práticas tornam o compartilhamento difícil colaborando para ser uma prática não padronizada.

9- Em casos de situações de não compartilhamento dos dados, quais foram as razões? ou Na sua opinião quais são as razões para não compartilhar dados?

O reúso de dados pode ser compreendido como o ato de se utilizar os dados previamente compartilhados em um ambiente de acesso aberto e utilizá-los em outras pesquisas podendo haver ou não relação com a pesquisa de origem. O reúso é uma consequência do compartilhamento sendo essencial que os dados estejam disponíveis de maneira completa e sem restrições para tornar seu acesso viável e servir como material complementar ou de suporte para novos estudos.

10- Você já reutilizou dados de outros estudos/pesquisas científicas?

11-Caso você já tenha reutilizado, você poderia falar um pouco como foi? ou Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens do reúso de dados?

Anexo A - Check-list dos critérios consolidados para relatos de pesquisa qualitativa (COREQ)

CONSOLIDATED CRITERIA FOR REPORTING QUALITATIVE RESEARCH (COREQ) - VERSÃO EM PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL (SOUZA, MARZIALE, SILVA, NASCIMENTO, 2021) *

Critérios consolidados para relatar pesquisa qualitativa			
Nº do item	Tópico	Perguntas/Descrição do Guia	Pag.
Domínio 1: Equipe de pesquisa e reflexividade			
	Características pessoais		
1	Entrevistador/facilitador	Qual autor (autores) conduziu a entrevista ou o grupo focal?	
2	Credenciais	Quais eram as credenciais do pesquisador? Exemplo: PhD, médico.	
3	Ocupação	Qual a ocupação desses autores na época do estudo?	
4	Gênero	O pesquisador era do sexo masculino ou feminino?	
5	Experiência e treinamento	Qual a experiência ou treinamento do pesquisador?	
	Relacionamento com os participantes		
6	Relacionamento estabelecido	Foi estabelecido um relacionamento antes do início do estudo?	
7	Conhecimento do participante sobre o entrevistador	O que os participantes sabiam sobre o pesquisador? Por exemplo: objetivos pessoais, razões para desenvolver a pesquisa.	
8	Características do entrevistador	Quais características foram relatadas sobre o entrevistador/facilitador? Por exemplo, preconceitos, suposições, razões e interesses no tópico da pesquisa.	
Domínio 2: Conceito do estudo			
	Estrutura teórica		
9	Orientação metodológica e teoria	Qual orientação metodológica foi declarada para sustentar o estudo? Por exemplo: teoria fundamentada, análise do discurso, etnografia, fenomenologia e análise de conteúdo.	
	Seleção de participantes		
10	Amostragem	Como os participantes foram selecionados? Por exemplo: conveniência, consecutiva, amostragem, bola de neve.	
11	Método de abordagem	Como os participantes foram abordados? Por exemplo: pessoalmente, por telefone, carta ou e-mail.	
12	Tamanho da amostra	Quantos participantes foram incluídos no estudo?	
13	Não participação	Quantas pessoas se recusaram a participar ou desistiram? Por quais motivos?	
	Cenário		
14	Cenário da coleta de dados	Onde os dados foram coletados? Por exemplo: na casa, na clínica, no local de trabalho.	
15	Presença de não participantes	Havia mais alguém presente além dos participantes e pesquisadores?	
16	Descrição da amostra	Quais são as características importantes da amostra? Por exemplo: dados demográficos, data da coleta.	
	Coleta de dados		
17	Guia da entrevista	Os autores forneceram perguntas, instruções, guias? Elas foram testadas por teste-piloto?	
18	Repetição de entrevistas	Foram realizadas entrevistas repetidas? Se sim, quantas?	
19	Gravação audiovisual	A pesquisa usou gravação de áudio ou visual para coletar os dados?	
20	Notas de campo	As notas de campo foram feitas durante e/ou após a entrevista ou o grupo focal?	
21	Duração	Qual a duração das entrevistas ou do grupo focal?	
22	Saturação de dados	A saturação de dados foi discutida?	

Critérios consolidados para relatar pesquisa qualitativa			
Nº do item	Tópico	Perguntas/Descrição do Guia	Pag.
23	Devolução de transcrições	As transcrições foram devolvidas aos participantes para comentários e/ou correção?	
Domínio 3: Análise e resultados			
	Análise de dados		
24	Número de codificadores de dados	Quantos foram os codificadores de dados?	
25	Descrição da árvore de codificação	Os autores forneceram uma descrição da árvore de codificação?	
26	Derivação de temas	Os temas foram identificados antecipadamente ou derivados dos dados?	
27	Software	Qual software, se aplicável, foi usado para gerenciar os dados?	
28	Verificação do participante	Os participantes forneceram feedback sobre os resultados?	
	Relatório		
29	Citações apresentadas	As citações dos participantes foram apresentadas para ilustrar os temas/achados? Cada citação foi identificada? Por exemplo, pelo número do participante.	
30	Dados e resultados consistentes	Houve consistência entre os dados apresentados e os resultados?	
31	Clareza dos principais temas	Os principais temas foram claramente apresentados nos resultados?	
32	Clareza de temas secundários	Há descrição dos diversos casos ou discussão dos temas secundários?	

Extraído de:
***Souza VR, Marziale MH, Silva GT, Nascimento PL. Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. Acta Paul Enferm. 2021;34:eAPE02631.**
http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2021ao02631

Anexo B - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O compartilhamento e reúso de dados dos pesquisadores da área de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro

Pesquisador: Franciane Dantas de Lima

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69467923.2.0000.5285

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Biociências

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.079.744

Apresentação do Projeto:

Texto retirado das Informações Básicas do Projeto e inseridas na Plataforma Brasil pela pesquisadora responsável:

"[...] Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa onde será utilizado uma entrevista semiestruturada que busca refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, procura investigar como os pesquisadores de grupos de pesquisa na área de enfermagem estão fazendo essa prática a fim de facilitar o acesso aos dados e contribuir para o progresso da ciência moderna."

Objetivo da Pesquisa:

Texto retirado das Informações Básicas do Projeto e inseridas na Plataforma Brasil pela pesquisadora responsável:

Objetivo Primário:

"Refletir sobre as práticas de compartilhamento e reúso de dados de pesquisa realizadas pelos pesquisadores na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro."

Objetivo Secundário:

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br



"Caracterizar o perfil dos pesquisadores vinculados aos grupos de pesquisa na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro;Provocar reflexão sobre práticas de compartilhamento e reuso de dados de pesquisa nos investigadores dos grupos de pesquisa na área de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro; Descrever as práticas dos pesquisadores dos grupos de pesquisa na área de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro sobre o compartilhamento e reúso de dados de pesquisa;Disseminar boas práticas de gerenciamento, compartilhamento e reuso de dados de pesquisa na área de Enfermagem alinhados aos princípios FAIR."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Texto retirado das Informações Básicas do Projeto e inseridas na Plataforma Brasil pela pesquisadora responsável:

"O risco da pesquisa é mínimo por envolver apenas a resposta ao instrumento on-line, o qual poderá ser respondido no momento e local de sua preferência. Porém, em função da forma virtual e das tecnologias utilizadas para coleta dos dados, existem riscos inerentes ao ambiente eletrônico. Falhas de segurança em software, falhas em rede, ciberataques, espionagem entre outras práticas podem acontecer e fogem da responsabilidade, controle e gestão da pesquisadora responsável. Buscando assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa, ao término da coleta dos dados será realizado o download dos dados para o computador pessoal da pesquisadora responsável e será apagado do ambiente virtual. O mesmo tratamento será dado aos e-mails de resposta contendo o TCLE assinado. À percepção de qualquer risco ou danos aos participantes desta pesquisa, previstos ou não neste TCLE, o Sistema CEP/CONEP será imediatamente comunicado e ações para adequar ou suspender essa pesquisa serão tomadas para não prejuízo do participante."

Benefícios:

"A possibilidade de compartilhamento e reúso dos dados é um dos pilares da Ciência Aberta , que é retratada por um conceito que representa uma abertura para a democratização do conhecimento. Muitos são os benefícios da ciência aberta a todos os envolvidos, tanto aos pesquisadores e às instituições de pesquisa e fomento, quanto para a sociedade ao promover a qualidade e eficiência da pesquisa e produção de novos conhecimentos. (LECARDELLI e LUCAS,2019). Para a enfermagem, entender como compartilhar e reusar os dados de pesquisa pode molhorar os resultados organizacionais e auxiliar nas pesquisas."

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

Continuação do Parecer: 6.079.744

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com coleta de dados por meio de formulários online, vinculada ao PPGENFBIO/UNIRIO.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

-Apresenta a folha de rosto assinada pelo coordenador do PPGENFBIO, Fernando Porto.

-Apresenta o TCLE, roteiro das entrevistas e questionário.

-Apresenta projeto detalhado

-Apresenta carta convite

-Cronograma, orçamento

Recomendações:

Recomenda-se que na PB fique claro que os participantes do estudo não terão benefícios diretos. O TCLE contem tal informação, mas na PB constam os benefícios gerais da pesquisa e nada que se refere aos participantes do estudo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Inserir os relatórios parcial(is) (a cada 6 meses) e final da pesquisa na Plataforma Brasil por meio de Notificação.

Consulte o site do CEP UNIRIO (www.unirio.br/cep) para identificar materiais e informações que podem ser úteis, tais como:

a) Modelos de relatórios e como submetê-los (sub abas "Relatórios" e "Notificações" e aba "Materiais de apoio e tutoriais");

b) Situações que podem ocorrer após aprovação do projeto (mudança de cronograma e da equipe de pesquisa, alterações do protocolo pesquisa; observação de efeitos adversos, ...) e a forma de comunicação ao CEP (aba "Tramitação após aprovação do projeto" e suas sub abas).

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO



Continuação do Parecer: 6.079.744

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2136789.pdf	09/05/2023 19:52:28		Aceito
Folha de Rosto	IMG_20230509_0002.pdf	09/05/2023 19:50:39	Franciane Dantas de Lima	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/05/2023 01:09:00	Franciane Dantas de Lima	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPlataformaBrasilFRANCIANE.pdf	09/05/2023 01:02:42	Franciane Dantas de Lima	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	09/05/2023 00:58:51	Franciane Dantas de Lima	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIO DE JANEIRO, 25 de Maio de 2023

Assinado por:
ANDRESSA TEOLI NUNCIARONI FERNANDES
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br